

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

**PATRIMÔNIO EM PROSA E VERSO: a correspondência de Rodrigo Melo Franco  
de Andrade para Augusto Meyer**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais

Laura Regina Xavier  
Rio de Janeiro, junho de 2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

**Xavier, Laura Regina**

**Patrimônio em prosa e verso: a correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Augusto Meyer / Laura Regina Xavier. – 2008. 156 f.**

**Dissertação (Mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais.**

**Orientador: Lucia Maria Lippi Oliveira.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Meyer, Augusto, 1902-1970 – Correspondência. 2. Andrade, Rodrigo M. F. de (Rodrigo Melo Franco de), 1898-1969 – Correspondência. 3. Patrimônio cultural – Proteção – Rio Grande do Sul. I. Oliveira, Lucia Lippi. II. Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. III. Título.**

**CDD – 363.69**

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS  
SOCIAIS**

**PATRIMÔNIO EM PROSA E VERSO: A correspondência de Rodrigo Melo Franco  
de Andrade para Augusto Meyer**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO POR

**LAURA REGINA XAVIER**

E APROVADA EM \_\_\_\_\_

PELA BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
PROFESSORA Dr<sup>a</sup>. CÉLIA MARIA LEITE COSTA

\_\_\_\_\_  
PROFESSORA Dr<sup>a</sup>. MARIETA DE MORAES FERREIRA

---

PROFESSORA Dr<sup>a</sup>. HELENA BOMENY (SUPLENTE)

---

PROFESSORA Dr<sup>a</sup>. LÚCIA MARIA LIPPI OLIVEIRA (ORIENTADORA)

***DEDICATÓRIA***

Ao meu pai Virgilio (In memorian)

À minha mãe, Geny,  
e as minhas filhas Letícia e Rafaela.

## Memória

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão

Mas as coisas findas  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

*Carlos Drummond de Andrade*

## Resíduo

Pois de tudo fica um pouco.  
Fica um pouco de teu queixo

no queixo de tua filha.  
De teu áspero silêncio  
um pouco ficou, um pouco  
nos muros zangados,  
nas folhas, mudas, que sobem.

Ficou um pouco de tudo  
no pires de porcelana,  
dragão partido, flor branca,  
ficou um pouco  
de ruga na vossa testa,  
retrato.

[...]

E de tudo fica um pouco.  
Oh abre os vidros de loção  
e abafa  
o insuportável mau cheiro da memória.

*Carlos Drummond de Andrade*

*Guardar as cartas consigo,*

*Nunca mostrar a ninguém,*

*Não as publicar também:*

*De indiferente ou de amigo,*

*Guardar ou rasgar. Ao sol*

*Carta é farol.*

*guardar as cartas*



## ***AGRADECIMENTOS***

Sempre a Deus, meu refúgio e minha fortaleza, por ter colocado em meu caminho amigos que me apoiaram nessa trajetória.

À minha família, pelo apoio em todos os momentos desta caminhada, especialmente à minha mãe, que, muitas vezes, teve que assumir o meu papel de “mãe”, e à tia Aparecida, pelo carinho dispensado às minhas filhas quando não pude ser tão presente.

À minha orientadora, Lúcia Lippi, pelo carinho com que me recebeu, mesmo no meio do caminho, e pela orientação competente e incentivo constante.

Aos professores da banca de qualificação e de defesa, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Célia Costa e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marieta de Moraes Ferreira, pela gentileza em colaborar com a apreciação desta pesquisa.

Aos diretores da Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB, por tornarem possível a realização deste mestrado.

Às senhoras Clara de Andrade Alvim e Amélia Mouro, responsáveis, respectivamente, pelos arquivos privados pessoais de Rodrigo Melo Franco de Andrade e Augusto Meyer, pela gentil autorização da reprodução das cartas e telegramas que constituem o produto desta dissertação.

Aos professores do CPDOC – FGV, em especial à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Célia Costa, pelo entusiasmo com que recebeu minha intenção de fazer o mestrado.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Odila Fonseca, onde quer que esteja, pelo feliz reencontro no mestrado, que permitiu o aprofundamento dos seus ensinamentos transmitidos na graduação em Arquivologia, na Universidade Federal Fluminense.

Aos amigos que ficaram na “torcida”, acreditando que esta etapa seria concluída com êxito, e aos que foram mais além da torcida, colaborando efetivamente, de modo muito especial: Eliane Vasconcellos, Rosely Rondinelli e Ivete Maria Savelli.

Aos colegas do AMLB, pelo convívio alegre e estimulante, em especial a Glauber Andrade Cruz, pela ajuda bem humorada com a formatação do texto e digitalização dos documentos que o ilustram.

Aos colegas do mestrado, pela alegria e amizade, especialmente Rosângela Rangel e Leila Estephânio, também companheiras de trabalho.

À Dilza Ramos Bastos, que viabilizou a elaboração das referências bibliográficas e citações.

À Ana Lucia Campbell, pela ajuda com o abstract.

À Patrícia Helena Fuentes, pela colaboração entusiasmada no projeto de qualificação.

Aos funcionários do Arquivo Histórico e Institucional e da Sala de Consultas da FCRB, pelo apoio nas pesquisas.

Aos funcionários do CPDOC e da EBAPE – FGV, pelo apoio administrativo.

Aos funcionários do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, especialmente Francisca Helena Barbosa Lima, pela acolhida por ocasião das pesquisas realizadas no arquivo do IPHAN.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1.</b> Rodrigo Melo Franco de Andrade e Augusto Meyer: Os “Escritores-Funcionários” do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN.....	<b>15</b>
<b>Capítulo 2.</b> Memória Literária.....	<b>25</b>
<b>Capítulo 3.</b> Cartas do patrimônio: correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Augusto Meyer.....	<b>41</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>133</b>
<b>Referências arquivísticas e bibliográficas.....</b>	<b>136</b>
<b>Anexo – Caderno de imagens.....</b>	<b>143</b>

## RESUMO

**Patrimônio em prosa e verso: a correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Augusto Meyer.**

**Rio de Janeiro:CPDOC/PPGHPBC/FGV, 2008. Dissertação**

A presente dissertação se propõe a resgatar a participação de Augusto Meyer nas primeiras iniciativas de proteção ao patrimônio cultural do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1937 e 1938, por meio da análise da correspondência a ele enviada pelo então diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade. A referida correspondência integra o arquivo privado pessoal de Augusto Meyer que se encontra sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira - AMLB, da Fundação Casa de Rui Barbosa-FCRB. O trabalho em questão parte do pressuposto de que os arquivos privados pessoais se constituem em importante fonte documental para a pesquisa histórica. Como produto final apresentamos a edição anotada das cartas e telegramas dirigidas a Meyer, acompanhados de um índice geral.

Palavras-chave: Arquivo privado pessoal; Correspondência; Patrimônio.

## **ABSTRACT**

**Heritage in prose and poetry: the correspondence sent to Augusto Meyer by Rodrigo Melo Franco de Andrade.**

**Rio de Janeiro:CPDOC/PPGHPBC/FGV, 2008. Dissertation.**

This dissertation aims to rescue Augusto Meyer participation in the first initiatives concerning the protection of the cultural heritage of Rio Grande do Sul State, between years 1937 and 1938, through the analysis of the correspondence sent to Meyer by the director of the Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade. This correspondence belongs to Meyer's private archives which are under the responsibility of Arquivo-Museu de Literatura Brasileira - AMLB, a department of the Fundação Casa de Rui Barbosa-FCRB.

Key-words: Personal private archive; Correspondence. Patrimony.

### *Lista de imagens*

1. Museu Casa de Rui Barbosa 143  
Fonte: Arquivo Histórico e Institucional (FCRB)
2. Fundação Casa de Rui Barbosa – Prédio anexo. 144  
Fonte: Arquivo Histórico e Institucional (FCRB)
3. Fundação Casa de Rui Barbosa – Sala do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. 145  
Fonte: AMLB (FCRB)
4. Augusto Meyer 146  
Fonte: Arquivo Augusto Meyer (AMLB/FCRB)
5. Augusto Meyer - Reprodução de pintura à óleo de Portinari 147  
Fonte: Arquivo Augusto Meyer (AMLB/FCRB)
6. Ato de nomeação de Augusto Meyer para o cargo de Diretor do Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1938. 148  
Fonte: Arquivo Augusto Meyer (AMLB/FCRB)
7. Poesia de Augusto Meyer intitulada “Mãe d’água” datada de 1924, com emendas. 150  
Fonte: Arquivo Augusto Meyer (AMLB/FCRB)
8. Rodrigo M.F. Andrade 151  
Fonte: Arquivo Plínio Doyle (FCRB/AMLB)
9. Conferência proferida por Rodrigo M.F. de Andrade, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1939. 152  
Fonte: Arquivo Rodrigo M. F. de Andrade (FCRB/AMLB)
10. Carta de Rodrigo M.F. de Andrade a Augusto Meyer. Rio de Janeiro, 9 de março de 1937. 153  
Fonte: Arquivo Augusto Meyer (AMLB/FCRB)
11. Carta de Rodrigo M.F. de Andrade a Augusto Meyer. Rio de Janeiro, 22 abril de 1937. 154  
Fonte: Arquivo Augusto Meyer (AMLB/FCRB)
12. Carta de Rodrigo M.F. de Andrade a Augusto Meyer. Rio de Janeiro, 4 de junho de 1937. 155  
Fonte: Arquivo Augusto Meyer (AMLB/FCRB)

## INTRODUÇÃO

Em 1972 Carlos Drummond de Andrade escreveu a crônica “Museu: fantasia” na qual idealizava um museu de literatura: “[...] o museu vivo que preserve a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores”(Andrade, 1972). Ainda na mesma crônica diz, a propósito de um álbum de autógrafos que lhe fora apresentado: “[...] Mas eu vi no álbum uma coisa excelente de álbum. Vi o museu, representado simbolicamente nas folhas que há 59 anos falavam de amor e de política. Sim, também de política.”(Andrade, 1972). O “museu vivo” a que Drummond se referia era um lugar de preservação da memória da literatura brasileira constituído por um arquivo e um museu. No caso do arquivo, este reuniria todos os documentos acumulados por um titular no decorrer de sua existência, ou seja, basicamente, correspondência, originais de obras literárias e fotografias. Já o museu constaria de mobiliário, condecorações e outras peças igualmente reveladoras de uma personalidade e de uma época.

Assim sendo, os arquivos privados pessoais, por sua própria natureza, se constituem em fontes substanciais de informações que subsidiam as mais variadas pesquisas e os mais variados produtos.

Segundo nos informa Célia Costa, a existência de arquivos pessoais antecede ao Império Romano. Entretanto, segundo a mesma autora, “a noção de arquivo pessoal, tal qual a entendemos hoje, data de período mais recente da história e está relacionada ao conceito de indivíduo moderno, assim como a noção de arquivo se relaciona diretamente ao desenvolvimento do conceito de Estado.”(Costa, 2005:1).

Na Antiguidade e na Idade Média os documentos pessoais, sobretudo os pertencentes aos membros da alta administração, acabavam se confundindo com os documentos públicos. Somente a partir da Idade Moderna, quando o Estado passa a se institucionalizar e a questão do público e do privado começa a ser definida, é que os documentos começam a se separar. Gradualmente, os arquivos pessoais e familiares vão sendo constituídos com a noção atual, isto é, documentos acumulados por pessoas ou famílias, “guardados com a finalidade de atestar ou testemunhar as atividades e funções exercidas ao longo de suas vidas, adquirindo a conotação jurídica de prova ou testemunho, antes exclusiva do Estado.” (Costa, 2005:2).

Uma outra conotação dada aos arquivos advém do seu uso pelos historiadores e é a de “fonte privilegiada para a pesquisa histórica.”(Costa, 2005:2).

É ainda Costa quem nos informa sobre uma acepção mais simples no que diz respeito aos arquivos pessoais. Trata-se da mera necessidade do indivíduo de guardar os registros de seu cotidiano como lembrança de fatos ou de momentos significativos de sua vida.

Para Heloísa Bellotto:

A conceituação de arquivos pessoais está embutida na própria definição geral de arquivos privados, quando se afirma tratar-se de papéis produzidos/recebidos por entidades ou pessoas físicas de direito privado. O que se pode aqui especificar é que, sendo papéis ligados à vida, à obra e às atividades de uma pessoa, não são documentos funcionais e administrativos no sentido que possuem os de gestão de uma casa comercial ou de um sindicato laboral. São papéis ligados à vida familiar, civil, profissional e à produção política e/ou intelectual, científica, artística de estadistas, políticos, artistas, literatos, cientistas etc. Enfim, os papéis de qualquer cidadão que apresente interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana, social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre sua própria personalidade ou comportamento. (Bellotto, 2005:256).

Em relação aos tipos de documentos característicos dos arquivos pessoais, Ângela de Castro Gomes considera que:

É cada vez maior o interesse dos leitores por um gênero de escritos – uma escrita de si –, que abarca diários, correspondência, biografias, autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo. (Gomes, 2004:7).

Dentre as escritas de si, mencionadas por Gomes, a correspondência tem sido a mais utilizada pelos pesquisadores. Esses estudos foram intensificados a partir da década de 1960, quando da constituição de centros de pesquisa e documentação destinados à guarda de arquivos privados pessoais. Desde então a disponibilização desses acervos vêm permitindo uma sistematização de conhecimentos, bem como de metodologias referentes à sua guarda e ao seu uso como fonte e objeto histórico.

É dentro desse contexto de reconhecimento dos arquivos privados pessoais como importantes fontes de pesquisa que justificamos e desenvolvemos nosso trabalho.

A presente dissertação tem como objetivo geral resgatar a participação de Augusto Meyer nas primeiras iniciativas de proteção ao patrimônio cultural do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1937 e 1938, por meio da análise da correspondência a ele enviada pelo



então diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Quanto ao objetivo específico, este consiste em elaborar uma edição anotada, ou edição de fontes, seguida de índice, da correspondência de Rodrigo a Meyer no período acima citado.

Segundo Belloto:

A edição de textos históricos ou fontes documentais compreende a publicação de um instrumento de pesquisa no qual os documentos não recebem resumos indicativos e/ou informativos, [...] figurando o texto integral. A forma ideal é a que prevê não só o texto, mas também estudos introdutórios e fontes paralelas. (Bellotto, 2005:215).

Para alcançarmos os objetivos acima propostos adotamos como metodologia, primeiramente, pesquisas em fontes secundárias sobre os seguintes temas: a criação e a consolidação do SPHAN, memória e patrimônio, arquivos privados pessoais (com destaque para o item correspondência), bem como sobre Rodrigo Melo Franco de Andrade e Augusto Meyer.

Num segundo momento nossas pesquisas se concentraram em fontes primárias, ou seja, nos arquivos de Augusto Meyer e Rodrigo Melo Franco de Andrade, ambos sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, bem como no arquivo histórico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O período estudado é o momento de criação do SPHAN, em 1937, quando o órgão passa a existir oficialmente por meio da Lei nº 378, de 13 de janeiro daquele ano. Na verdade, o SPHAN já vinha funcionando, experimentalmente, desde abril de 1936, sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Esse momento de institucionalização de uma ação voltada para a proteção do patrimônio nacional encontra-se registrado nas cartas de Rodrigo a Meyer, um dos seus colaboradores sediados no Rio Grande do Sul. É justamente a transcrição dessas cartas que nos propomos a apresentar como produto final da nossa dissertação. Tal produto, que, conforme dissemos anteriormente, se traduz na chamada edição anotada, ou edição de fontes, mostrará a participação de Meyer nos primórdios do SPHAN, constituindo-se assim num instrumento de pesquisa para os interessados no assunto.

É fato que em nossa proposta inicial apresentamos a intenção de trabalhar também as cartas de Meyer a Rodrigo, as quais se encontram no arquivo do IPHAN. Entretanto, o grande volume de documentos ali existente bem como a intenção de privilegiarmos o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), instituição na qual atuamos, enquanto um setor custodiador da memória literária brasileira, nos levou a nos limitarmos ao arquivo de Augusto Meyer sob a guarda do referido setor.

A presente dissertação encontra-se estruturada em três capítulos.

No capítulo 1, intitulado “Rodrigo Melo Franco de Andrade e Augusto Meyer: os “escritores-funcionários” do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, apresentamos um breve histórico do SPHAN, bem como informações biográficas sobre os dois personagens.

O capítulo 2, “Memória literária”, foi estruturado a partir de dois objetivos: apresentar um histórico sobre a criação de centros de memória literária no Brasil, destacando o AMLB, e refletir sobre a importância da correspondência como fonte documental para a compreensão das primeiras iniciativas voltadas para a proteção dos bens patrimoniais do país, mais especificamente do Rio Grande do Sul, tendo como referência o arquivo de Augusto Meyer.

No terceiro e último capítulo, “Cartas do patrimônio: correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Augusto Meyer”, apresentamos o produto final dessa dissertação, ou seja, a edição anotada das cartas e telegramas de Rodrigo para Meyer, acompanhada de notas explicativas e de um índice geral.

Nas considerações finais ressaltamos a importância dos arquivos privados pessoais como fonte de pesquisa. No nosso caso específico percebemos no universo literário, aqui representado pela a correspondência de Rodrigo de Melo Franco de Andrade a Augusto Meyer, uma fonte de investigação substancial para o estudo das primeiras ações voltadas para a preservação do patrimônio cultural brasileiro.

A dissertação inclui ainda anexos contendo fotografias e documentos dos acervos da FCRB.

## Capítulo 1: Rodrigo Melo Franco de Andrade e Augusto Meyer: os “escritores-funcionários” do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN

Segundo Antônio Cândido (1984:27-28) “os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura...quem viveu naqueles anos sabe qual foi a atmosfera de fervor que os caracterizou no plano da cultura, sem falar de outros”.

A criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1930, parece refletir bem o pensamento de Antônio Cândido, principalmente ao considerarmos a gestão do Ministro Gustavo Capanema, no período de 1934 a 1945, quando reformas substanciais foram implementadas. Capanema conseguiu agregar entorno de si intelectuais ilustres do campo da educação, da cultura e das artes. A formulação de projetos e propostas de uma política cultural e educacional para o Brasil contou com a atuação de intelectuais como Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Alceu Amoroso Lima, Villa-Lobos, Jorge de Lima, Manuel Bandeira e Augusto Meyer. “Foi o ministério dos modernistas, dos Pioneiros da Escola Nova, de músicos e poetas.” (Bomeny, 1999:137).

A “atmosfera de fervor” cultural levou à definição de uma política de preservação do patrimônio cultural do país, a qual vinha sendo discutida desde meados do século XVIII, mais precisamente em 1742, quando o Conde das Galveias, em carta ao governador de Pernambuco, Luís Pereira Freire de Andrade, demonstra sua preocupação com a preservação do Palácio das Duas Torres, construído à época de Maurício de Nassau. Sobre esse episódio Fonseca (2005:127) diz tratar-se de um “mito de origem” produzido pelo próprio SPHAN.

Desde então registram-se iniciativas esparsas, mas nada de efetivo se fez durante o período da Monarquia.

Foi na República, a partir dos anos de 1920, que o Congresso Nacional começou a receber projetos com o objetivo de criar mecanismos para a proteção legal do patrimônio. Em 3 de dezembro de 1923, o deputado pernambucano Luis Cedro, apresentou à Câmara dos Deputados, um projeto de lei cujo artigo 1 estabelecia:

Fica criada, com sede na cidade do Rio de Janeiro, a Inspeção dos Monumentos Históricos dos Estados Unidos do Brasil, para o fim de conservar os imóveis públicos ou particulares que, no ponto de vista da

história ou da arte, revistam um interesse nacional. (MEC/Sphan/FNpM, 1980: 63).

Em 16 de outubro de 1924, foi a vez do poeta Augusto de Lima, deputado pelo Estado de Minas Gerais, apresentar projeto proibindo que a arte tradicional brasileira fosse enviada para o exterior. Entre os anos de 1924 e 1928 verifica-se uma mobilização no sentido de criar, nos próprios estados, medidas de proteção do patrimônio brasileiro. É nesse momento que surgem as Inspetorias Estaduais de Monumentos Históricos, como as criadas em Minas Gerais (1926), Bahia (1927) e Pernambuco (1928).

De volta ao âmbito federal, em 29 de agosto de 1930, o deputado baiano José Vanderlei de Araújo Pinho apresentou, ao Congresso projeto de lei sobre o patrimônio cultural. Tal projeto foi prejudicado pela Revolução de 1930, que anulou a Constituição de 1891.

É no ano de 1933 que surge a primeira lei federal sobre a proteção aos bens culturais imóveis. Trata-se do Decreto nº 22.928, de 12 de julho de 1933, que declarou a cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, como monumento nacional.

A criação de uma instituição voltada para a proteção do patrimônio cultural tem sua origem no Decreto nº 24.735, de 14 de julho de 1934, que aprovou novo regulamento para o Museu Histórico Nacional, conferindo-lhe o caráter protetor acima referido. Entretanto, a função apenas reguladora do Museu prejudicou os resultados esperados. No mesmo ano a Constituição então promulgada contemplava no seu artigo 148 a questão da proteção aos “objetos de interesse históricos e o patrimônio artístico do país.” (MEC/Sphan/FNpM, 1980:16). O fato da proteção do patrimônio cultural figurar na Constituição brasileira punha em evidência a necessidade de uma lei federal sobre o assunto.

Foi justamente na gestão Capanema que se deu a criação do SPHAN. A pedido de Capanema, Mário de Andrade preparou um anteprojeto, que tomou por base a experiência de outros países, adequando-a à realidade brasileira.

O SPHAN começou a funcionar, ainda experimentalmente, em 1936, sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade, que, ao encaminhar o anteprojeto de lei ao Ministro Capanema, em ofício datado de 23 de julho de 1936, informou que servira de base o “trabalho notável” de Mário de Andrade, além de outros “subsídios valiosos”, que também foram utilizados para a sua elaboração, destacando os seguintes:

O excelente esboço de anteprojeto de lei federal apresentado em 10 de julho de 1925 por uma comissão nomeada pelo Governo do Estado de Minas Gerais e da qual foi relator o Sr. Jair Lima; o projeto nº 230 de 1930 submetido à Câmara pelo Deputado Wanderley Pinho; a legislação federal vigente, em particular o regulamento baixado pelo dec. nº 24.735 de 14 de julho, relativo ao Museu Histórico Nacional e o regulamento do Conselho da Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, aprovado pelo decreto nº 24.337, de 5 de junho de 1934, finalmente a legislação estrangeira sobretudo a francesa e a mexicana. (Andrade, 1936).

O ato legal presidencial que criou oficialmente o SPHAN só seria assinado em 30 de novembro de 1937 – o Decreto-Lei nº 25. Este consolida um processo que o próprio Rodrigo considerou como “uma idéia longamente amadurecida em nosso meio” (Andrade apud Fonseca, 2005: 82) e definia o patrimônio histórico e artístico nacional como:

conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (Fonseca, 2005: 245).

A figura de Rodrigo Melo Franco de Andrade acompanhou todo o processo de consolidação do referido órgão, em cuja direção permaneceu por 30 anos. É interessante observar que, ao assumir a instituição, Rodrigo convocou para assessorá-lo e para definir a política preservacionista do Brasil, arquitetos, engenheiros, historiadores, juristas, literatos, conservadores, restauradores, mestres-de-obras e artistas ligados ao movimento modernista, como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Carlos Drummond de Andrade, Afonso Arinos de Melo Franco, Mário de Andrade, Augusto Meyer, Gilberto Freire, Godofredo Filho, Francisco Agenor de Noronha Santos, Vinicius de Moraes, Heloísa Alberto Torres, entre outros.

Este momento da formação do patrimônio histórico nacional encontra-se documentado na correspondência entre Rodrigo Melo Franco de Andrade e vários de seus colaboradores, entre os quais se encontra Augusto Meyer.

Passemos então à apresentação desses dois personagens denominados por Sérgio Miceli “escritores-funcionários”

### **Rodrigo Melo Franco de Andrade**

Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 17 de agosto de 1898, filho de Rodrigo Bretas de Andrade, professor de Direito Criminal da Faculdade de Direito de Minas e Procurador Seccional da República, e de dona Dália Melo Franco de Andrade.

Pertenceu a uma grande e importante família de escritores. Pelo tronco paterno, era bisneto do primeiro biógrafo de Aleijadinho e, pelo materno, sobrinho do escritor regionalista Afonso Arinos e sobrinho tetraneto de Francisco de Melo Franco, autor do famoso satírico *O reino da estupidez* e do primeiro tratado de Higiene publicado em língua portuguesa.

Perdeu o pai com três anos e em sua infância e juventude teve contato mais próximo com os avós maternos. Aprendeu a ler em casa e fez os primeiros estudos em Belo Horizonte. Aos doze anos seguiu para Paris, matriculando-se no liceu Janson de Sailly, onde ficou até os 16 anos. Nesse período, em casa de seu tio Afonso, conviveu com “várias personalidades de realce das letras e da vida brasileira”. Conheceu Graça Aranha, Alceu Amoroso Lima e foi colega do arquiteto Flávio de Carvalho. Dentre suas primeiras leituras, destacam-se os romances de Alexandre Dumas e mais tarde autores franceses, latinos e ingleses.

De volta ao Brasil iniciou o curso de direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, onde fez o primeiro e o quinto anos. O segundo e o quarto anos cursou em Belo Horizonte e o terceiro em São Paulo.

Essas constantes transferências de moradia deram-lhe oportunidade de conhecer e fazer contato com vários intelectuais, dentre eles futuros integrantes de grupos modernistas, relações que manteve durante sua vida e que muito o influenciaram. Em Belo Horizonte aproximou-se de Aníbal Machado e pôde contar com seu apoio em sua iniciação literária.

Também em Minas Gerais, conheceu e fez amizade com Milton Campos e João Alphonsus. Por intermédio de Milton Campos conheceu outros escritores mineiros participantes do movimento modernista: Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava e Abgar Renault. No Rio de Janeiro fez amizade com Álvaro Moreira, Olegário Mariano e Raul de Leoni. Em São Paulo teve como colegas Ribeiro Couto e Oswald de Andrade.

Já formado, em 1919, começou a trabalhar para o governo. Em 1921 começou sua atividade jornalística. Em 1922 aproximou-se de Mário de Andrade e de Antônio de Alcântara Machado. “O movimento modernista passa a ter um porta-voz, quando em 1926 exerce as funções de redator-chefe da *Revista do Brasil*.” (Marinho, 1986:19).

Como jornalista, colaborou em vários jornais e revistas. Como escritor publicou, em 1936, o livro de contos *Velórios*. Publicou ainda três livros de ensaios: *Brasil, monumentos históricos e arqueológicos*; *Rio Branco e Gastão da Cunha* e *Artistas coloniais*. Paralelamente à militância no jornalismo, Rodrigo exercia a advocacia no escritório de seus tios Afrânio e João de Melo Franco. Também nessa atividade foi sócio do seu grande amigo Prudente de Moraes Neto.

Em 1930, já casado com Graciema Melo Franco de Andrade, foi convidado pelo primeiro ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, para ser seu chefe de gabinete. Ocupou o cargo durante cinco meses, ocasião em que indicou o nome de Lucio Costa para Diretor da Escola Nacional de Belas-Artes.

Em 1936, por indicação de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, foi convidado pelo ministro Gustavo Capanema, para organizar e dirigir o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Rodrigo criou ainda, em 1937, uma publicação oficial, a *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, que divulgou trabalhos com temas pertinentes aos que eram desenvolvidos no SPHAN e que existe até hoje.

Em 1947 Rodrigo foi indicado para a presidência do Conselho de Organização do Salão Nacional de Belas-Artes. Nesse ano também integrou a diretoria provisória fundadora do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, exercendo as funções de vice-diretor executivo.

Em 1948 o governador do Estado de Minas Gerais, Milton Campos, submeteu o nome de Rodrigo à aprovação da Assembléia Legislativa para o cargo de ministro do Tribunal de Contas. Magoado com o resultado da votação, pois seu nome sofrera objeção por parte da oposição ao governo, não aceitou o convite.

Em 1954 representou o Brasil no Congresso Internacional de História da Arte e Museologia, realizado em Nova Iorque. Delegações de 25 países, seis dos quais do continente americano, participaram do evento.

Em 1959 tomou parte em dois eventos culturais em Portugal: Congresso da História dos Descobrimientos e do colóquio de diretores de museu. Nesse mesmo ano foi indicado para representar o Ministério da Educação junto à diretoria do Museu de Arte de São Paulo. Não aceitou o convite alegando problemas de saúde.

Em 1960 retornou a Portugal em companhia do arquiteto Paulo Tedim Barreto, na época chefe da Seção de Arte da Divisão de Restauração e Conservação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN)<sup>1</sup> e visitou a cidade de Aveiro.

Em 1961 o Museu de Arte Moderna de São Paulo solicitou a inclusão do nome de Rodrigo entre os membros da Comissão de Honra da VI Bienal de São Paulo, realizada entre os dias 30 de setembro a 31 de dezembro.

Em 1962 o Conselho Universitário da Universidade Federal da Bahia, conferiu a Rodrigo o título de professor *honoris causa* da Faculdade de Arquitetura.

Em 1963 Rodrigo viajou novamente para Portugal como delegado do Brasil no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros e aproveitou a oportunidade para ir também à Bélgica, país ao qual retornou em 1966 por ter recebido convite do governo para fazer contatos de trabalhos com o Sr. Coremans, diretor do Institut Royal du Patrimoine Artistique. Na ocasião realizou também estágios e visitas à Holanda, Itália e França e participou da reunião de peritos dos comitês Consultivo e Executivo do Conselho Internacional de Museus (ICOM).

Em 1967 apresentou seu pedido de aposentadoria, pois já contava com cerca de 40 anos no serviço público. Entretanto, mesmo aposentado não deixou de comparecer ao SPHAN e, em 1968, tomou posse como membro do Conselho Consultivo da DPHAN.

Em maio de 1969, Rodrigo, portador de grave doença, faleceu em hospital do Rio de Janeiro. Deixou viúva, Dona Graciema, e três filhos: Rodrigo Luís, Joaquim Pedro e Clara.

Por sugestão do engenheiro Airton Carvalho, a Câmara do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Conselho Federal de Cultura, propôs a criação do Dia do Patrimônio

---

<sup>1</sup> Em 1946 o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN passou a denominar-se Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN). Em 1970 A DPHAN se transformou em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 1979 o IPHAN se divide em Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e em Fundação Nacional pró-Memória-FNpM. Em 1990 deu-se a extinção do SPHAN e da FNpM e a criação do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC). Em 1994 o IBPC passou denominar-se Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).



Histórico e Artístico Nacional<sup>2</sup>, a ser comemorado a 17 de agosto de cada ano, data do nascimento daquele cuja vida se confunde com a própria história do SPHAN.

### **Augusto Meyer**

Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 24 de janeiro de 1902. Era filho de Augusto Ricardo Meyer e de Rosa Meyer, imigrantes alemães.

Após os estudos primários, começou a frequentar os cursos preparatórios, ministrados por seu tio, professor Emilio Meyer, que também preparou várias gerações de rio-grandenses para os estudos superiores. Em suas memórias Meyer o definiu como aquele que: “possuía inegavelmente o dom de explicar.” (Meyer, 1996:125).

Sob a influência desse tio estudou com muita dedicação o português, o inglês, o francês, o italiano e o latim, e por influência do ambiente, aprendeu ainda a cultivar a poesia alemã. Começou a ler Goethe, Schiller e Heine no original. Para Tânia Carvalhal: “Foi sem dúvida Meyer um leitor sistemático e seletivo, com preferências consolidadas e raro equilíbrio entre a tradição e o novo, atento às publicações que ampliavam, cada vez mais, sua erudição e campos de conhecimento.” (Carvalhal, 2002).

Emílio Meyer também influenciou o sobrinho Augusto no campo das artes plásticas sobre o quê chegou a dizer: “Devo a meu tio, o professor Emilio Meyer, que nos tempos de mocito desenhava e pintava com alma, as minhas aventuras de aprendiz de pintor.”(Meyer, 1996:121).

Concluídos os estudos preparatórios, Meyer matriculou-se na Faculdade de Direito mas não chegou a concluir o curso, acreditava que a advocacia não era sua vocação: “mas no fundo não sentia qualquer atração pelo curso de Direito, que só me prometia, mesmo de muito longe, num vago futuro ameaçador, o fastio antecipado e o bocejo de uma sólida resistência passiva.”(Meyer, 1996:133).

Iniciou-se nas letras colaborando, com poemas e ensaios críticos, em diversos jornais do Rio Grande do Sul, dentre os quais, *O Eco do Sul*, *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*.

---

<sup>2</sup> A data ainda não se tornou oficial. Alguns Estados adotaram datas diferentes, como o Ceará (30 de julho).

Um dos acontecimentos decisivos para a formação de Augusto Meyer foi seu encontro com “aquele que havia de ser o meu maior amigo: Teodomiro Tostes.”(Meyer, 1996:179).

Por intermédio de Teodomiro travou relações com os mentores do chamado “grupo da Livraria do Globo”: João Pinto da Silva, Mansueto Bernardi e Rubens de Barcelos. Começou então a fazer parte do círculo literário, juntamente com Darci Azambuja, Vargas Neto, Rubens Rosa, Eurico Rodrigues, Rui Cirne, Pedro Vergara e Luís Vergara.

Assim Érico Veríssimo descreveu Augusto Meyer em seu livro de crônica sobre a história da Livraria do Globo:

O sujeito magro, sardento, anguloso, levemente encurvado, a pele transparente, como de porcelana, cabelos de ruibarbo, ar de intelectual europeu, olhos azuis, nariz e lábios afilados – ah! Esse só podia ser Augusto Meyer, poeta e ensaísta, por quem eu tinha uma ilimitada admiração. (Veríssimo, 1972:15).

Ainda sobre o “grupo da Livraria do Globo” o próprio Meyer lhe dedicou uma crônica no Correio da Manhã, de 14 de maio de 1966:

Quem diz Rua da Praia também diz Livraria do Globo. E aqui seria necessário avivar a fantasia, puxar pela memória, convocar engenho e arte, se eu quisesse explicar às direitas o que chegou a significar para aquele momento da minha vida a Rua da Praia, aos sábados, em frente da Livraria do Globo.[...] Aos sábados, a Livraria do Globo atraía as mariposas literárias, como um foco luminoso. [...] Os habituais da livraria do Globo, atraídos pelo desfile, agrupavam-se às portas, ou encontram-se ao anteparo das vitrinas. Observou certa vez o Velho Bertaso que além do prejuízo inevitável que lhe davam com a edição das suas obras, ainda tapavam as vitrinas da Livraria, julgando-se mais interessantes do que os livros expostos. (Meyer, 1966).

Quando convidado por Leonardo Truda, juntamente com Luis Vergara, Teodomiro Tostes e Sotero Cosme, elaborou uma página literária no jornal *Diário de Notícias*, introduzindo idéias modernistas no Rio Grande do Sul. Segundo Meyer, essa página pode ter sido: “o veículo mais combativo do movimento modernista no extremo-sul.”(Meyer, 1996:178).

Nos anos 1920 Meyer estreou na literatura com o livro de poesias intitulado *A ilusão querida*. Entretanto, foi com os livros *Coração verde*, *Giraluz* e *Poemas de Bilu* que conquistou renome nacional. Outras obras poéticas de sua autoria são: *Duas orações*, *Sorriso interior* e *Literatura & poesia* (poemas em prosa).

Como ensaísta, Meyer apresentou um estudo sobre Machado de Assis, que ele tanto admirava, e ainda outros: *Camões, o bruxo e outros estudos*, *A chave e a máscara*, *A forma secreta*, *Prosa dos pagos*, *A sombra da estante*, *Le bateau Ivre*: análise e interpretação, e *Preto e branco*.

A literatura e o folclore do Rio Grande do Sul também foram estudados por Meyer em obras fundamentais: *Guia do folclore gaúcho*; *Cancioneiro gaúcho*; e *Gaúcho, história de uma palavra*. Como memorialista deixou *Segredos da infância* e no *Tempo da flor*.

A obra de Augusto Meyer inclui também vários artigos em periódicos, prefácios e traduções.

Em 1947 recebeu o Prêmio Filipe de Oliveira por seu livro de memórias *Segredos da infância*, na época ainda inédito. Em 1950 foi a vez do Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da sua obra literária. E de acordo com Alberto da Costa e Silva: “ninguém, no seu tempo, escreveu tão bem quanto ele, com tanta erudição, sensibilidade, apuro, clareza, elegância, sobriedade e graça.”(Silva, 2007:1)

Em sua vida pública exerceu importantes cargos e atividades embora, de acordo com Francisco de Assis Barbosa, “não tinha a vocação do burocrata. Era antes de tudo um *scholar* que, por um desses inexplicáveis desencontros de intelectual desajustado, ficou fora da cátedra de professor universitário. Este era o seu lugar” (Barbosa, 1971:18).

Para Barbosa a experiência acadêmica de Meyer havia se limitado a cursos e palestras eventuais no Brasil e no exterior.

Entretanto, é sabido que Augusto Meyer ministrou curso de Teoria Literária, na Universidade do Brasil, no período compreendido entre os anos de 1952 e 1965; foi professor de Literatura do Curso Pré-Jurídico da Faculdade de Direito de Porto Alegre e, e em 1955, dirigiu a cadeira de Estudos Brasileiros na Universidade de Hamburgo, Alemanha.

De 1930 a 1937 dirigiu a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

Em 1931 casou-se com Sara Sousa com quem teve dois filhos: Augusto Sousa Meyer e Maria Lúvia Meyer.

Em 1937, a convite de Rodrigo Melo Franco de Andrade, participou do SPHAN como representante da 7ª região, a qual compreendia os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e tinha sua sede em Porto Alegre.

Em 1938 Augusto Meyer foi nomeado para o Instituto Nacional do Livro (INL), tendo sido seu diretor nos períodos de 1938-1956 e 1961-1967.

O INL foi criado em dezembro de 1937, por iniciativa do ministro Gustavo Capanema. Dentre as atribuições previstas estavam a edição de obras literárias julgadas de interesse para a formação cultural da população, a elaboração de uma enciclopédia e de um dicionário nacionais, e a expansão, por todo o território nacional, do número de bibliotecas públicas. O Instituto Nacional do Livro contou ainda com a participação de outros intelectuais como: Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade.

Em 1944 Meyer integrou a Missão Cultural do Ministério das Relações Exteriores aos EUA. Entre 1952 e 1953 foi Presidente da Associação Brasileira de Bibliotecários. No período compreendido entre 1967 e 1970 foi membro do Conselho Federal de Cultura.

Em 12 de maio de 1960 Augusto Meyer foi eleito para a Cadeira nº 13, da Academia Brasileira de Letras (ABL), na sucessão de Hélio Lobo, no ano seguinte, quando de sua posse, foi saudado pelo acadêmico Alceu Amoroso Lima. Sobre esse mesmo evento Carlos Drummond de Andrade afirmou em crônica que: “e como essa vitória coube a Augusto Meyer, nenhum dos derrotados poderá sentir-se preterido ou injustiçado. A Academia fez uma grande escolha.”(Andrade, 1960).

Augusto Meyer foi ainda um dos idealizadores da Fundação Eduardo Guimarães (Porto Alegre) e um dos fundadores da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis (Rio de Janeiro).

Faleceu no Rio de Janeiro, vítima de pneumonia, em 10 de julho de 1970, aos sessenta e oito anos.

Observamos na trajetória de Rodrigo e de Meyer um forte compromisso com os assuntos públicos, em especial com a questão patrimonial. A história dos primórdios do SPHAN está intimamente ligada à atuação dos dois, como será demonstrado no capítulo dois dessa dissertação.

## Capítulo 2: Memória Literária

Bloco vivo de acontecimentos, lembranças, coisas indeléveis, de uma doçura venenosa, de tão funda. Todos foram-se embora. Todos ficaram. Paro de revolver guardados num poço sem fundo, chamado arquivo. A chuva começa a serenar. Ainda bem. (Andrade, 1981).

O presente capítulo tem duas finalidades: apresentar um breve histórico sobre a criação de centros de memória literária no Brasil, especialmente do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – AMLB, da Fundação Casa de Rui Barbosa, e refletir, a partir do arquivo de Augusto Meyer, sobre a importância da correspondência como fonte documental para a compreensão das primeiras iniciativas voltadas para a proteção dos bens patrimoniais do país, mais especificamente do Rio Grande do Sul.

A constituição e o cuidado com os arquivos literários, enquanto ação mais sistemática e vinculada à produção de conhecimento, são tardios entre nós. Embora tenham seus primórdios com a atuação destacada de alguns modernistas nos anos de 1930, como Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade, somente na década de 1960 esse patrimônio escrito passa a ser visto como objeto de pesquisa científica. É nessa época que os institutos de conservação públicos e privados se multiplicam e passam a existir os centros de pesquisas especializados no estudo de manuscritos, rascunhos, esboços das obras literárias, e principalmente, na correspondência. As cadernetas dos escritores passam também a ser objeto de análise e vão ser fundamentais nos estudos da gênese do texto.

Quando se trata de arquivos literários no Brasil, a primeira referência é a Biblioteca Nacional. Na seção de manuscritos podem ser encontrados mais de 600 mil documentos. Entretanto, não são exclusivamente literários. Há documentos históricos e científicos, nacionais e estrangeiros, havendo ainda documentação anterior ao século XVI. Podemos encontrar também documentos avulsos de escritores como Álvares de Azevedo e Machado de Assis.

Uma das primeiras instituições que passaram a guardar documentação literária é o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, criado em 1962, por iniciativa de Sérgio Buarque de Holanda. É um órgão interdisciplinar de pesquisa e documentação e abriga arquivos de importantes escritores, como Mário de Andrade, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos. A esses vieram se agregar mais alguns outros, consolidando uma rede de arquivos literários.

A Fundação Casa de José Américo é de 1980. Tem por objetivo a publicação sistemática da obra de José Américo e de sua crítica e interpretação, assim como a realização de estudos científicos, artísticos e literários

O Acervo de Escritores Sulinos, sediado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), foi criado em 1982, a partir da organização dos documentos legados por Érico Veríssimo.

De 1987 é a Fundação Casa de Jorge Amado, instalada no Centro Histórico de Salvador, no Largo do Pelourinho.

O Instituto Moreira Sales foi criado em 1990 é detentor de alguns acervos como o de Ana Cristina César, Otto Lara Resende e José Ramos Tinhorão.

De 1991 é o Acervo de Escritores Mineiros, que abriga os fundos documentais de Henriqueta Lisboa, Murilo Rubião e Oswaldo França Júnior, entre outros.

O Centro de Estudos Murilo Mendes (CEMM) começou em 1994, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com a doação de parte da biblioteca e do acervo de artes plásticas daquele poeta juizforano.

Como podemos perceber, a instalação desses centros dedicados a organizar e preservar arquivos literários situa-se basicamente no contexto dos anos de 1970 e 1980, marcados por uma intensa preocupação com os lugares da memória.

Os arquivos literários constituem hoje importantes centros de produção do conhecimento sobre a nossa literatura e cultura, alimentando pesquisas em nível de graduação e de pós-graduação. Com isso ampliam as possibilidades de cidadania, na medida em que transformam a informação especializada em conhecimento público, tornando-a acessível ao maior número de pessoas.

A idéia de um arquivo-museu de literatura brasileira surgiu nas conversas dos Sabadoyles, encontros semanais de amigos do livro e da cultura brasileira, realizados às tardes de sábado na biblioteca de Plínio Doyle. Um dos idealizadores desse museu foi o poeta Carlos Drummond de Andrade que, em crônica publicada no *Jornal do Brasil*, em julho de 1972, escreveu:

Velha fantasia deste colunista – e digo fantasia porque continua dormindo no porão da irrealidade – é a criação de um museu de literatura. Temos museus de arte, história, ciências naturais, carpologia, caça e pesca, anatomia, patologia, imprensa, folclore, teatro, imagem e som, moedas, armas, índio, república...de literatura não temos [...] Mas falta órgão especializado, o museu vivo que preserve a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores. É incalculável o que se perdeu, o que se perde por falta de tal órgão.

Será que a ficção, a poesia e o ensaio de nossos escritores não merecem possuí-lo? (Andrade, 1972).

Américo Jacobina Lacombe, então presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, e Maximiliano de Carvalho e Silva, diretor do Centro de Pesquisa da mesma instituição, interessaram-se pela idéia e decidiram torná-la realidade. “A Fundação, órgão autônomo, poderia começar do ponto zero o estabelecimento de um acervo documental que preservasse peças literárias e material iconográfico do passado e do presente servindo à pesquisa e à reflexão crítica.” (Andrade, 1973).

Em ofício do dia 16 de novembro de 1972, o diretor da Fundação Casa de Rui Barbosa, Irapoan Cavalcanti de Lyra, comunicou ao diretor do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, que a Fundação incluía em sua estrutura o Arquivo-Museu de Literatura

destinado à conservação e exposição de manuscritos e objetos que pertenceram a grandes vultos do mundo intelectual, recebidos diretamente dos mesmos, ou por doações e legados. Devem integrá-lo textos manuscritos e correspondência, textos impressos de interesse especial, coleções de jornais, recortes e revistas. (Lyra, 1972).

Lyra comunicou ainda que Plínio Doyle havia sido designado para o cargo de diretor do novo setor.

Em 28 de dezembro de 1972, o AMLB foi instalado oficialmente e, em seu discurso, o diretor Maximiano de Carvalho e Silva, assim justifica sua criação:

Se não havia o hábito de se conservarem, em ambiente adequado, os originais manuscritos ou datilografados das obras literárias, é tempo de se corrigir a omissão, criando-se instituições especificamente com tal finalidade. Sentiu o alcance da iniciativa o escritor Carlos Drummond de Andrade, em cujas crônicas ressoou a justificada queixa dos que não se conformam com o abandono a que ficam com freqüência relegadas tantas peças valiosas do nosso patrimônio literário. Sentiu-o Ministro da Educação e Cultura, e logo manifestou vivo empenho de participar do processo de criação de tais arquivos. Na direção do Centro de Pesquisas, coube-nos a grata tarefa de dar os primeiros passos que nos colocassem na vanguarda do movimento: e assim, com o decisivo apoio de Américo Jacobina Lacombe, Presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, e de Irapoan Cavalcanti de Lyra, Diretor Executivo, se criou o nosso Arquivo-Museu de Literatura, cuja direção foi desde logo confiada a Plínio Doyle – nome que é garantia de seriedade e da continuidade da instituição já vitoriosa antes mesmo de sua instalação oficial. (Silva, 1972:2).

Na ocasião Plínio Doyle fez um apelo aos escritores: “para evitar que se perca ou se disperse a preciosa documentação da nossa história literária, mandem para a Casa de Rui Barbosa todo tipo de material que sirva à nossa finalidade específica.”(Vasconcellos, 1987:5).

Sobre o mesmo evento Carlos Drummond de Andrade escreveu

Poucas pessoas souberam (ou perceberam) que alguma coisa de novo aconteceu numa mansão da Rua São Clemente, ao findar o ano, em honra e benefício das letras. Sem alarde, inaugurou-se na casa de Rui Barbosa o arquivo-museu de literatura, possível semente de outros (Andrade, 1973).

Raquel de Queirós também reconheceu a importância do novo arquivo e assim se expressou através da imprensa:

O Museu de Literatura vem preencher a chamada lacuna no que trata da preservação e conservação de documentos, lembranças, objetos e, acima de tudo, originais, dos escritores do País. [...] Ali no Museu de Literatura é o nosso lugar, ali devemos ficar todos. (Queirós, 1975).

O AMLB tem como missão a preservação de papéis literários, tais como manuscritos, correspondência, originais de livros, fotografias, desenhos e objetos de uso pessoal dos mais expressivos nomes da intelectualidade brasileira.

Plínio Doyle deu o exemplo e foi um dos doadores mais assíduos, seguido por Carlos Drummond de Andrade, um dos primeiros escritores a fazer doações de seus próprios documentos. Entre os nomes que abrem o livro de doadores, incluem-se os de Alphonsus de Guimarães Filho, Álvaro Cotrim (Álvarus), Aurélio Buarque de Holanda, família Lúcio de Mendonça, família Salvador de Mendonça, Raul Bopp, Raul Lima, Thiers Martins Moreira, Antônio Carlos Vilaça e Augusto Meyer.

O apelo inicial feito por Plínio Doyle foi atendido e o acervo do Arquivo-Museu de Literatura foi se consolidando ao longo dos anos com a anexação de arquivos de escritores doados por eles próprios ou por suas famílias.

A Fundação Casa de Rui Barbosa passou por várias reformas administrativas nas quais o Arquivo-Museu de Literatura foi recebendo várias denominações: Centro de Literatura Brasileira, Setor de Literatura Brasileira e finalmente Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, como hoje é conhecido, mas sua missão de preservar a memória literária brasileira nunca foi alterada.

Atualmente o AMLB possui arquivos de 120 titulares. Integram ainda o acervo objetos museológicos. Trata-se de cerca de 1.400 peças como: móveis, quadros, máquinas de escrever, canetas, medalhas, selos, lembranças de viagens, indumentárias, esculturas, pinturas, caixas de música, entre outras, que formam uma coleção heterogênea com um ponto em comum: terem pertencido aos escritores ou estarem a eles relacionados.



Segundo Eliane Vasconcellos (1997:9) esses objetos justificam sua incorporação ao AMLB “como documentos que enriquecem a compreensão da personalidade de seus possuidores, servindo de pontos de referência e fontes para reflexão indispensável à recomposição de seu mundo, ficcional e não ficcional”.

No que diz respeito ao segundo objetivo desse capítulo, este se refere ao que denominamos “cartas do patrimônio”.

Na verdade, o trabalho com os arquivos privados pessoais do AMLB, por mais de 20 anos, levou-nos a constatar o aumento paulatino do interesse dos pesquisadores por documentos como diários íntimos, cadernos de viagens e, principalmente, cartas missivas. Para Belloto:

O campo instigante dos arquivos pessoais sempre suscitou a curiosidade, o interesse, a indagação e – e por que não admiti-lo? – o *voyeurismo* inerentes a todo ser humano quando se trata de penetrar, um pouco mais além do que permite o contato estritamente social, na intimidade do seu semelhante (Belloto, 1997:1).

Como já havia constatado Heymann:

É quase irresistível aos cientistas sociais o encantamento produzido pelo contato com as fontes primárias, documentos, papéis, fotografias, capazes de revelar parcelas desconhecidas ou até então invisíveis da história e do mundo social (Heymann, 1977:41).

O fato é que esse “encantamento” é compartilhado também por arquivistas, historiadores, literatos, jornalistas, educadores e outros profissionais que tenham interesse em realizar “essa espécie de viagem ao interior do pensamento de uma pessoa”(Belloto, 1997:1)

No caso dos arquivos privados, as cartas constituem relevantes fontes de informação e de produção do conhecimento na medida em que documentam histórias, ações e reflexões pessoais sobre a vida cultural, política e social em determinados momentos.

Juridicamente a carta é definida pela Lei nº 6.538, de 1978, como um :

objeto de correspondência, com ou sem envoltório, sob a forma de comunicação escrita, de natureza administrativa, social, comercial, ou qualquer outra, que contenha informação de interesse específico do destinatário.

Segundo Vasconcellos (1998: 8)

A carta é a conversação com alguém que está ausente, na qual colocamos o que diríamos se estivéssemos presentes. Mudando de acordo com a época, espera-se que traga novidades do cotidiano, da vida política e pessoal, reflexões, confidências e expressões de sentimentos.

Em nosso trabalho vamos apresentar a correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Augusto Meyer. São cartas e telegramas que nos remetem a um período da história do patrimônio nacional denominado “fase heróica”.

De acordo com Maria Cecília Londres Fonseca: “na fase heróica, o processo de decisão quanto à seleção e à valoração dos bens a serem tombados era conduzido quase que exclusivamente pelos funcionários da instituição ou por seus colaboradores” (Fonseca, 2005: 113).

Para Fonseca (2005: 112) “Havia a clara consciência de que era necessária a construção de um conhecimento novo, específico, mesmo em áreas já estudadas, sobre os bens que constituíam o patrimônio”.

Fonseca assim resume os critérios de constituição do patrimônio pelo SPHAN:

O principal instrumento de legitimação das escolhas realizadas era a autoridade dos técnicos, sendo desnecessário formular justificativas mais elaboradas; prevaleceu nitidamente uma apreciação de caráter estético, baseada nos cânones da arquitetura modernista; a consideração do valor histórico dos bens não era objeto de maior atenção, a não ser relativamente à autenticidade das fontes; na verdade, a prioridade era assegurar a proteção legal dos bens através de sua inscrição nos Livros do Tombo, ficando em segundo plano a questão do critério nas inscrições. (Fonseca, 2005: 116).

A correspondência ora estudada revela os critérios definidos pelo SPHAN para a constituição do patrimônio no Estado Rio Grande do Sul, na “fase heróica”, da qual Augusto Meyer participou a convite de Rodrigo.

O arquivo de Augusto Meyer foi doado ao AMLB, em outubro de 1983, por seus filhos Augusto Sousa Meyer e Maria Livia Meyer de Resende Costa.

Segundo as responsáveis pela organização do referido acervo, Beatriz Folly e Silva e Nailda Marinho da Costa (1988: 9): “os documentos do Arquivo Augusto Meyer possibilitam traçar o perfil de um homem de cultura, especialmente interessado por todos os níveis da manifestação literária – do clássico ao popular”.

Trata-se de mil duzentos e cinquenta e três documentos manuscritos e datilografados (correspondência, poesias, discursos, notas etc.); trezentos e cinco impressos (publicação na imprensa – artigos de e sobre Meyer); vinte e sete documentos iconográficos (fotografias e desenhos) distribuídos nas seguintes séries:

- correspondência pessoal
- correspondência familiar
- correspondência de terceiros
- produção intelectual do titular

- produção intelectual de terceiros
- documentos pessoais
- documentos diversos
- documentos complementares
- produção na imprensa

A série correspondência pessoal engloba duzentos e sessenta dossiês de missivistas, abrangendo um período que vai de 24 de dezembro de 1918 a 31 de janeiro de 1970, num total de oitocentos e setenta e um documentos.

Por meio dessa vasta correspondência percebemos o relacionamento de Augusto Meyer com vários escritores, os freqüentes pedidos de intermediação para publicação de obras literárias, principalmente quando esteve à frente do Instituto Nacional do Livro, bem como atendimento a consultas sobre o valor literário de obras enviadas por diferentes autores.

Também nesse conjunto de cartas alguns signatários foram bastante assíduos. Teodomiro Tostes, por exemplo, escreveu cinquenta e oito missivas, de 1927 a 1969; Rodrigo Melo Franco de Andrade, cinquenta e seis, de 1937 a 1966; Carlos Dante de Moraes, cinquenta, de 1936 a 1966; Raul Bopp, trinta e seis, (sem local e sem data); Moisés Velinho, vinte e seis, de 1945 a 1959; Atos Damasceno, vinte e três, de 1924 a 1966 e Mansueto Bernardi, dezessete, de 1930 a 1964.

No grupo de correspondentes eventuais, o poeta Manuel Bandeira aparece com cinco cartas, entre os anos de 1932 a 1957. Está presente também o artista plástico pernambucano Manuel Bandeira, que escreveu quatro cartas, nos anos de 1940 e 1941. Carlos Drummond de Andrade enviou oito, de 1940 a 1948; Gustavo Capanema, cinco, de 1939 a 1960; Cecília Meireles, quatro, entre os anos de 1926 a 1947 e Mário Quintana, seis, de 1938 a 1968.

Mas, como nos alerta Heymann (1997: 57): “não se deve esquecer que, especialmente para os arquivos pessoais, jamais estamos seguros sobre o que foi guardado originalmente, o que foi destruído, se perdeu ou foi entregue a terceiros.”

No arquivo de Augusto Meyer, por exemplo, percebemos a ausência de alguns documentos sobre os quais há registros de que foram produzidos. É o caso das cartas de Alceu Amoroso Lima e de Mário de Andrade a Augusto Meyer. No caso do primeiro, constatamos que embora tais cartas datem do período de 1940 a 1966, a correspondência entre os dois tem início já no ano de 1927. É o que nos informa o próprio Alceu em discurso por ele pronunciado por ocasião da posse de Meyer na

Academia Brasileira de Letras e que se encontra ali depositado: “data de 1927 a nossa correspondência.” (Lima, 1961). Já em relação a Mário de Andrade, encontramos no livro *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*, cartas que não constam no arquivo de Augusto Meyer.

Conforme dissemos anteriormente, o *corpus* do nosso trabalho é a correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade encontrada no arquivo de Augusto Meyer. Trata-se de cinquenta e seis documentos, do período de 9 de março de 1937 a 29 de março de 1966, dos quais nos limitamos às cartas (quarenta e uma) e aos telegramas (sete), datados de 9 de março de 1937 a 5 de fevereiro de 1938, num total de quarenta e oito documentos. Tal delimitação se deve ao fato de ter sido justamente o período em que Meyer atuou como assistente técnico do SPHAN, na Região Sul, a convite de Rodrigo Melo Franco de Andrade, em carta datada de 9 de março de 1937: “Peço permissão para dirigir-me ao senhor, a fim de solicitar sua valiosa colaboração na tarefa que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tem a realizar no Rio Grande do Sul” (Andrade, 1937:carta1).

Na ocasião Rodrigo deixou claro que o convite havia sido uma escolha pessoal, pois o Presidente da República já autorizara o contrato de um assistente técnico para exercer as funções de delegado do serviço na 7ª Região (compreendendo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande), cuja sede seria Porto Alegre.

Rodrigo diz:

Não obstante, devo confessar-lhe que, quando pedi o seu auxílio foi com o pensamento de obter sua colaboração pessoal e efetiva para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pois estou certo de que ninguém estará mais habilitado que o senhor a orientar aí a atividade da repartição [...]Peço-lhe permissão para encarecer a extrema necessidade que tem este Serviço de contar com o seu concurso, por uma série de circunstâncias dentre as quais destaco apenas a minha profunda confiança na sua aptidão especial para a missão de que desejaria incumbi-lo. (Andrade, 1937: carta 2).

No momento em que recebeu o convite Meyer exercia a função de Diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, mas Rodrigo logo esclareceu:

Tratando-se de duas funções técnicas, penso que lhe será lícito acumular a direção da Biblioteca Pública do Estado com as suas funções de assistente técnico do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sobretudo atendendo à compatibilidade de horários. (Andrade, 1937:carta 2).

O convite foi aceito por Meyer e em carta de 22 de abril 1937, Rodrigo reafirma: “Desde que pensei na organização administrativa deste departamento e nos seus

colaboradores principais, sua escolha se impôs desde logo e eu não poderia me conformar com outro assistente técnico para essa Região”(Andrade, 1937:carta3).

Em relação aos trâmites burocráticos para a contratação de Meyer, em carta de 15 de maio de 1937 Rodrigo informou:

verifiquei com satisfação que me é lícito confiar ao senhor o encargo que lhe propus, independentemente da formalidade de contrato. Assentei, pois, considerá-lo delegado deste Serviço na 7ª Região a partir do dia 1º de maio corrente, com a remuneração mensal de 1:500\$000, importância essa que lhe remeterei com regularidade, pela forma que o senhor indicar e mediante recibo cujos termos lhe transmitirei em tempo oportuno. (Andrade, 1937:carta 4).

Mas no decorrer da correspondência percebemos que a formalização de um contrato era mesmo necessária:

Por falar em delegação de poderes, você precisa tratar com urgência de ultimar o preparo dos documentos imprescindíveis para instruir a proposta de seu nome para assistente técnico contratado. Agora mesmo estou elaborando a relação do pessoal contratado do Serviço para ser remetido ao Ministério da Fazenda, de acordo com as disposições da lei de reajustamento do funcionalismo. Há toda a conveniência em que antes do fim do ano sua situação esteja regularizada, sob pena de, no ano que vem, eu não dispor de verba para pagar seus vencimentos. Preste atenção a isso, seu poeta!(Andrade, 1937:carta 25).

Os trabalhos de inventários e de pesquisa eram considerados etapas fundamentais para os critérios de proteção aos bens patrimoniais, por isso desde o início Rodrigo solicitava aos delegados regionais que as propostas de tombamento viessem acompanhadas do histórico da obras, informações sobre o estado de conservação bem como referências bibliográficas e fotográficas sobre as mesmas.

Quando do convite inicial, na carta de 9 de março de 1937, Rodrigo consultou Meyer sobre a possibilidade de indicação de bibliografia “satisfatória” relativa às obras de interesse histórico e artístico no Rio Grande do Sul, bem como sobre a possibilidade de reunir documentação fotográfica sobre as obras de arquitetura civil e religiosa situadas no Rio Grande do Sul que pudessem interessar à finalidade do SPHAN.

A orientação para elaboração do inventário segue na carta de Rodrigo datada de 15 de maio de 1937:

Para sua orientação acerca do inventário, bastará dizer-lhe que ele deve compreender tanto as obras de arquitetura urbana quanto as de arquitetura rural, devendo consistir num pequeno histórico de cada monumento, com indicação da situação e da época em que foi edificado, da respectiva autoria (quando for possível apurá-la), dos materiais empregados na construção (cantaria, taipa, etc., das reformas que tiver sofrido, do seu estado atual de conservação, dos reparos mais

urgentes de que necessitar e por fim, das referências bibliográficas que existirem a seu respeito. Todas essas indicações poderão ser sumárias, mas cumpre que cada pequeno relatório referente a determinado monumento seja instruído com documentação fotográfica a mais completa possível. Há também necessidade de que todos esses relatórios sejam submetidos à sua revisão e assinados pelo senhor. (Andrade, 1937:carta 4).

Na carta de 4 de junho de 1937 Rodrigo mostrou-se satisfeito com o andamento das atividades desenvolvidas por Meyer e comentou ter achado “excelente o critério” adotado, o qual limitava o inventário às obras edificadas no período compreendido entre as missões jesuíticas e a revolução dos Farrapos.

Em carta de 12 de junho 1937 Rodrigo informou ter recebido o primeiro relatório sobre as ruínas de São Miguel e uma vez registrou sua satisfação com trabalho de Meyer:

Recebi seu primeiro relatório sobre as ruínas de São Miguel, acompanhado da esplêndida coleção de fotografias e das notas bibliográficas sobre o monumento. Estas últimas vieram tão boas que servirão de modelo a essa parte dos trabalhos de todos os assistentes deste Serviço. De resto os outros dados do relatório são os mais satisfatórios possíveis, especialmente para o efeito de nos habilitar a formar juízo acerca das obras de reparação e conservação reclamadas em São Miguel. Estou vivamente reconhecido ao senhor... os relatórios que o senhor vem mandando contém todos os elementos desejáveis de informação, com a virtude excepcional de serem concisos. (Andrade, 1937:cartas 11 e 13).

Outro procedimento adotado além das pesquisas bibliográficas era a visita dos técnicos aos locais onde estavam situados os possíveis bens que poderiam ser tombados. A prática encontra-se registrada em carta de Rodrigo de 22 de abril de 1937: “o arquiteto chefe da Comissão Central do Tombamento deverá percorrer essa Região dentro de algum tempo e eu, se puder, irei na companhia dele” (Andrade, 1937; carta 3).

O arquiteto chefe a quem Rodrigo se referia era Lúcio Costa que realizou a visita em novembro de 1937, na companhia de Meyer:

Consegui do Lucio Costa tomar a si o estudo da questão e espero que ele siga para aí por via aérea talvez dentro de poucos dias....Depois do próximo dia 1º de novembro, ele poderá seguir de avião para Porto Alegre assim que você julgar oportuno. Rogo-lhe, portanto, meu caro Meyer, o favor de tomar desde já todas as providências para preparar a viagem do Lucio a São Miguel, assim como aos outros pontos em que se encontrem ainda vestígios das Reduções: reservar passagens de trem, ajustar automóveis, solicitar auxílio das autoridades locais, etc. (Andrade, 1937:carta 25 e 28).

Depois de percorrer a área dos Sete Povos e examinar os restos dos monumentos missioneiros, Lucio Costa, elaborou, segundo a opinião de Rodrigo: “um relatório memorável, datado de dezembro de 1937, que foi a primeira contribuição do grande arquiteto para o órgão administrativo do qual ele viria a tornar-se o técnico mais afluente e destacado.” (Andrade, 1987:160).

O resultado da visita e dos relatórios apresentados por Costa resultaram no projeto de construção do Museu das Missões. As obras foram confiadas ao arquiteto Lucas Meyerhofer, que também se encarregou da execução do projeto do próprio museu.

As pesquisas e os inventários solicitados aos delegados regionais visavam a escolha dos bens a serem tombados. Na verdade o SPHAN só pôde iniciar a proteção oficial aos bens a partir da publicação do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, quando a figura do tombamento passa a vigorar. De acordo com Rodrigo:

O tombamento é, pois, o ato declaratório da incorporação de um bem ao patrimônio histórico ou artístico nacional.

Dele decorrem conseqüências e obrigações bilaterais, comuns e especiais, para o governo e para o proprietário da coisa tombada. A ambos incumbe, em primeiro lugar a obrigação de zelar pela conservação dos bens que ficam sujeitos à vigilância permanente do Serviço e, em caso algum, podem ser destruídos, demolidos ou mutilados, nem tão pouco restaurados ou reparados sem prévia autorização especial. (Andrade, 1987:51).

Ainda sobre o decreto, em 25 de novembro de 1937, Rodrigo escreveu a Meyer:

Não posso agora senão lhe escrever este pequeno recado para comunicar que o projeto de proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional será convertido em decreto-lei dentro de poucos dias [...] Diga a Dona Sara que escreverei pelo próximo correio aéreo. Não escrevo hoje porque ando preocupadíssimo com a preparação da lista dos bens a serem tombados imediatamente, assim como com a redação final do decreto-lei. (Andrade, 1937:carta 36).

A preocupação de Rodrigo se justificava porque entre os bens sugeridos por Meyer para tombamento encontrava-se a Igreja de São Pedro, então em vista de ser demolida. O fato acabou gerando um conflito envolvendo igreja e patrimônio.

Em carta de 26 de junho de 1937, Rodrigo solicitou a Meyer informações sobre a autoridade eclesiástica responsável pela Igreja de São Pedro, para que pudesse intervir na pretendida demolição:

Sobre o caso da demolição de São Pedro, do Rio Grande, telegrafei ao senhor perguntando a que autoridade eclesiástica estará subordinada o

vigário respectivo. Isso, para tentar impedir o vandalismo por intermédio do Cardeal. Mas até agora não recebi resposta sua. Será possível que o telegrama se tenha extraviado? (Andrade, 1937:carta 14).

Assim que recebeu a informação de Meyer, Rodrigo escreveu em 29 de junho de 1937:

Logo que recebi seu telegrama telefonei ao Tristão de Ataíde para solicitar do Cardeal Dom Sebastião Leme uma intervenção decisiva junto a Dom João Becker, no sentido de sustar qualquer iniciativa para a demolição da igreja de São Pedro na cidade do Rio Grande.

O meu amigo prometeu agir com presteza com o objetivo desejado. Mas, afinal de contas, Dom Sebastião Leme furtou-se providenciar diretamente, alegando não ter jurisdição sobre a diocese daí. Tive de me contentar, por isso, com uma carta do próprio Tristão de Ataíde ao Dr. Adroaldo de Mesquita, pedindo a este que interceda em seu nome e no do Cardeal junto a Dom João Becker a fim de conter o desmando daquele vigário. O senhor terá a bondade de me informar se esse expediente de *pis aller* surtirá efeito. (Andrade, 1937: carta 15).

Em 4 de julho de 1937 Rodrigo repassou a Meyer telegrama do então Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme:

Rogo comunicardes autoridades eclesiásticas as quais vos tiverdes dirigir objeto serviço teor seguinte telegrama tive a honra receber dia trinta junho próximo findo: “acusando recebimento ofício posso assegurar episcopado brasileiro vê com entusiasmo grande empreendimento defesa patrimônio artístico nossa pátria. Direito canônico contém disposições severa prelados brasileiros não cessam urgir. Na obra patriótica boa hora confiada vossa senhoria bispos e clero colaboração afetuoso interesse. Saudações. Assinado cardeal Dom Sebastião Leme”. Atenciosos cumprimentos. Rodrigo M. F. de Andrade. Diretor do Serviço Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (Andrade, 1937: telegrama 17).

Em que pese a disposição demonstrada pelo cardeal, Rodrigo assim se referiu ao assunto em carta de 25 de novembro de 1937:

Por conseguinte o caso da igreja de São Pedro ficará resolvido sumariamente por meio da simples notificação de tombamento à autoridade eclesiástica responsável. A simples disposição do artigo 134 da Constituição nova não bastaria para preservar o monumento, cuja integridade só poderia ficar a salvo dos atentados mediante um decreto especial com esse objetivo. (Andrade, 1937:carta 36).

Outro tema tratado ao longo da correspondência referia-se à questão da apresentação da prestação de contas, cuja orientação era:

Quanto à prestação de contas das importâncias que tiverem de ser despendidas com esses trabalhos, poderá ser feita mediante recibos passados pelos auxiliares que o senhor ajustar e conforme as minutas que lhe enviarei oportunamente, tendo em vista as informações que o senhor me prestar sobre a aplicação do dinheiro. (Andrade, 1937:carta 4).



Na carta de 19 de maio de 1937 Rodrigo sugeriu que se conservasse no arquivo todos os papéis relativos às despesas: “mas esse recibo não impedirá que o senhor preste contas rigorosamente como deseja das despesas feitas, apresentando os respectivos comprovantes a este Serviço, para que fiquem aqui arquivados” (Andrade, 1937:carta 6).

Quando da mudança de Meyer para o Rio de Janeiro por ocasião de sua nomeação para o Instituto Nacional do Livro, Rodrigo solicitou:

Antes de você partir daí, estou empenhado em lhe pedir que organize completamente a comprovação das despesas efetuadas pelo Serviço no Rio Grande durante o ano passado. Tenho absoluta necessidade da especificação minuciosa da aplicação do dinheiro, para que fique consignada no arquivo da repartição, tal com acontece em relação a todas as importâncias despendidas pelo Serviço até agora no país inteiro. Por isso mesmo, peço a você a bondade de providenciar para me trazer ou mandar uma espécie de balanço das quantias recebidas e despendias por seu intermédio, a partir de 19 de maio de 1937. Para esse efeito, porém, você não precisará juntar outros comprovantes que não sejam as suas próprias notas especificadas. Basta que, com a sua responsabilidade e sob sua assinatura, seja esclarecida a aplicação de cada importância. (Andrade, 1938:carta 46).

Meyer atendeu ao pedido enviando a prestação de contas sobre o que Rodrigo comentou: “muito obrigado por sua última carta. Essas complicações de prestação de contas são sempre espantosamente cacetes. Mas a gente não tem outro remédio senão sujeitar-se a elas e fiquei satisfeito com a fórmula ajustada para a sua prestação.” (Andrade, 1938: carta 47).

Outra iniciativa do Serviço do Patrimônio foi a criação, em 1937, da *A Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, sobre a qual, por ocasião do lançamento do seu primeiro número, Rodrigo escreveu:

A publicação desta revista não é uma iniciativa de propaganda do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, cujas atividades, por serem ainda muito modestas e limitadas, não justificariam tão cedo a impressão dispendiosa de um volume exclusivamente para registrá-las. O objetivo visado aqui consiste antes de tudo em divulgar o conhecimento dos valores de arte e de história que o Brasil possui e contribuir empenhadamente para o seu estudo (Andrade, 1987:92)

Observa-se em carta de 5 de junho de 1937 que Rodrigo solicitou a colaboração de Meyer para o primeiro número da revista: “no fim deste mês deve ser publicado o 1º número da Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Sua colaboração é imprescindível.”(Andrade, 1937:carta 9).

Nas cartas de 14, 22 e 31 de julho de 1937 Rodrigo renovou a solicitação:

Espero o estudo que o Dr. Ângelo Guido prometeu sobre São Miguel para a nossa revista. Mas não me conformarei com a falta de um artigo seu no primeiro número. Ser-lhe-á impossível escrevê-lo? [...]Renovolle também o apelo que lhe fiz no sentido de não deixar de enviar-me uma colaboração sua para o primeiro número da Revista.[...] Antes disso, porém, espero receber o artigo prometido para a Revista. (Andrade, 1937:cartas 18, 19 e 20).

Embora a correspondência de Rodrigo tenha sido voltada basicamente para os assuntos ligados ao patrimônio, também havia espaço para a prosa e o verso, ainda que fosse somente nos pós-escritos. Vejamos alguns exemplos.

Na carta de 15 de maio de 1937, informou:

P.S. – Hoje ainda ou segunda-feira lhe remeterei pelo correio o volume dos meus *Velórios*, pelo qual o senhor teve a bondade de se interessar. Não sei se ele merecerá as honras de um transporte tão longo, daqui a Porto Alegre. A matéria de minhas histórias é que é bem ralinha<sup>1</sup>, segundo sua expressão. (Andrade, 1937:carta 4).

Em 26 de maio de 1937 confirmou o envio do livro: “P.S. – O volume dos *Velórios* já lhe foi expedido há muito tempo, endereçado para a Biblioteca Pública do Estado (Andrade, 1937:carta 7).

Em 4 de junho de 1937 mostrou-se agradecido com as críticas de Meyer:

P. S.- Fiquei muito reconhecido ao senhor pela generosidade extrema com que se referiu às minhas prosas. Acho que a metade do louvor veio à conta da simpatia pessoal, que [principiara] intensa da minha parte [e] a que espero seja recíproca. De outras vezes lhe escreverei mais longamente, para conversar sobre muitas coisas, inclusive sobre o seu *Machado de Assis*, que li há algum tempo, emprestado pelo Gastão Cruls. (Andrade, 1937:carta 8).

As incertezas em relação ao SPHAN causadas pelo momento político que o país atravessava quando da vigência do Estado Novo, instaurado em 10 de novembro de 1937 pelo presidente Getúlio Vargas, também foram descritas na correspondência de Rodrigo a Meyer.

Rodrigo sentiu-se preocupado com o que pudesse acontecer àquela instituição caso se concretizasse a substituição de Capanema no Ministério da Educação pois, nesse caso, ele também se afastaria.

Sobre esse assunto em cartas enviadas em 20 de novembro e 2 de dezembro de 1937 e em 4, 11, 23 e 29 de janeiro de 1938 Rodrigo assim manifestou-se:

---

<sup>1</sup> Grifo do autor.

Ando muito preocupado com o caso criado pelo novo dispositivo constitucional relativo a acumulações remuneradas. Espera-se por esses poucos dias a sua regulamentação, mas estou com muito medo de que esta seja pouco menos rigorista e que você se encontre na contingência de abrir mão da possibilidade de ser contratado como assistente técnico, assim como, desde logo, dos vencimentos que vem percebendo por conta da verba de pessoal do Serviço. O Mário está igualmente ameaçado, tal como, de resto, quase a totalidade do nosso pessoal técnico[...] O pior é que eu próprio me encontro na iminência de deixar o Patrimônio, uma vez que se continua a descontar sobre as probabilidades do Capanema ser substituído no Ministério [...]Infelizmente volta-se a esperar a qualquer momento a saída do Capanema [...]Ando aborrecidíssimo com as conseqüências do dispositivo constitucional sobre acumulações remuneradas, que afeta a todo o pessoal técnico do Serviço, sem nenhuma exceção[...]Quanto a mim, peço-lhe encarecidamente que se abstenha de qualquer solicitação no sentido de minha permanência. Bem sei que você a faria de todo o coração, mas não desejo de modo algum permanecer num posto de confiança, na hipótese do novo Ministro não ter motivos para me dispensar[...]Por aqui continua a mesma incerteza a respeito da substituição do Capanema. Estou naquela perplexidade de que lhe falei em cartas anteriores. [...] A respeito da substituição do Ministro parece que tudo voltou a situação anterior. O que se dizia resolvido sobre a entrada de um integralista para o Ministério ficou bastante duvidoso, por motivo das diligências policiais realizadas aqui contra os núcleos do Sigma. Não obstante, ainda há pessoas que afirmam que a pasta da Educação está de fato assegurada ao Plínio Salgado ou a algum delegado de confiança dele. (Andrade, 1937-1938: cartas 34, 37, 44- 47).

Rodrigo também preocupou-se com a situação funcional de Meyer que, justamente naquele momento de tensão política, estava se preparando para assumir a direção do Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro. O assunto é abordado em cartas de 21, 24 e 31 de dezembro 1937:

Dona Sara tem estado permanentemente em contato conosco e trabalhando com impressionante energia em seu favor. De parte de todo o mundo há um interesse enorme em trazê-lo para cá, mas parece que o Presidente objeta à sua emigração, alegando que você é um valor de que o Rio Grande não se deve privar. De qualquer maneira, entretanto, calculo que você esteja dentro em muito breve numa situação excelente aqui mesmo [...] Por intermédio de Dona Sara que seguiu ontem de avião, já lhe enviei um abraço afetuoso, com as melhores felicitações pelos ótimos resultados da viagem dela. Estou certo de que, como diretor do Instituto do Livro, você poderá realizar uma obra interessantíssima e, embora lamentando profundamente a perda de sua colaboração, não posso deixar de me regozijar com a aquisição permanente de sua companhia no Rio[...] Transmiti ao Carlos Drummond com o maior empenho o pedido que Dona Sara me fez por telegrama para conseguir que o decreto de sua nomeação seja assinado antes do Presidente partir para o Sul. Espero que o Ministro não deixe de levar o expediente para o despacho de segunda-feira próxima. Diga a ela isso e comunique-lhe os nossos melhores votos de felicidades para o ano novo. (Andrade, 1937:carta 41-43).

A situação de Meyer não chegou a ser tão delicada de acordo com a opinião do próprio Rodrigo em carta de 31 de dezembro 1937: “o seu caso é muito diferente, dadas as relações pessoais que tem com o Chefe da Nação que constituem razão bastante para habilitá-lo a ocupar à vontade qualquer função administrativa durante o governo atual.” (Andrade, 1937:carta 45 ). Nessa mesma carta ainda comentou:

Fiquei muito satisfeito com as boas notícias de sua carta do dia 7. Espero que a nova intervenção de Dona Sara diretamente junto ao Presidente tenha produzido o efeito desejado. E conto com sua vinda para o Rio dentro do menor prazo possível depois da assinatura do decreto. (Andrade, 1937:carta 45).

Finalmente o decreto de nomeação de Augusto Meyer para o Instituto Nacional do Livro, foi assinado no dia 1 de fevereiro de 1938 e, no dia 5 do mesmo mês, Rodrigo enviou-lhe a seguinte mensagem:

Escrevo-lhe às pressas, apenas pra não retardar o grande abraço que quero dar a você por sua nomeação, nem os agradecimentos que lhe devo por sua carta do dia 31, com o resto da relação dos monumentos e coleções a tombar no Rio Grande. Tive uma enorme alegria com sua vinda para o Rio e espero [firmemente?] que você se de bem aqui e que se adapte logo às suas novas funções - feitas à sua medida. Quando é que você pretende vir? (Andrade, 1938:carta 48).

Como vemos, a correspondência de Rodrigo M. F. de Andrade a Augusto Meyer, encontrada no arquivo deste último, se constitui em fonte documental preciosa no que se refere à história das primeiras ações voltadas para a proteção dos bens patrimoniais do país, mais especificamente no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, entendemos que a presente pesquisa aponta para a relevância dessas fontes em estudos futuros sobre o tema.

### **Capítulo 3: Cartas do patrimônio: correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Augusto Meyer**

Este capítulo visa dar a conhecer parte da correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Augusto Meyer, a qual integra o arquivo deste último. Como já mencionamos, o acervo em questão encontra-se sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. A correspondência abrange o período de 9 de março de 1937 a 29 de março de 1966. Entretanto, para fins desta dissertação, nos limitaremos às cartas e aos telegramas datados de 9 de março de 1937 a 5 de fevereiro de 1938. Tal recorte se justifica por ter sido justamente o período em que se deu a participação de Augusto Meyer no primeiro levantamento dos bens patrimoniais da Região Sul.

A apresentação da correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade com Augusto Meyer consistiu na transcrição das cartas e telegramas, acompanhados de notas explicativas e de um índice geral.

A transcrição, por sua vez, seguiu a norma fixada pela coordenação editorial da Coleção Correspondência de Mário de Andrade, devidamente adequada ao nosso *corpus*, conforme se segue:

1. Padronização da ortografia conforme a regra vigente.
2. Respeito à pontuação original do missivista.
3. Atualização da grafia de nomes próprios.
4. Correção de erros óbvios.
5. Observância à norma vigente da ABNT para títulos de livros, isto é, uso de maiúscula na primeira palavra e minúsculas nas subseqüentes, salvo nos casos em que o uso da maiúscula no interior do título se faça necessário. Esses títulos, assim como os de periódicos (jornais, boletins e revistas), foram grafados em itálico.
7. Identificação das personalidades citadas, informando quem foram, o que fizeram, relacionando-as sempre ao contexto das cartas.
8. Uso de reticências entre colchetes: [...], no caso de impossibilidade de leitura de palavras ou trechos, por dificuldade de decifrar a letra do remetente.
9. Apresentação dos locais e datas, conforme a seqüência: cidade, dia, mês, ano. Quando não figuram na correspondência, mas puderam ser apurados, foram indicados entre colchetes.

10. Manutenção dos trechos sublinhados pelo autor, salvo quando se trata de títulos de livros, periódicos, etc.

11. Descrição do documento, ao final de cada texto transcrito, observando sempre os manuscritos para resgatar a sua forma original, conforme exemplificado abaixo:

➤ *Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta. No canto superior esquerdo o carimbo: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA/SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E/ARTÍSTICO NACIONAL.*

➤ *Carta autógrafa a tinta preta, 2 fls., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada: “Rodrigo”. Datada: “Rio. 25 de setembro de 1937. Pós-escrito na margem lateral esquerda nas duas folhas.*

12. Numeração das cartas de 1 a 48, para efeito de índice.

13. Opção por não indexar os nomes de Augusto Meyer, Rodrigo Melo Franco de Andrade e SPHAN.

14. Ausência de menção à falta de assinatura nos pós-escritos, já que a maioria deles não são assinados.

15. Desdobramento e padronização da grafia de vocábulos referentes a formas de tratamento e a epítetos usados em relação ao destinatário (o admor → admirador, ami.o. → amigo, obr.o → obrigado), de acordo com o *Vocabulário ortográfico* da Academia Brasileira de Letras (ABL), mantendo, porém, as seguintes abreviaturas: Sr., Dr.

16. Transcrição dos corpus segundo a versão final do autor, sem qualquer menção, em nota, às emendas, cortes e acréscimos.

Passemos agora à transcrição das cartas e telegramas acima referidos.

## 1

Avenida Nilo Peçanha, 155, 7º Andar  
Salas 710 e 711)  
Edifício Nilomex – Esplanada do Castelo<sup>1</sup>

Rio de Janeiro, 9 de março de 1937.

Exmo. Sr. Dr. Augusto Meyer.

Peço permissão para dirigir-me ao senhor, a fim de solicitar sua valiosa colaboração na tarefa que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>2</sup> tem a realizar no Rio Grande do Sul.

Iniciado em maio do ano passado, mas só em janeiro deste ano criado efetivamente por lei federal, este Serviço se tem limitado aos trabalhos relacionados com sua organização administrativa e com a elaboração de projetos submetidos ao Poder Legislativo no sentido da proteção das obras de valor artístico e histórico existentes no país. Além disso, os poucos recursos de que dispôs até agora não lhe permitiram senão principiar o tombamento dos monumentos de arquitetura típica situados em Minas Gerais, na Bahia, no Distrito Federal e no Estado do Rio<sup>3</sup>. Dentro em breve, porém, desde que estejam à sua disposição as quantias que lhe foram atribuídas no orçamento vigente e na lei nº 378 de 13 de janeiro

---

<sup>1</sup> Nesse endereço o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Sphan passa a funcionar ainda de forma provisória, em 1936. A construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública que também sediará o SPHAN ocorreu entre 1936 e 1945 sendo inaugurado por Getúlio Vargas em 1945. O edifício foi projetado por uma equipe composta por Lúcio Costa, Carlos Leão, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Ernâni Vasconcellos e Jorge Machado Moreira, com a consultoria do arquiteto franco-suíço Le Corbusier.

<sup>2</sup> Coube a Mário de Andrade, em 1936, elaborar por encomenda do ministro Gustavo Capanema, um anteprojeto para a criação de um serviço federal de proteção do patrimônio. Nesse mesmo ano o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN passa a funcionar em caráter provisório, sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade. A instituição foi criada oficialmente pela Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937 e regulamentada pelo Decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, que institui o tombamento como o principal instrumento jurídico do poder público.

<sup>3</sup> Os bens a serem inventariados deveriam relacionar-se a arquitetura religiosa, civil e militar com interesse histórico e artístico excepcional ou relevante

do ano corrente<sup>4</sup>, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional se empenhará por dilatar a sua ação até o Rio Grande do Sul, no propósito de inventariar os bens de valor histórico e artístico excepcional existentes no Estado e bem assim proceder aos estudos necessários para o fim de dar início às obras de conservação ou de restauração que reclamarem alguns dos monumentos aí situados, entre os quais se destacam os vestígios das construções das missões jesuíticas, em São Miguel.<sup>5</sup>

No entanto, não desejo tomar nenhuma providência com esse objetivo, sem ter obtido previamente quer o seu valioso parecer sobre a orientação a adotar nos trabalhos que este Serviço tem em vista no Rio Grande, quer sua autorizada resposta às seguintes consultas que tomo a liberdade de lhe submeter:

1º) haverá possibilidade do senhor indicar alguma bibliografia satisfatória relativa às obras de interesse histórico e artístico nesse Estado?

2º) haverá possibilidade de coligir com certa presteza documentação fotográfica sobre as obras de arquitetura civil e religiosa situadas no Rio Grande e que interessem à finalidade deste Serviço?

Queira relevar-me a presente iniciativa e aceitar, com a antecipação de meus sinceros agradecimentos, os protestos da minha elevada estima e antiga admiração.

Rodrigo M. F. de Andrade

---

<sup>4</sup> De acordo com capítulo IX, disposições transitórias do art. 119 da Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, coube ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a quantia de 300:000\$00.

<sup>5</sup> As Missões ou Reduções Jesuítas foram fundadas no final do século XVII, e vinculava-se a interesses da Coroa Espanhola. As reduções eram aldeamentos que assemelhava-se à estrutura dos povoados espanhóis: com uma praça central tendo em volta as diferentes edificações. Num dos lados da praça erguia-se o complexo formado pela igreja, residência dos padres, cemitério, colégio, oficinas e horta. Tinham em média três mil indígenas, orientados por dois jesuítas e por caciques. Por volta de 1626, teve início a ocupação do atual Rio Grande do Sul, com a fundação de reduções na área conhecida como Tape. Constantes ataques dos bandeirantes motivaram a mudança das reduções para a margem oriental do rio Uruguai. A partir de 1682, os jesuítas retornaram ao atual Rio Grande do Sul, fundando as reduções de São Borja (1682), São Nicolau (1687), São Miguel Arcanjo (1687), São Luís Gonzaga (1687), São Lourenço Mártir (1690), São João Batista (1697) e Santo Ângelo Custódio (1706), posteriormente conhecidas como Sete Povos das Missões.



*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta. No canto superior esquerdo o carimbo: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA/SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E/ARTÍSTICO NACIONAL.*

## 2

Rio de Janeiro, 16 de abril de 1937.

Meu caro Dr. Augusto Meyer.

Muito obrigado por sua carta que acaba de me chegar às mãos. Tive receio de que se tivesse extraviado a que lhe escrevi e, por esse motivo, pedi ao nosso amigo Dr. João Neves<sup>6</sup> o favor de perguntar-lhe se não tinha recebido o apelo que tomei a liberdade de fazer ao senhor para prestar seu precioso concurso a este Serviço. Vejo agora que houve apenas atraso na entrega de minha carta e que, felizmente, o senhor já teve a bondade de tomar providências no sentido de pôr em contato esta repartição com a Secretaria de Educação e Saúde Pública do Estado.

Prevalecendo-me de sua autorização, oficiarei dentro em breve diretamente ao Dr. Otelo Rosa<sup>7</sup>, solicitando-lhe a cooperação dos poderes públicos estaduais para a execução da tarefa que nos incumbe no território rio-grandense.

Não obstante, devo confessar-lhe que, quando pedi o seu auxílio foi com o pensamento de obter sua colaboração pessoal e efetiva para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pois estou certo de que ninguém estará mais habilitado que o senhor a orientar aí a atividade da repartição. E, como o presidente da República já autorizou o contrato de um assistente técnico para exercer as funções de delegado do serviço na 7ª Região<sup>8</sup> (compreendendo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande), cuja sede é

---

<sup>6</sup> João Neves da Fontoura (1887–1963), advogado, jornalista, político, orador, diplomata e memorialista. Costumava freqüentar a Livraria do Globo, junto com Getúlio Vargas, na época em que eram deputados. “Alguns literatos de Porto Alegre cultivam o hábito de se reunirem à tardinha à porta da Livraria do Globo, onde ficavam a fumar, discutir política e/ou literatura e a olhar a colorida parada das calçadas”. (Veríssimo, 1972:7)

<sup>7</sup> Otelo Rodrigues Rosa (1889–1956), poeta, romancista, conferencista, historiador, político e biógrafo. Secretário de Educação do Rio Grande do Sul, no Governo Flores da Cunha. Membro da Comissão Gaúcha de Folclore. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul– IHGRS, desde 1930, e da Academia Rio-Grandense de Letras.

<sup>8</sup> Para efeito da administração dos serviços do Ministério da Educação e Saúde, a Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, definiu os referidos serviços em seu artigo 4º, capítulo I, dividindo-os em oito regiões, a saber:  
a) 1ª Região, constituída pelo Distrito Federal e pelo Estado do Rio de Janeiro;

Porto Alegre, venho consultá-lo sobre a possibilidade do senhor aceitar esse encargo, mediante remuneração mensal de 1:500\$000.

Peço-lhe permissão para encarecer a extrema necessidade que tem este Serviço de contar com o seu concurso, por uma série de circunstâncias dentre as quais destaco apenas a minha profunda confiança na sua aptidão especial para a missão de que desejaria incumbi-lo. Tratando-se de duas funções técnicas, penso que lhe será lícito acumular a direção da Biblioteca Pública do Estado com as suas funções de assistente técnico do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sobretudo atendendo à compatibilidade de horários.

Tomo a liberdade de rogar-lhe o favor de uma resposta dentro do menor tempo que lhe for possível.

Muito grato pelas informações e esclarecimentos que teve a gentileza de me prestar, aqui fico com a firme esperança de uma resposta favorável de sua parte.

Cumprimenta-o afetuosamente

o sincero admirador

Rodrigo M. F. de Andrade

Edifício Nilomex – Avenida Nilo Peçanha

155 – 7º andar – sala 710 – Esplanada do Castelo. Rio

*Carta datilografada a preto, 2fls., 32,0 cm x22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta. Datada: “Rio – 16-4-937”.*

- 
- b) 2ª Região, constituída pelo Território do Acre e pelos Estados do Amazonas e Pará;
  - c) 3ª Região, constituída pelo Estados do Maranhão, Piauí e Ceará;
  - d) 4ª Região, constituída pelos Estrados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas;
  - e) 5ª Região, constituída pelos Estados de Sergipe, Bahia e Espírito Santo;
  - f) 6ª Região, constituída pelos Estados de São Paulo e Mato Grosso;
  - g) 7ª Região, constituída pelos Estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul;
  - h) 8ª Região, constituída pelos Estados de Minas Gerais e Goiás.

## 3

Edifício Nilomex – Avenida Nilo Peçanha  
155 – 7º andar – sala 710 – Esplanada do  
Castelo – Rio –

Rio de Janeiro, 22 de abril de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Tive uma grande satisfação com sua carta, aceitando a designação para assistente técnico do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na 7ª Região. Desde que pensei na organização administrativa deste departamento e nos seus colaboradores principais, sua escolha se impôs desde logo e eu não poderia me conformar com outro assistente técnico para essa Região<sup>9</sup>.

Em relação ao receio que o senhor manifesta de não poder conciliar inteiramente o exercício de seu cargo de Diretor da Biblioteca com as funções de que será investido, penso que ele é infundado, pois não haverá necessidade de se afastar freqüentemente da sede da Região, que é mesmo Porto Alegre. Bastará que, uma vez ou outra, o senhor realize algumas inspeções, mas poderá confiar a execução de serviços fora daí a pessoas de sua escolha, correndo as despesas por conta de verba material da repartição. De resto, o arquiteto chefe da Comissão Central do Tombamento deverá percorrer essa Região dentro de algum tempo e eu, se puder, irei na companhia dele<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> A equipe reunida por Rodrigo Melo Franco de Andrade se caracterizou com base em afinidades intelectuais e pessoais, além das qualificações técnicas. Convocou para assessorá-lo e para definir a política preservacionista, arquitetos, literatos e artistas que estavam ligados ao movimento modernista no Brasil, como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Carlos Drummond de Andrade, Afonso Arinos, Augusto Meyer, Mário de Andrade, entre outros.

<sup>10</sup> Lúcio Costa (1902 –1998), chefe da Divisão de Estudos e Tombamentos – DET entre 1937 e 1972.

Além disso, no Paraná, já estou em contato com o Dr. David Carneiro<sup>11</sup>, a quem solicitei empreender o inventário dos bens de excepcional valor histórico e artístico situados no território daquele Estado, a principiar pela parte de arquitetura, prevenindo-o, porém, de que terá de ficar subordinado à autoridade do assistente técnico da 7ª Região. Se o senhor concordar, penso que se poderá proceder da mesma forma no tocante a Santa Catarina, ficando a seu alvitre a designação do encarregado do serviço ali.

O que lhe peço com grande empenho é o favor de providenciar no sentido de remeter-me urgentemente os documentos necessários ao expediente de seu contrato e que são os seguintes: carteira eleitoral, carteira de reservista ou certidão de quitação com o serviço militar e atestado de saúde (este emanado de repartição competente para fornecê-lo).

Espero sua resposta a esta carta, a fim de lhe escrever novamente, prestando outros esclarecimentos de que o senhor porventura carecer.

Muito grato pela sua honrosa aquiescência ao meu convite, abraça-o cordialmente o  
sincero admirador e amigo,

Rodrigo M. F. de Andrade

*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta. Datada: "Rio de Janeiro – 22-4-937".*

---

<sup>11</sup> Davi Carneiro (1904-1990), poeta, romancista, ensaísta, novelista, tradutor, conferencista, biógrafo, historiador, engenheiro, professor. Em 1928, fundou o Museu Coronel Davi Carneiro. Foi colaborador do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Paraná e Santa Catarina.

Rio de Janeiro, 15 de maio de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Logo no dia seguinte àquele em que lhe telegrafei, encarecendo a urgência da remessa dos documentos necessários para o seu contrato, tive o prazer de receber sua carta datada de 10, pela qual verifiquei a dificuldade em que o senhor se encontra para obter quitação com o serviço militar. Fiquei, a princípio, aborrecido com esse embaraço que retardaria ainda por alguns meses a sua colaboração efetiva a esta repartição. Mas, examinando depois atentamente os termos em que foi concedida a autorização do Presidente da República para serem iniciados os serviços nessa Região, verifiquei com satisfação que me é lícito confiar ao senhor o encargo que lhe propus, independentemente da formalidade de contrato. Assentei, pois, considerá-lo delegado deste Serviço na 7ª Região a partir do dia 1º de maio corrente, com a remuneração mensal de 1:500\$000, importância essa que lhe remeterei com regularidade, pela forma que o senhor indicar e mediante recibo cujos termos lhe transmitirei em tempo oportuno.

A esse propósito, posso comunicar-lhe que já recebi a importância destinada a atender às despesas com os nossos trabalhos durante o 1º semestre de 1937. Como, porém, sucede que só agora eu a tenha recebido, torna-se imprescindível a execução de um programa intensivo a ser ultimado até o fim de junho próximo.

Por isso mesmo, venho recomendar-lhe com o mais vivo empenho organizar o plano e principiar imediatamente o serviço do inventário das obras de arquitetura civil e religiosa de excepcional valor artístico e histórico situadas no território do Rio Grande do Sul, a fim de que o trabalho esteja terminado até o fim daquele prazo. Para esse afeito fica o senhor autorizado a ajustar os auxiliares de que necessitar, assim como a dispender o que for mister para transportes, documentação fotográfica, etc.

Aguardarei apenas a sua resposta telegráfica a esta carta para mandar pôr a sua disposição, no banco que o senhor indicar, a importância de 5:000\$000 que presumo seja

suficiente para custear esse serviço intensivo. Caso a mesma não seja bastante, providenciarei sem demora para reforçá-la.

Para sua orientação acerca do inventário, bastará dizer-lhe que ele deve compreender tanto as obras de arquitetura urbana quanto as de arquitetura rural, devendo consistir num pequeno histórico de cada monumento, com indicação da situação e da época em que foi edificado, da respectiva autoria (quando for possível apurá-la), dos materiais empregados na construção (cantaria, taipa, etc., das reformas que tiver sofrido, do seu estado atual de conservação, dos reparos mais urgentes de que necessitar e por fim, das referências bibliográficas que existirem a seu respeito. Todas essas indicações poderão ser sumárias, mas cumpre que cada pequeno relatório referente a determinado monumento seja instruído com documentação fotográfica a mais completa possível. Há também necessidade de que todos esses relatórios sejam submetidos à sua revisão e assinados pelo senhor.

Quanto à prestação de contas das importâncias que tiverem de ser despendidas com esses trabalhos, poderá ser feita mediante recibos passados pelos auxiliares que o senhor ajustar e conforme as minutas que lhe enviarei oportunamente, tendo em vista as informações que o senhor me prestar sobre a aplicação do dinheiro.

À espera de uma resposta sua dentro do menor prazo possível, abraça-o afetuosamente

o admirador e amigo obrigado

Rodrigo M. F. de Andrade

P.S. – Hoje ainda ou segunda-feira lhe remeterei pelo correio o volume dos meus *Velórios*<sup>12</sup>, pelo qual o senhor teve a bondade de se interessar. Não sei se ele merecerá as honras de um transporte tão longo, daqui a Porto Alegre. A matéria de minhas histórias é que é bem ralinha, segundo sua expressão.

*Carta datilografada a preto, 2fls., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta.*

---

<sup>12</sup> Rodrigo Melo Franco de Andrade publicou em 1936, o livro de contos *Velórios*, editado pela Ed. Amigos do Livro de Belo Horizonte, a qual já tinha publicado também os primeiros livros de Carlos Drummond de Andrade. Publicou, ainda, três livros de ensaios: *Brasil, monumentos históricos e arqueológicos* (Instituto Pan-Americano de Geografia e História, México, 1952); *Rio Branco e Gastão da Cunha* (Ministério das Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, 1953) e *Artistas coloniais* (MEC, 1958).

## 5

Rio de Janeiro, 17 de maio de 1937.

Meu caro Dr. Augusto Meyer.

Acabo de receber sua carta do dia 14 com a boa notícia de que, dentro de pouco mais de uma semana, o senhor já terá reunido todos os papéis necessários a habilitá-lo a ser contratado pelo Ministério da Educação. Fiquei satisfeitíssimo, porque prefiro regularizar rapidamente a sua situação no quadro do pessoal deste Serviço. Não deixe, pois, de diligenciar para obter os documentos desejados, sem embargo do que eu lhe dizia em minha última carta do dia 15.

Fico à espera de um telegrama seu indicando o banco em que devo depositar a quantia destinada às despesas com o inventário das obras de arquitetura existentes nesse Estado.

Um abraço do

admirador e amigo

Rodrigo M. F. de Andrade

*Carta datilografada a preto, 1fl, 21,6 cm x 22,3 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta. Datada: "Rio, 17 de maio de 1937". O papel encontra-se rasgado na parte inferior.*



## 6

Rio de Janeiro, 19 de maio de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Tive uma grande alegria com a notícia de sua vinda ao Rio em julho próximo. Pessoalmente haveremos de conversar melhor do que por escrito e terei oportunidade de lhe pedir impressões e sugestões sobre um mundo de aspectos do serviço. Sem contar o prazer de sua companhia, independente de qualquer questão relacionada com o patrimônio histórico nacional.

Quanto ao recibo relativo aos 5:000\$000, será preferível que o senhor o faça assinar, nos termos que lhe adiantei em carta do dia 14 deste, por uma pessoa de sua confiança. Isso, para produzir efeito perante o Tribunal de Contas, em condições da aplicação do dinheiro não sofrer impugnação alguma fundada em interpretações bizantinas dos dispositivos do código de contabilidade. Mas esse recibo não impedirá que o senhor preste contas rigorosamente como deseja das despesas feitas, apresentando os respectivos comprovantes a este Serviço, para que fiquem aqui arquivados. Para este último efeito, porém, tais comprovantes poderão vir numa só via, atendendo a que não terão de ser submetidos à fiscalização do Tribunal de Contas, nem sequer da Diretoria de Contabilidade do Ministério. Em todo caso, convirá que o senhor conserve outra via dos documentos para o arquivo da 7ª Região.

Em relação ao serviço em Santa Catarina, a indicação do Dr. Henrique Fontes<sup>13</sup> não poderia ser melhor. Mas talvez seja preferível aguardarmos o próximo trimestre para tratar do assunto. Aqui conversaremos sobre isso.

Estou muito grato ao senhor pelas providencias tomadas de referência a São Luís.

Espero com ansiedade seu segundo relatório sobre a Igreja do Rosário, assim como as fotografias que o acompanharam o mais as tiradas no jardim da Escola de Engenharia.

Abraço do

Amigo e admirador obrigado

Rodrigo M. F. de Andrade

---

<sup>13</sup> Henrique Fontes (1885-1966), professor universitário, desembargador, pesquisador da história catarinense e membro da Academia Catarinense de Letras.

*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta.*

Rio de Janeiro, 26 de maio de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Espero que o senhor já tenha recebido aviso de estar á sua disposição, na agência do Banco do Brasil em Porto Alegre, a importância de cinco contos de réis destinada a atender às despesas com o inventário das obras de arquitetura civil e religiosa de interesse artístico ou histórico, situadas no Rio Grande do Sul. Desde o dia 19 providenciei, realmente, para que a necessária ordem de pagamento daquela quantia lhe fosse expedida por telegrama: de sorte que, quando me chegou às mãos sua carta datada do dia 20, nada mais me restava fazer senão lhe prestar alguns esclarecimentos complementares e agradecer-lhe vivamente pelas medidas que o senhor tem tomado em benefício deste Serviço.

Os esclarecimentos são os seguintes: os vencimentos a que o senhor tem direito, pela assistência técnica dada a esta repartição durante o mês de maio, lhe serão remetidos nos primeiros dias de junho próximo. Quanto àquela importância de cinco contos de réis, terá de ser aplicada, a seu critério, para custear os trabalhos do inventário que lhe solicitei, mas cumprir-lhe-á ter em vista para esse efeito o disposto no art. 11 da lei nº 183 de 13 de janeiro de 1936: “Fica criada, a partir de 1º de fevereiro de 1936, a taxa de \$100 por 100\$000, a qual recairá sobre todos os pagamentos feitos pela União, a qualquer título, exceto à conta de “pessoal” e qualquer que seja a repartição ou estabelecimento que os efetuar. Parágrafo único – Nos pagamentos à conta de “pessoal” superiores a 150\$000, essa taxa será de \$300 por 100\$000 ou fração de 100\$000, sendo paga mediante simples desconto do ato do pagamento.”

Tive uma grande satisfação com a notícia da coleção de fotografias doadas pelo generoso amigo, a que o senhor se refere, do Serviço do Patrimônio. Ficar-lhe-ei muito grato se o senhor mandar fazer duas cópias de cada chapa, para o nosso arquivo.

Em relação às obras de reparação e restauração reclamadas em São Miguel, peço-lhe o favor de providenciar, quando lhe parecer oportuno, para proceder-se a um estudo detido da situação atual do edifício, para a elaboração do projeto e do orçamento dos

serviços necessários. Isso, porém, somente quando o senhor julgar oportuno e dispuser de técnicos de confiança para tratar da questão.

De referência às outras obras de arquitetura a serem inventariadas aí, tomo a liberdade de consultá-lo sobre as seguintes ruínas das missões jesuíticas, enumeradas no livro de Miguel Solá, *História del arte hispano-americano* Ed. Labor, 1935: São Borja, Santo Ângelo, São João, São Luís Gonzaga, São Lourenço e São Nicolau. Restará ainda alguma coisa dessas edificações?

Contando sempre com o prazer de suas notícias, envia-lhe um abraço o  
atencioso admirador e amigo obrigado.

Rodrigo M. F. de Andrade

P.S. – O volume dos *Velórios* já lhe foi expedido há muito tempo, endereçado para a Biblioteca Pública do Estado.

*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta.*

## 8

Rio de Janeiro, 4 de junho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Fiquei muito animado com as notícias que sua última carta me trouxe sobre o andamento do serviço no Rio Grande. Estou certo de que o senhor conseguirá até o fim deste mês coligir os dados essenciais sobre todos os monumentos de arquitetura de interesse artístico ou histórico existentes nesse Estado, assim como a documentação fotográfica mais completa possível relativa a cada um deles. Achei excelente o critério que o senhor adotou para esse efeito, limitando o inventário às obras edificadas no período compreendido entre as missões jesuíticas e a revolução dos Farrapos<sup>14</sup>.

A demolição do antigo Colégio de São Luís, precisamente no instante em que dávamos início à nossa atividade nessa Região, constituiu um atentado inqualificável que nos deveria desalentar para a execução da tarefa a que nos propomos, se não fora a certeza que podemos ter da impossibilidade da reprodução de semelhante vandalismo desde que seja promulgada a lei já aprovada pela Câmara, organizando efetivamente a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e outorgando poderes a esta repartição para intervir nesse sentido quer junto aos particulares, quer junto às autoridades federais, estaduais e municipais.

À vista, porém, do que ocorreu em São Luís, consulto-o se não será possível reunir dados minuciosos e documentação fotográfica sobre a edificação demolida, assim como salvar e preservar ainda os seus elementos que tenham subsistido.

Quanto aos vestígios das outras obras das missões jesuíticas no Rio Grande, o livrinho de Solá sobre a “Arte hispano-americana” não tem nenhuma reprodução

---

<sup>14</sup> “O meu plano, em linhas gerais, está traçado. Como sabe, o Rio Grande marcha modestamente na retaguarda do centro e do nordeste, em matéria de monumentos de excepcional valor histórico e artístico. O critério, portanto, a seguir no caso deveria ser estritamente histórico, compreendida a linha de evolução histórica entre a malograda civilização jesuítica e a revolução dos farrapos. (Carta de Augusto Meyer para Rodrigo Melo Franco de Andrade, no Arquivo Noronha Santos – IPHAN).

fotográfica a seu respeito. Em compensação há nele dados muito precisos sobre São Miguel e, em relação a São Nicolau, o seguinte:

“Muy pocos restos quedan de las construcciones jesuíticas de las demás misiones del territorio del Brasil. Por su completo carácter indígena hemos mencionado ya el edificio circular que existe en el cementerio de San Nicolás; está hecho con aparejos poligonales de três metros de largo por dos de ancho. Lleva em su parte superior una cruz de piedra flanqueada por dos figuras de talla primitiva. Lás jambas y el dintel de la puerta son monolíticos y reticulados e impresionan en sentido incaico. En el mismo pueblo de San Nicolás quedan dos grandes torres de piedra de silleria, que lás gentes de la localidad llaman Casas Del Cabildo.”

Aguardo com muito interesse “As Missões Orientais” de Hemetério Veloso. O senhor ponha o respectivo preço na conta do Serviço. Submeterei aos arquitetos deste Serviço a reconstituição a que o senhor se refere e não deixarei de lhe mandar parecer daqueles técnicos.

O “Relatório da visita feita às ruínas de São Miguel no Município de Santo Ângelo” deve ser do maior interesse. Ficar-lhe-ei agradecido se o senhor me remeter desde já bibliografia de que dispõe, tal como teve a bondade de oferecer.

Em matéria de arquitetura popular, não haverá aí algum monumento interessante?

Em data de ontem remeti-lhe por intermédio do Banco do Brasil (ordem de pagamento telegráfica) a importância correspondente aos seus vencimentos do mês de maio, com o desconto do imposto a que se refere a lei nº 183, assim como da comissão do Banco, telegrama e selos. Rogo-lhe o favor de enviar-me o respectivo recibo nos termos da minuta inclusa.

Contando sempre com suas notícias, abraça-o afetuosamente

o admirador e amigo obrigado.

Rodrigo M. F. de Andrade.

*Carta datilografada a azul, 2fls., 32,0 cm x 22,0 cm e 32,0 cm x 16,0 cm, escrita frente, Assinada a tinta preta. A segunda folha foi cortada ao meio.*

**Anexo carta 8**

R\$ 1:500\$000

Recebi do sr. Dr. Rodrigo M. F. de Andrade, Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a quantia de R\$ 1:500\$000 (um conto e quinhentos mil réis), correspondente a trabalhos de assistência técnica executados para o mesmo Serviço na 7ª Região, durante o mês de maio próximo findo.

Rio de Janeiro,

(Em três vias todas seladas)

Descontos: Lei 183, de 13 de janeiro de 1936, comissão, telegrama e selo – 15\$ 600

P. S.- Fiquei muito reconhecido ao senhor pela generosidade extrema com que se referiu às minhas prosas. Acho que a metade do louvor veio à conta da simpatia pessoal, que [princiara] intensa da minha parte [e] a que espero seja recíproca. De outras vezes lhe escreverei mais longamente, para conversar sobre muitas coisa, inclusive sobre o seu *Machado de Assis*<sup>15</sup>, que li há algum tempo, emprestado pelo Gastão Cruls.<sup>16</sup>

Do Rodrigo

4. 6. 1937

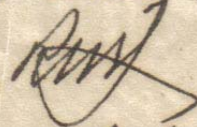
*Recibo datilografado a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente, sem assinatura.*

<sup>15</sup> Ensaio de Augusto Meyer sobre Machado de Assis, que ele tanto admirava.

<sup>16</sup> Gastão Cruls (1888-1959), romancista, contista, historiador e cientista. Formou-se em medicina. Seus primeiros contos apareceram na *Revista do Brasil*, de Monteiro Lobato. De 1931 a 1938 dirigiu a revista literária *Boletim de Ariel*.

Pós-escrito autógrafo a tinta preta. No meio do documento, com caligrafia não identificada, há a seguinte nota manuscrita a lápis: "Descontos: - Lei 183, de 13-1-36, comissão, telegrama / e selo - 15\$600.

P. S. - Fiquei muito conhecido ao senhor  
pelo pensamento entretido com seu respeito  
às minhas provas. Acho que a metade do  
louvor veio a conta de sympathia pessoal,  
que principia intemporalmente de minha parte -  
e que espero seja recíproca. De outra vez  
le escreverei mais longamente, para con-  
versar sobre muitas coisas, inclusive sobre  
o seu "Machado de Assis", que li há algum  
tempo, emprestado pelo Gastão Cruz.

Do   
4. 6. 1937

I-39



## 9

Rio de Janeiro, 5 de junho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Abri a carta que lhe escrevera ontem para acrescentar este recado urgente:

No fim deste mês deve ser publicado o 1º número da Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>17</sup>. Sua colaboração é imprescindível. Tomo, portanto, a liberdade de pedir-lhe com o maior empenho o favor de elaborar um artigo sobre qualquer das obras a inventar aí: São Miguel ou qualquer outra<sup>18</sup>.

Rogo-lhe também a bondade de conseguir um artigo do Dr. Alcides Maya<sup>19</sup> ou outro especialista que lhe parecer indicado a respeito do Museu Júlio de Castilhos<sup>20</sup>.

Será possível arranjar isso? Os originais dos trabalhos devem me chegar às mãos até o próximo dia 15, a fim de serem remetidos à composição a tempo.

Abraço do

admirador e amigo,

Rodrigo M. F. de Andrade

---

<sup>17</sup> A Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional surgiu logo em seguida à criação do Instituto. Contou com a colaboração de muitos especialistas de dentro ou fora do Instituto, como Rodrigo Melo Franco de Andrade, Lúcio Costa, Mário de Andrade, Gilberto Freire, Curt Nimuendaju, entre outros. No Portal do IPHAN pode-se consultar todos os números, desde a sua criação em 1937, muitos dos quais esgotados e apenas encontrados na Biblioteca Noronha Santos, do IPHAN, no Rio de Janeiro.

<sup>18</sup> Não consta no primeiro número da revista artigo de Augusto Meyer. Há uma nota sobre o Museu Coronel Davi Carneiro, criado em Curitiba.

<sup>19</sup> Alcides Castilho Maia (1878-1944), jornalista, político, contista, romancista e ensaísta. Membro da Academia Brasileira de Letras. Em Porto Alegre dirigiu o Museu Júlio de Castilhos, até se aposentar, e colaborou no *Correio do Povo*. Considerado por Veríssimo um dos “grandes amigos” da Livraria do Globo.

<sup>20</sup> O primeiro museu do Rio Grande do Sul: o Museu do Estado foi criado em 30 de janeiro de 1903, por decreto assinado por Borges de Medeiros, então Presidente do Estado. O Museu abrigou o acervo que, desde 1901, vinha sendo acumulado nos pavilhões da 1ª Exposição Agropecuária e Industrial do Estado gaúcha, no antigo Campo da Redenção. Neste mesmo ano, Júlio de Castilhos, durante uma cirurgia mal sucedida para a retirada de um tumor na garganta, veio a falecer. Dois anos mais tarde, a residência dele foi adquirida pelo governo do Estado e tornou-se a sede do Museu do Estado que, a partir de 1907, passou a se chamar Museu Júlio de Castilhos.

*Carta datilografada a azul, 1fl., 16,0 cm x 16,0 cm, escrita frente, Assinada a tinta preta.  
Datada: "Rio, 5 de junho de 1937". O papel foi recortado preservando apenas o espaço da escrita.*

10

Rio de Janeiro, 7 de junho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Para me habilitar a responder à carta que lhe envio inclusa por cópia, venho consultá-lo sobre a possibilidade de se adquirir ou mandar fazer aí o casal de bonecos a que se refere a secretaria em exercício do Instituto Brasil-Estados Unidos e bem assim sobre qual será o preço do trabalho.

Acho a idéia dos tais bonecos um tanto *saugrenue*, mas prefiro, no caso, não dar o menor palpite. Limito-me, portanto, a rogar ao senhor a bondade de me informar se é ou não possível conseguir-se o que aquela gente alvitra.

Acabo de receber, neste momento, o volume do Hemetério Veloso sobre “As Missões Orientais”. Muito obrigado .

Recado e abraço do

Admirador e amigo.

Rodrigo M. F. de Andrade

*Carta datilografada a azul, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta. Datada: “Rio – 7-6-1937”.*

**Anexo carta 10**

Cópia

Instituto Brasil-Estados Unidos  
Avenida Rio Branco, 91, 10º andar  
Rio de Janeiro

Presidente:

Hélio Lobo

Vice-Presidente:

Hugh C. Tucker

Carlos Delgado de Carvalho

Secretaria:

Kate P. Depierri

Tesoureira:

Branca Fialho

Exmo. Sr. Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade.

M. D. Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Realizando-se em 20 de junho a setembro do corrente ano o Centenário do Estado do Texas, o Curador do State Historical Collection escreveu à Embaixada Americana, solicitando um casal de bonecos, vestidos em trajes regionais, brasileiros, para fazer parte de uma coleção mundial de bonecos, já existente no Historical Collection, que será exibida por ocasião dos festejos daquela data.

A Embaixada achando-se em dificuldade para atendê-lo, enviou o pedido ao Instituto Brasil-Estados Unidos, sociedade cuja finalidade é desenvolver e estreitar as relações culturais entre os dois países.

Entretanto o Instituto sente a mesma dificuldade e, não desejando perder essa ótima oportunidade, que tão bem se enquadra em seus desígnios que é fazer conhecer os usos e costumes brasileiros, vem solicitar a fineza de incumbir-vos da missão.

No caso de uma afirmativa, o Instituto toma a liberdade de sugerir que seja enviado ao Curador um casal de gaúchos com a cuia e bomba, uma baiana e a descrição dos respectivos costumes.

Agradecendo a atenção dispensada a esse pedido, solicito a gentileza de uma resposta urgente.

Saudações cordiais.

---

(a) Lois M. Williams

Secretária em exercício

*Carta datilografada a azul, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Sem assinatura.*

## 11

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Recebi seu primeiro relatório sobre as ruínas de São Miguel, acompanhado da esplêndida coleção de fotografias e das notas bibliográficas sobre o monumento. Estas últimas vieram tão boas que servirão de modelo a essa parte dos trabalhos de todos os assistentes deste Serviço. De resto os outros dados do relatório são os mais satisfatórios possíveis, especialmente para o efeito de nos habilitar a formar juízo acerca das obras de reparação e conservação reclamadas em São Miguel. Estou vivamente reconhecido ao senhor.

Abraço do

admirador e amigo obrigado

Rodrigo M. F. de Andrade

*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta.*

## 12

Rio de Janeiro, 14 de junho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Muito obrigado pelos recibos correspondentes a seus vencimentos de maio. O outro, relativo à importância de 5:000\$000 destinada a atender às despesas com o inventário das obras de arquitetura de valor histórico e artístico existentes no Rio Grande, não poderá ser assinado pelo senhor mesmo, a menos que seja acompanhado de comprovantes os mais minuciosos da aplicação do dinheiro. Para simplificar, portanto, a prestação de contas, será mais conveniente que o senhor arranje uma pessoa de sua confiança, que não seja funcionário federal, para firmá-los seguintes termos:

“Recebi do Sr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a importância de R\$ 5:000\$000 (cinco contos de réis), correspondente a trabalhos de tombamento e documentação sobre arquitetura civil e religiosa existente no Estado do Rio Grande do Sul, realizados nos meses de maio e junho do corrente ano, em proveito do aludido Serviço”.

Esse recibo deverá ser passado também em três vias, todas seladas, cumprindo observar que da mencionada importância de 5:000\$000 terá de ser deduzida a taxa da lei 183, de 13 de janeiro de 1936, no montante de 5\$000, quantia esta que o senhor precisará devolver a este Serviço.

Já telefonei hoje mesmo ao Carlos Drummond<sup>21</sup>, para pedir providências urgentes no sentido de ser descoberta a documentação sobre os monumentos históricos desse Estado remetida pela Secretaria do Interior daí ao Ministério da Educação em junho de 1932. Ele me informou que não será muito difícil encontrá-la. Por conseguinte, logo que consiga tê-la em mãos, darei conhecimento ao senhor.

Apesar de sua observação sobre a falta de expediente de seus correspondentes no interior, vejo que o senhor já tem o serviço muito adiantado. Estou animadíssimo,

---

<sup>21</sup> Carlos Drummond de Andrade (1902–1987), poeta, contista e cronista. Chefe de Gabinete do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, entre 1934 e 1945. Nesse ano, a convite de Rodrigo Melo Franco de Andrade, passou a integrar o SPHAN. (O arquivo encontra-se no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – AMLB, na Fundação Casa de Rui Barbosa.

aguardando a documentação fotográfica sobre a igreja do Viamão, sobre Rio Pardo e sobre as igrejas das Dores e do Rosário, de Porto Alegre.

Muito obrigado pelas providências que tomou para arranjar colaboração para a revista. Quanto ao aparecimento desta, tive de adiá-lo por uns 15 dias, verificando que não seria possível reunir todo o material necessário até o fim do mês. Espero, pois, que o senhor não deixe de escrever o trabalho sobre as velhas estâncias ainda para o primeiro número. É imprescindível uma contribuição sua, mesmo que tenha de ser coisa curta.

As obras e fragmentos que o senhor encontrou no jardim da Escola de Engenharia estarão requerendo medidas de preservação? Não haveria um meio de conservá-las em local apropriado para a eventualidade de serem reconduzidas aos pontos de procedência quando tratarmos das restaurações em São Miguel e em São Nicolau? De qualquer maneira, foi benemérita a sua iniciativa de mandar fotografá-las.

Se houver muita dificuldade em arranjar o tal casal de bonecos à gaúcha, o senhor não se dê trabalho excessivo. Bastará avisar-me dos embaraços encontrados, que eu transmitirei à Sociedade Brasil-Estados Unidos. A tal Sociedade, que se fomente.

Aprovadíssima a sua idéia de remeter todo o expediente por via aérea.

Abraço afetuoso do  
amigo e velho admirador.

Rodrigo

*Carta datilografada a azul, 1fl., 32,0 x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: "Rodrigo". Datada: "Rio, 14 de junho de 1937".*



13

Rio de Janeiro, 22 de junho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Com sua carta do dia 19 recebi o relatório e a documentação fotográfica da igreja do Rosário, assim como as fotografias das peças das ruínas de São Miguel recolhidas no pátio da Escola de Engenharia. Muito obrigado.

Continuo a gostar muito de seu trabalho e a louvar-me cada dia mais por tê-lo escolhido para delegado do Serviço nessa Região. Os relatórios que o senhor vem mandando contém todos os elementos desejáveis de informação, com a virtude excepcional de serem concisos. As fotografias, por seu lado, não poderiam ter saído melhores. As tiradas no pátio da escola de Engenharia me encheram as medidas.

Fiquei contente com sua descoberta da velha fotografia de São Miguel a que o Hemetério Veloso faz referência. Será bom que o senhor mande fotografar o quadro no seminário São Leopoldo, assim como os outros elementos interessantes que ali existam.

O senhor diz que já está coligindo documentação sobre as velhas estâncias gaúchas: será com o propósito de escrever o artigo pedido para a revista?

È claro que a arquitetura militar está compreendida no seu plano. Pode, pois, incluir na sua relação o Forte de Caçapava e os mais que aí existirem, com interesse histórico ou arquitetônico.

Que notícias o senhor me dá dos documentos necessários para habilitá-lo a ser contratado? Já terá conseguido regularizar sua situação junto das autoridades militares?

Assim que lhe for possível obter uma resposta definitiva sobre o pedido do Instituto Brasil-Estados Unidos, rogo-lhe o favor de m'a transmitir, para que aquela gente cesse de cacetejar.

Abraço afetuoso do

Rodrigo M. F. de Andrade

*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta.*

## 14

Rio de Janeiro, 26 de junho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Envio-lhe hoje, sob registro, 30 fichas destinadas ao tombamento das obras de arquitetura nesse Estado. Rogo-lhe o favor de enchê-las com os dados resumidos de seus relatórios parciais, inclusive os relativos a São Miguel e à Igreja do Rosário.

Sobre o caso da demolição de São Pedro, do Rio Grande, telegrafei ao senhor perguntando a que autoridade eclesiástica estará subordinada o vigário respectivo. Isso, para tentar impedir o vandalismo por intermédio do Cardeal. Mas até agora não recebi resposta sua. Será possível que o telegrama se tenha extraviado?

Abraço do amigo e admirador obrigado.

Rodrigo M. F. de Andrade

Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta. Saudação final autógrafa a tinta preta.

## 15

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Logo que recebi seu telegrama telefonei ao Tristão de Ataíde de<sup>22</sup> para solicitar do Cardeal Dom Sebastião Leme<sup>23</sup> uma intervenção decisiva junto a Dom João Becker<sup>24</sup>, no sentido de sustar qualquer iniciativa para a demolição da igreja de São Pedro na cidade do Rio Grande.

O meu amigo prometeu agir com presteza com o objetivo desejado. Mas, afinal de contas, Dom Sebastião Leme furtou-se providenciar diretamente, alegando não ter jurisdição sobre a diocese daí. Tive de me contentar, por isso, com uma carta do próprio Tristão de Ataíde ao Dr. Adroaldo de Mesquita<sup>25</sup>, pedindo a este que interceda em seu nome e no do Cardeal junto a Dom João Becker a fim de conter o desmando daquele vigário. O senhor terá a bondade de me informar se esse expediente de *pis aller* surtirá efeito.

Recado e abraço do

admirador e amigo obrigado.

Rodrigo M. F. de Andrade

---

<sup>22</sup> Tristão de Ataíde (1893-1983), crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico brasileiro. Pseudônimo adotado por Alceu Amoroso Lima.

<sup>23</sup> Sebastião Leme, Cardeal Leme (1882-1942), segundo cardeal brasileiro. Arcebispo do Rio de Janeiro durante 12 anos

<sup>24</sup> João Becker, Dom (1870-1946), cardeal da arquidiocese de Porto Alegre, de 1912 a 1946.

<sup>25</sup> Adroaldo Mesquita da Costa (1894-1985), advogado, professor, político. Integrante do grupo de intelectuais católicos de Porto Alegre. Tal grupo, a exemplo do que ocorria no Rio de Janeiro sob o incentivo de Dom Leme, e com a participação de Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, visava reafirmar a presença da igreja na sociedade brasileira.

*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta.  
Datada: "Rio de Janeiro – 29 de junho de 1937".*

## 16

Correio aéreo

Rio de Janeiro, 3 de julho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Muito obrigado pela bondade de suas cartas de 28 de junho e de 1º deste, assim como pelos relatórios e a documentação sobre Rio Pardo e a igreja de Viamão.

Fiquei impressionado com aquelas imagens de Rio Pardo, de um interesse tão grande, metidas dentro de um barracão tosco. Seus trabalhos têm sido ótimos.

Por intermédio do Banco do Brasil, remeti-lhe ontem, via aérea, 1: 485\$000, correspondentes a seus vencimentos de junho, com a dedução das taxas da lei. Rogo-lhe que me acuse o seu recebimento.

Estou á espera de sua resposta sobre o casal de bonecos: logo que a pessoa a que o senhor se refere lhe apresentar o orçamento, tenha a bondade de me transmitir por telegrama.

Aguardo também com muito interesse os relatórios sobre a igreja das Dores e de São Pedro, assim como a separata sobre “As primitivas reduções jesuíticas”.

Quanto ao caso da igreja de São Pedro, do Rio Grande, tenho muito medo de que a carta do Tristão de Ataíde ao Dr. Adroaldo Mesquita seja insuficiente para conter a sanha demolidora do vigário. O malandro do Cardeal não quis providenciar diretamente junto a Dom João Becker, contentando-se em me passar um telegrama cujo teor lhe transmitirei hoje ainda por via telegráfica, para ver se o senhor conseguirá tirar dele algum partido.

Peço-lhe confirmar sua partida para cá, a 12 ou 15 deste. Estou ansioso por vê-lo aqui.

Abraço afetuoso do

amigo e admirador obrigado

Rodrigo M. F. de Andrade

*Carta datilografada a preto, 2 fls., 22,0 cm x 16,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta.*

## 17

[Rio de Janeiro], 4 de julho 1937.

Off. Dr. Augusto Meyer Biblioteca Pública do Estado Porto Alegre RS.

Rogo comunicardes autoridades eclesiásticas as quais vos tiverdes dirigir objeto serviço teor seguinte telegrama tive a honra receber dia trinta junho próximo findo: “acusando recebimento ofício posso assegurar episcopado brasileiro vê com entusiasmo grande empreendimento defesa patrimônio artístico nossa pátria. Direito canônico contém disposições severa prelados brasileiros não cessam urgir. Na obra patriótica boa hora confiada vossa senhoria bispos e clero colaboração afetuoso interesse. Saudações. Assinado cardeal Dom Sebastião Leme”. Atenciosos cumprimentos. Rodrigo M. F. de Andrade. Diretor do Serviço Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

*Telegrama do Departamento de Correios e Telégrafos, 1 fl., 21,0 cm x 22,0 cm. Carimbo em círculo com a inscrição: “Telégrafos . Est. Porto Alegre, datado: 4.VII.37”.*

## 18

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Muito obrigado por sua carta do dia 8, assim como pelo relatório e a documentação sobre a Igreja de São Pedro e mais pela separata das “Primitivas reduções jesuíticas” e as fotografias complementares sobre o Rio Pardo. Nosso arquivo referente ao Rio Grande se tem enriquecido consideravelmente graças à sua contribuição.

Tenho esperança de que o senhor consiga evitar a demolição de São Pedro, em virtude das iniciativas que tomou.

Espero o estudo que o Dr. Ângelo Guido<sup>26</sup> prometeu sobre São Miguel para a nossa revista. Mas não me conformarei com a falta de um artigo seu no primeiro número. Ser-lhe-á impossível escrevê-lo?

Conto que seus pequenos já estejam restabelecidos do sarampo e que o senhor não tarde a vir, pois temos uma porção de coisas a conversar pessoalmente.

Obrigado pelos recibos relativos a seus vencimentos. Está faltando apenas o que diz respeito aos 5:000\$000 enviados para atender às despesas com o serviço aí. Este, porém, não poderá ser assinado pelo senhor. Rogo-lhe o favor de fazê-lo firmar em três vias por uma pessoa de sua confiança, nos seguintes termos:

“Recebi do Sr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a importância de cinco contos de réis correspondente a trabalhos de tombamento e documentação sobre arquitetura civil e religiosa no Estado do Rio Grande do Sul, executados em proveito do aludido Serviço, durante os meses de maio e junho do corrente ano”.

Receba um afetuoso abraço o

admirador e amigo obrigado

---

<sup>26</sup> Ângelo Guido (1893–1969). Pintor, escultor, gravador e crítico de arte.

Rodrigo M. F. de Andrade

*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta.*



## 19

Rio de Janeiro, 22 de julho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Tomo a liberdade de reiterar-lhe o pedido que lhe transmiti em minha carta do dia 14, no sentido de documentar, para o Tribunal de Contas, a aplicação dos 5 contos de réis destinados às despesas com o serviço no Rio Grande. Estou providenciando agora para reunir todos os elementos requeridos para a prestação de contas perante o Tribunal e, por isso mesmo, rogo-lhe com empenho a bondade de fazer assinar em três vias o recibo cuja minuta constava de minha carta última. Prefiro essa fórmula à comprovação minuciosa das despesas efetuadas, porque há toda conveniência em evitar-se qualquer impugnação de faturas ou recibos que lhe sejam passados aí.

Renovo-lhe também o apelo que lhe fiz no sentido de não deixar de enviar-me uma colaboração sua para o primeiro número da Revista.

Espero que seus pequenos já se encontrem completamente restabelecidos e que o senhor não tarde a realizar a viagem prometida. Fico, aliás, aguardando aviso de sua partida.

Com um afetuoso abraço, creia-me sempre seu  
admirador e amigo obrigado.

Rodrigo M. F. de Andrade

*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta.*

Rio de Janeiro. 31 de julho de 1937.

Caro Dr. Augusto Meyer.

Acabo de receber sua carta do dia 26, acompanhada dos recibos correspondentes aos cinco contos de réis, assim como da nova remessa de fotografias. Muito obrigado.

Penso que há toda conveniência em incluir no inventário a casa de D. Diogo.

Quanto à casa da Feitoria Velha, deixo ao seu critério resolver sobre a conveniência de incluí-la ou não, conforme lhe parecer melhor.

Segunda-feira, 2 de agosto, providenciarei para lhe remeter seus vencimentos de julho.

Quanto à importância para atender às despesas com o Serviço no Rio Grande do Sul, peço-lhe o favor de me informar de quanto precisará para custeá-las durante este novo trimestre.

x            x            x

Faço os melhores votos para que seu garoto não tarde a ficar completamente livre da febrezinha teimosa e conto com o aviso de sua partida para cá dentro em breve.

Antes disso, porém, espero receber o artigo prometido para a Revista.

Afetuosos abraços do

admirador e amigo obrigado.

Rodrigo M. F. de Andrade

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente, Assinada a tinta preta. No canto inferior esquerdo o carimbo: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA/SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E/ARTÍSTICO NACIONAL*

## 21

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1937.

Meu caro Meyer.

Sua carta veio atenuar um pouco a falta enorme que você já estava fazendo aqui. Reatou por um momento aquelas nossas conversas de que eu sentia muita saudade, Mas, sobretudo, me enterneceu pelas coisas afetivas que você disse sobre os amigos feitos aqui.

Aliás, visto o mundo que você conheceu no Rio ficou lhe querendo bem. Desde o relutante [bardo do beco] até o laureado Vinicius<sup>27</sup>. 3 gerações. É preciso, portanto, que você cumpra de fato a promessa de voltar em 1938, para se demorar pelo menos dois meses. E até lá, torna-se imprescindível que não deixe de escrever com frequência, dando notícias minuciosas e conversando longamente.

Mordido pela cachorra, eu mal consigo compor uma carta. Desde muito tempo. Por isso mesmo, ando um correspondente péssimo. Cada dia pior. Mas você vá relevando as besteiras e as omissões, com tolerância lírica.

Não se esqueça da remessa, a que você se obrigou, das edições originais de suas obras completas. Faço muita questão do manuscrito para a coleção, mas sem prejuízo do recebimento de todos os livros que você já tem publicados.

Fiquei muito contente com as notícias que você me deu sobre seus projetos para ativar aí o nosso serviço. Vamos ver se a gente dá conta da arquitetura do Rio Grande até o fim do ano, para, em 1938, principiarmos a cuidar do tombamento do resto.

Quanto às obras de conservação de São Miguel, dentro de uns três ou quatro dias oficiarei ao Ministro pleiteando a importância necessária não só para realizá-las, mas também para estendê-las aos outros vestígios das reduções pelo Estado. Espero que o

---

<sup>27</sup> Vinicius de Moraes (1913-1980), diplomata, jornalista, poeta, compositor, teatrólogo. Sua obra é vasta, passando pela literatura, teatro, cinema e música. (O arquivo privado pessoal de Vinicius de Moraes encontra-se no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – AMLB, na Fundação Casa de Rui Barbosa.

presidente autorize o serviço. No entanto convirá que você se dirija também ao Vergara<sup>28</sup>, apoiando a solicitação.

Quanto ao ofício ao governo rio-grandense pelo qual você pergunta, faz muitos meses que o expedimos, de acordo aliás com suas instruções.

Não se esqueça de me mandar o recibo correspondente aos 3:500\$000 destinados a reforçar a verba para atender às despesas do serviço aí. Ele deve ser passado em três vias e nos mesmos termos que o anterior, convindo que seja assinado pela própria pessoa que assinou aquele. Não deixe tão pouco de me remeter o recibo de seus vencimentos de julho. você passou aqui o referente a agosto, mas tinha se esquecido de mandar daí o [precedente?]

Transmita muitas saudades nossas a Dona Sara<sup>29</sup> e receba para você o abraço mais apertado e afetuoso de seu

Rodrigo

P.S. – o compadre Candinho<sup>30</sup> com a família e mais o Santa Rosa<sup>31</sup>, a mulher e o Aníbal Machado<sup>32</sup> seguiram há 2 dias para Minas. O pintor foi se documentar para o afresco do Ministério. Que pena você ter perdido esta ocasião de ver aquelas coisas mineiras! Estou

---

<sup>28</sup> Luís Vergara – Chefe da Casa Civil da Presidência da República, durante nove anos (1936-1945).

<sup>29</sup> Sara Sousa Meyer (esposa de Augusto Meyer). Na série correspondência familiar do arquivo de Augusto Meyer, que se encontra no AMLB, destaca-se a correspondência que eles mantiveram desde a época de namoro.

<sup>30</sup> Candido Portinari (1903-1962), pintor, desenhista, poeta e político. Pintou quase cinco mil obras, de pequenos esboços a gigantescos murais. Em 1936, o Ministro Gustavo Capanema convidou a trabalhar no edifício que seria construído para o Ministério da Educação.

<sup>31</sup> Tomás Santa Rosa (1909–1956), jornalista, crítico de arte, cenógrafo, ilustrador de livros da Editora José Olímpio. Começou trabalhando como auxiliar de Cândido Portinari.

<sup>32</sup> Aníbal Monteiro Machado (1884–1964), promotor público, professor, escritor, teatrólogo e crítico de artes plásticas no *Diário de Minas*, onde trabalhou com os poetas Carlos Drummond de Andrade e João Alphonsus de Guimaraens.

muito ansioso de apurar a reação do Portinari diante do Aleijadinho e dos pintores coloniais.

P.S.: nº 2– Acertamos aqui aplicar o produto da venda dos exemplares da *Homenagem a Manuel Bandeira*<sup>33</sup> no capital da editorazinha que tínhamos projetado, Agora, a distribuição dos volumes restantes foi confiada à Civilização Brasileira, e é provável que se vendam quase todos. Assim, teremos um lastro razoável para a emissão de prosa e verso.

*Carta autógrafa a tinta preta, 2 fls., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada: “Rodrigo”. Datada: “Rio. 25 de setembro de 1937. Pós-escrito na margem lateral esquerda nas duas folhas.*

---

<sup>33</sup> Manuel Bandeira (1886–1968), poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor. Um dos principais poetas da literatura brasileira, tendo acompanhado quase todas as tendências poéticas. Foi do parnasianismo até as experimentações da poesia concreta. Em 1936 foi homenageado em seu cinquentenário por seus amigos, que editam 201 exemplares, do livro *Homenagem a Manuel Bandeira*, com poemas, estudos críticos, comentários e impressões sobre o poeta, de autoria dos principais escritores brasileiros. Em 1938 é nomeado pelo Ministro Gustavo Capanema, membro do Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (O arquivo privado pessoal de Manuel Bandeira encontra-se no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – AMLB, na Fundação Casa de Rui Barbosa).

Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1937.

Meu caro Meyer.

Recebi sua carta do dia 25, assim como a nova remessa de fotografias missioneiras. Uma daquelas imagens (a da virgem de cabelo solto) é uma coisa estupenda. Onde é que elas estarão guardadas? No Museu do Estado?

Já consegui apurar o que foi que enviaram daí em 1928 para o Ministério da Educação. É um trabalho intitulado *Monumentos artísticos e históricos do Rio Grande do Sul*, de autoria do Dr. Eduardo Duarte<sup>34</sup>, diretor do Museu Júlio de Castilhos. O diretor de Estatística do Ministério me cedeu as provas do trabalho, que deve ser publicado brevemente num anuário daquela diretoria. A coisa é alentada: 49 páginas de formato grande, das quais 27 dedicadas às Missões. Mas, com exceção destas, quase todos os demais monumentos assinalados são estátuas e bustos. De qualquer maneira, logo que sair o anuário, mandarei um exemplar para você. Quanto à documentação fotográfica que talvez tenha acompanhado o trabalho do Eduardo Duarte, estou providenciando no sentido de obtê-la.

Respondendo agora à consulta que você me faz a propósito do lembrete que lhe dei, esclareço que, evidentemente, só devem ser relacionados os bens de arquitetura religiosa, civil e militar existentes nesse Estado que tenham interesse histórico e artístico excepcional ou relevante. Os demais não, pois deve prevalecer o nosso critério seletivo.

Já oficiei ao Ministro pedindo formalmente os 250 contos para obras de conservação e restauração na região missioneira. Envio-lhe inclusive cópia do meu ofício. Vamos ver o que o presidente decidirá.

Ainda não recebi o volume da *Terra Farroupilha* que você me remeteu. Mas de certo não tardará a chegar. Assim também os recibos: o de seus vencimentos de julho e o

---

<sup>34</sup> Eduardo Duarte (1874-1962), médico, historiador e biógrafo. Funcionário público estadual no Rio Grande do Sul desde 1916. Trabalhou no Arquivo Público do Estado, Porto Alegre, e como inspetor escolar. Diretor do Departamento de História do Museu do Estado. Co-fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, do qual foi secretário perpétuo.

dos 3:500\$000 das despesas dos serviços aí. Conto com eles para a minha prestação de contas.

Depois de amanhã enviarei a você a importância de seus vencimentos de setembro, cujo recibo lhe peço também me enviar sem demora.

Muitas recomendações nossas a Dona Sara.

Para você um abraço muito afetuoso do

seu

Rodrigo

*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: "Rodrigo".*

Cópia: – Senhor Ministro. – Havendo sido presente ao Chefe da Nação, por intermédio do Sr. Secretário da Presidência da República, o relatório documentado submetido a este Serviço sobre o estado atual das ruínas da Redução Jesuítica de S. Miguel, no Estado do Rio Grande do Sul, Sua Excelência dignou-se determinar a esse Ministério que lhe sejam prestadas informações a respeito. – Venho, pois, rogar a Vossa Excelência servir-se de levar ao conhecimento do Senhor presidente da República que nenhuma obra de defesa dos valores que constituem o patrimônio histórico e artístico nacional é mais urgente nem seria mais meritória que a reclamada para preservar o que resta daquele admirável monumento vinculado à história de nossa formação. –A importância excepcional das ruínas de S. Miguel, do ponto de vista artístico, histórico e social, tem sido assinalada desde muitos anos não só por numerosos especialistas brasileiros, mas também posta em destaque pela considerável bibliografia estrangeira que vem sendo dedicada ao assunto, a ponto de, ultimamente, as publicações aparecidas fora do país se avantajarem às nacionais pela profusão de dados recolhidos e pela extensão das pesquisas empreendidas sobre as nossas Missões. De resto, ninguém melhor do que o próprio Senhor Presidente da República, natural da região missioneira, ajuizará do valor dos vestígios da arquitetura jesuítica subsistentes no Rio Grande, dos quais os de S. Miguel são os únicos que conservam alguma coisa do aspecto da imponente construção primitiva. Daí, a urgência acima encarecida das obras de conservação naquele monumento de arte e de história, uma vez que os seus elementos se acham cada dia mais ameaçados de ruir e de perecer irreparavelmente, enquanto outras peças importantes do conjunto se encontram dispersos pelo Estado, reclamando, por sua vez, medidas de preservação e de remoção.– Nesse sentido estão sendo feitos todos os estudos que se fazem imprescindíveis, de modo a habilitar esta repartição a executar os trabalhos desejados com a maior presteza possível e em condições de assegurar definitivamente a estabilidade e a proteção do que resta do monumento.– Ao mesmo tempo, porém, recomenda-se por todos os motivos que as obras de defesa sejam extensivas aos demais vestígios das Missões Jesuíticas ainda existentes no território rio-grandense e que infelizmente continuam a ser objeto de atentados clamorosos, tais como o que acaba de suceder com o que restava do Colégio de São Luís.– À vista do exposto e havendo conveniência das obras serem executadas intensivamente no decurso do último trimestre do corrente exercício, peço permissão a Vossa Excelência para propor que seja solicitada



autorização ao Senhor Presidente da República para atender a essas despesas, até a importância de 250:000\$000, correndo as mesmas por conta do selo de educação e saúde. – Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha alta estima e distinta consideração. – a) Rodrigo M. F. de Andrade.– Diretor

*Ofício datilografado a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente.*

## 23

Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1937.

Meu caro Meyer.

Recebi o volume da *Terra Farroupilha*, juntamente com o recado que você me escreveu dessa vez. Muito obrigado. O livro parece cheio de coisas de interesse para o Serviço.

Desde o dia 30, expedi-lhe pelo correio aéreo uma ordem de pagamento contra o Banco do Brasil, na importância de seus vencimentos de setembro. Peço portanto a você o favor de me remeter os respectivos recibos com os que já lhe pedi, relativos ao seu ordenado de julho e mais à importância destinada a atender às despesas do Serviço aí (3:500\$000).

No despacho de hoje, segunda-feira, o Ministro deve submeter à decisão do Presidente aquela minha proposta no sentido de aplicar 250:000\$000 em obras de conservação e restauração no Rio Grande. Espero que a gente consiga a autorização presidencial, para desenvolvermos uma atividade desenfreada pelos seus pagos.

Pelo primeiro correio aéreo darei notícia a você do que tiver ocorrido a esse respeito. E conto com a cooperação do Luiz Vergara, pois entreguei pessoalmente na portaria do Hotel Glória sua carta dirigida a ele.

Tenho andado indisposto de saúde e paulificado de um modo geral. Por isso mesmo, sem jeito para escrever a você longamente como quereria.

Muitas recomendações nossas a Dona Sara e abraços aos pequenos<sup>35</sup>.

Para você, muitas saudades de  
seu

Rodrigo

---

<sup>35</sup> Augusto Sousa Meyer e Maria Livia Meyer (filhos de Augusto Meyer).

*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: "Rodrigo". Datada: "Rio, 4 de outubro de 1937."*

[Rio de Janeiro], 9 de outubro de 1937.

Meu caro Meyer.

Aos sábados tenho de expedir uma correspondência numerosa aqui do Serviço e por isso mesmo não posso bater barba longamente. Mando só este recado, para matar as saudades e para acusar recebimento de sua carta do dia 5 e da documentação fotográfica sobre a Igreja de São Pedro.

Achei essa igreja muito mais interessante, como arquitetura, do que todas as outras do Rio Grande. Seria mesmo o cúmulo deixá-la desaparecer.

O presidente ainda não devolveu os papéis referentes a São Miguel, mas estou esperando, apesar disso, que ele nos conceda o dinheiro para a restauração.

Fiquei muito satisfeito com a notícia de que o seu inventário de arquitetura religiosa está quase terminado. Conto agora com um esforço grande de sua parte para atacar com intensidade a parte de arquitetura civil e militar de modo a terminá-la dentro de pouco tempo. A lei não tarda a ser sancionada e precisamos, portanto, estar preparados para lhe dar cumprimento. Daí a necessidade de apurarmos a quem pertencem e de que autoridades dependem todas as edificações aí existentes com excepcional valor histórico e artístico a fim de notificarmos oportunamente os proprietários ou responsáveis.

Obrigado pelas notícias sobre a colocação dos volumes da homenagem. Muito obrigado sobretudo pela remessa de seus livros pedidos com tanto empenho. Eles ainda não chegaram, mas a notícia da remessa me alvoroçou.

Quanto ao manuscrito de seu “Caderno azul”, nem acredito que venha, tal a vontade que tenho de possuí-lo.

Da próxima vez lhe mandarei o endereço do Prudente<sup>36</sup>: a casa dele é na Estrada da Gávea mas mudou de número recentemente. Estou com muitas saudades suas e da nossa conversa mole. Desde que você partiu ando quase abstermeio.

---

<sup>36</sup> Prudente de Moraes Neto (1904-1977), crítico, jurista, cronista, poeta e professor. Redator de *A Província* (PE); trabalhou no *Diário de Notícias*, *Folha Carioca*, *Diário Carioca*, dirigiu a sucursal de *O Estado de São Paulo*, colaborou em *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa*. Presidente da Associação Brasileira

Muitas lembranças nossas a Dona Sara e aos pequenos e para você um abraço afetuoso do seu Rodrigo

P.S. – Não se esqueça de me mandar com urgência os recibos de seus vencimentos de setembro.

*Carta datilografada a preto, 1fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: “seu Rodrigo”. Datada: “9 de outubro de 1937”. Pós-escrito autógrafa a tinta preta na lateral esquerda.*

**Correio aéreo**

Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1937.

Meu querido Meyer.

Recebi hoje seus *Poemas de Bilu*<sup>37</sup>, assim como o *Machado de Assis* e o livro do Carlos Dante de Moraes<sup>38</sup>. Fiquei muito enternecido, mas não deixo de lhe reclamar os outros volumes publicados: faço questão fechada de possuir todos.

Como retribuição ao seu presente, dou a você a notícia auspiciosa de que o nosso preclaro Presidente autorizou anteontem a despesa solicitada para as obras de conservação e restauração em São Miguel e nos outros vestígios das Missões. Hoje mesmo deve ter sido expedido o aviso do Ministro da Educação ao da Fazenda pedindo o adiantamento da importância autorizada, depois do necessário registro no Tribunal de Contas.

Recomendo, porém, a você a maior reserva sobre o assunto até que o projeto das obras desejadas esteja inteiramente concluído, pois consegui do Lúcio Costa tomar a si o estudo da questão e espero que ele siga para aí por via aérea talvez dentro de poucos dias. Avisarei a você por telegrama da partida dele e não preciso lhe pedir que o acompanhe e lhe facilite a tarefa, pois você terá certamente um grande prazer em colaborar com um homem do valor e da simpatia do Lúcio.

Acho que ninguém no Brasil estará nas condições dele para se incumbir da tarefa que temos em vista e, se eu tiver a felicidade de obter que ele aceite tomar a si o serviço, podemos estar certos de que a restauração dos vestígios das Reduções será uma obra admirável. Mesmo, porém, que o Lúcio não queira afinal aceitar pessoalmente a incumbência da direção efetiva dos trabalhos, poderemos contar com a orientação dele, porque esta ele já me prometeu.

---

<sup>37</sup> Livro de poemas de Augusto Meyer publicado em 1929 pela Editora Globo.

<sup>38</sup> Carlos Dante de Moraes, crítico, ensaísta, advogado, jornalista. Considerado por Veríssimo um dos “grandes amigos” da Livraria do Globo.

A reserva que tomo a liberdade de pedir a você para guardar no caso é motivada, em primeiro lugar, pelo empenho enorme que tenho em que só se divulgue a iniciativa depois de definitiva e minuciosamente assentado o plano das obras a realizar e, em segundo lugar, pelo meu desejo, que será também o seu, de que o serviço só seja executado sob a direção do Lúcio.

O Dr. David Carneiro, que se incumbiu do tombamento das obras de arquitetura de valor existentes no Paraná e cujo trabalho você teve ocasião de apreciar aqui, me escreveu recentemente manifestando o desejo de realizar serviço idêntico em Santa Catarina, onde tem relações múltiplas e valiosas. Como ele já deu provas de competência, de atividade e de desinteresse e como executou aquele trabalho com uma despesa mínima para este Serviço, consulto a você sobre a possibilidade de confiar a ele o inventário dos monumentos catarinenses. Se você aprovar a sugestão, peço-lhe o favor de se comunicar com o Dr. David Carneiro (Museu David Carneiro, Curitiba), a fim de lhe delegar os poderes necessários.

Por falar em delegação de poderes, você precisa tratar com urgência de ultimar o preparo dos documentos imprescindíveis para instruir a proposta de seu nome para assistente técnico contratado. Agora mesmo estou elaborando a relação do pessoal contratado do Serviço para ser remetido ao Ministério da Fazenda, de acordo com as disposições da lei de reajustamento do funcionalismo. Há toda a conveniência em que antes do fim do ano sua situação esteja regularizada, sob pena de, no ano que vem, eu não dispor de verba para pagar seus vencimentos. Preste atenção a isso, seu poeta!

Muitas recomendações nossas a Dona Sara e lembranças aos pequenos.

Saúde por mim ao poeta Mário Quintana<sup>39</sup> e receba um abraço afetuoso de seu

Rodrigo

P.S. – Não se esqueça de me mandar o recibo de seu ordenado de setembro. É urgente para a prestação de contas.

---

<sup>39</sup> Mário Quintana (1906-1994), poeta, cronista, tradutor, jornalista. Trabalhou para a Livraria do Globo, em Porto Alegre. Considerado por Veríssimo um dos “grandes amigos” da Livraria do Globo.

*Carta datilografada a preto, 2fls., 22,0 cm x 16,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: "Rodrigo". Pós-escrito datilografado a preto na lateral esquerda da segunda folha.*



## 26

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1937.

Meu caro Meyer.

Infelizmente as suas congratulações, pela autorização concedida pelo Presidente para as obras reclamadas em São Miguel, eram tão infundadas quanto as que lhe mandei pelo mesmo motivo. Porque não bastava que ele nos autorizasse a aplicar 250:000\$000 no Rio Grande: era imprescindível que existisse os 250:000\$000. E o que se verificou, quando alvoroçadamente eu providenciava para receber por adiantamento a importância necessária, foi que a verba do selo de educação não comportava mais a despesa. Veja você! A verba estourando e o Ministro sem saber de nada, por culpa da contabilidade do Ministério.

Em todo caso estou tentando ainda espernear para procurar uma solução favorável, um expediente qualquer, uma saída para esse caso, Agora mesmo escrevi uma carta ao Ministro apelando para o interesse dele pelo Serviço. Vamos ver no que dará tudo isso.

Por enquanto, o que temos a fazer é nos cobrir de cinza.

Transmiti ao Afonso<sup>40</sup> seu recado e fico à espera dos trabalhos que você anuncia para a *Lanterna Verde*<sup>41</sup>.

Muito obrigado pelo recibo dos seus vencimentos de setembro, que recebi juntamente com a sua carta do dia 11.

Muitas recomendações nossas a Dona Sara e um abraço apertado para você.

seu

Rodrigo

---

<sup>40</sup> Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990), político, escritor, historiador e jurista. Em 1937 é nomeado membro do Conselho Consultivo do SPHAN.

<sup>41</sup> *Lanterna Verde* ( Rio de Janeiro, 1934-1944), boletim da Sociedade Felipe d'Oliveira, no Rio de Janeiro, do qual saíram 8 números,entre de 1934 a 1938, e de 1943 a 1944 .Houve três números especiais: o quarto sobre o Modernismo, o sétimo sobre os Estados Unidos e o oitavo dedicado ao Rio Grande do Sul.

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: "Rodrigo". Datada: "Rio, 16 de outubro de 1937".*

Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1937.

Meu caro Meyer.

Não quero deixar seguir o avião da Panair de hoje sem este recado, para atenuar o efeito deplorável que deve lhe ter produzido a minha carta de sábado.

Felizmente o nosso Ministro arranjou uma fórmula excelente para remover o obstáculo odioso que nos tinha sido criado. Descobriu que havia um saldo da verba do selo de educação de 1936, revigorado para o ano corrente. Propôs, portanto, ao Presidente que a despesa corresse por conta dessa verba, uma vez que a outra já não podia comportá-la.

Assim, espero que tudo se resolva favoravelmente, embora com algum atraso, causado pelo embaraço imprevisto que tivemos. Farei tudo que estiver ao meu alcance para acelerar as providências destinadas ao início das obras, a principiar por interceder junto ao Lúcio Costa para não deixar de ir até aí a fim de elaborar pessoalmente o projeto dos serviços indicados.

Um abraço apertado do

seu

Rodrigo

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta. "Rodrigo". Datada: "Rio, 18 de outubro de 1937".*

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1937.

Meu caro Meyer.

Tive uma grande alegria com a sua carta do dia 23, que acaba de me chegar às mãos. Estava ansioso por notícias suas, desde que principiaram aí esses acontecimentos.

Felizmente, a questão da verba para atender à despesa com as obras de São Miguel ficou resolvido pela forma mais satisfatória. O Presidente já devolveu o processo com a autorização necessária para o serviço ser custeado pelo saldo do selo de educação de 1936: disporemos, portanto, dos 250 contos solicitados. Resta agora apenas que o Tribunal de Contas conceda registro ao adiantamento dessa importância. E é nesse sentido que vou me empenhar com energia a partir de hoje mesmo.

Mas, enquanto isso, precisamos providenciar também ativamente para acelerar a elaboração do projeto das obras, a fim de que estas possam ser iniciadas logo que o dinheiro esteja em meu poder. Para alcançar esse objetivo conto sobretudo com sua assistência, insigne Meyer.

Obtive do Lúcio Costa<sup>42</sup> o favor inestimável de ir até aí para proceder pessoalmente aos estudos necessários. Ele não pôde aceitar a incumbência que eu desejava ardentemente confiar-lhe de tomar a si a direção efetiva de todas as obras de reparação e conservação dos vestígios das Missões. Mas acedeu à solicitação instantânea que fiz a ele no sentido de, pelo menos, projetar em pessoa o serviço que deveremos realizar.

Depois do próximo dia 1º de novembro, ele poderá seguir de avião para Porto Alegre assim que você julgar oportuno. Rogo-lhe, portanto, meu caro Meyer, o favor de tomar desde já todas as providências para preparar a viagem do Lúcio a São Miguel, assim como aos outros pontos em que se encontrem ainda vestígios das Reduções: reservar passagens de trem, ajustar automóveis, solicitar auxílio das autoridades locais, etc.

---

<sup>42</sup> Lúcio Costa foi enviado à região missioneira para averiguar o estado das ruínas missioneiras e propor ações para sua conservação. Foi autor do projeto do Museu das Missões bem como das diretrizes de preservação do que viria a ser o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo.

Caso esteja chovendo atualmente na região, peço-lhe a bondade de me prevenir, porque, nessa hipótese, será conveniente adiar a viagem do Lúcio. Mas, se o tempo for favorável, ele partirá sem demora.

E, como não pode, infelizmente, demorar-se aí para assumir a direção permanente das obras, terá de escolher, com seu auxílio, uma pessoa capaz de executar o serviço que ele projetar, pessoa a quem possa transmitir com confiança todas as instruções que lhe ocorrerem. Há, pois, necessidade de você procurar desde logo essa pessoa: arquiteto, engenheiro, ou mesmo algum mestre de obra experimentado e esclarecido.

É conveniente, entretanto, não ajustar definitivamente esse auxiliar nem assumir com ele compromisso formal, pois será preferível que só seja contratado depois do Lúcio trocar idéias com ele e julgá-lo dotado dos requisitos necessários para assumir o encargo. Mas, de qualquer maneira, peço a você o favor de ir se informando desde já a respeito das pessoas com que poderemos contar para semelhante serviço e bem assim prevenir o fotógrafo para acompanhá-los à viagem.

Obrigado pela carta ao Dr. David Carneiro sobre o tombamento em Santa Catarina. Espero que ele dê conta satisfatória do recado, tal como em relação ao Paraná, cujo inventário fez com muito acerto.

Faço votos para que você já esteja completamente bom da conjuntivite.

Muitas recomendações nossas a Dona Sara e para você um abraço do

seu

Rodrigo

*Carta datilografada a preto, 2 fls., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: "seu Rodrigo".*

29

[Rio de Janeiro], 29 de outubro de 1937.

Sr. Augusto Meyer

Biblioteca Pública do Estado Porto Alegre.

Resposta sua carta 28 comunico remeto hoje ordem telegráfica quinhentos mil réis despesas viagem. Peço ultimar com urgência todos preparativos a fim Lúcio seguir primeiros dias novembro pois há necessidade elaborar quanto antes plano definitivo serviços .Fico a espera seu telegrama de aviso para reservar passagem avião. Rodrigo M. F. de Andrade. Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

*Telegrama do Departamento de Correios e Telégrafos, 1 fl., 22,0 cm x 20,0 cm. Carimbo em círculo com a inscrição: Telégrafos . Est.Rio Grande do Sul, datado: "29.X.37".*

Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1937.

Meu caro Meyer.

Recebi duas cartas suas, ambas datadas do dia 28. Uma ontem e outra há pouco. Em resposta à primeira, telegrafei ontem mesmo a você comunicando a expedição de uma ordem de pagamento (também por telegrama) da importância de 500\$000 destinada às suas despesas de viagem a São Miguel. Essa quantia é enviada apenas para custear o seu transporte e o dos auxiliares que você levar e não para as despesas do Lúcio, uma vez que a este fornecerei aqui o dinheiro necessário para atender a todas as despesas dele.

Quanto à idéia do filme, achei muito boa, não para propaganda (que me parece prematura), mas para documentação. Por conseguinte, você está autorizado a fazer a despesa de 360\$000 requerida para a aquisição dos dois rolos de 120 metros a que você se refere. O Lúcio levará o dinheiro para isso. Espero que ele encontre no Dr. Altamiro ou no Dr. Ernâni Correia o auxiliar técnico de que precisamos. Em você, aliás, é que o Lúcio encontrará o colaborador mais inteligente e capaz.

Desejo muito que vocês percorram também os vestígios dos outros povos das Missões, para me comunicarem com precisão o que é que ainda valerá a pena se fazer para preservá-los.

Hoje mesmo (dentro de uma hora) devo partir de automóvel para São João Del Rei, de onde estarei de volta 3ª feira, dia 2. Mas deixo aqui todas as providências tomadas para aprestar a viagem do Lúcio, que será acompanhado pela Senhora<sup>43</sup>.

Muitas recomendações nossas a Dona Sara e lembranças aos garotos.

Para você um abraço afetuoso do

seu

Rodrigo

---

<sup>43</sup> Julieta Modesto Guimarães (esposa de Lúcio Costa).

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: “seu Rodrigo”. Datada: “Rio, 30 de outubro de 1937”.*



## 31

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1937<sup>44</sup>.

Meu caro Meyer.

Escrevo este recado às pressas para lhe pedir encarecidamente e com a maior urgência que me envie uma relação tão completa quanto possível dos monumentos de valor históricos e artísticos situados no Rio Grande e que você julgue deverem ser tombados para os fins da recente lei nº 25 de 30 de novembro próximo findo. Essa relação deve conter a simples designação dos monumentos e os nomes e endereços dos respectivos proprietários. Quando pertencerem a pessoas jurídicas (dioceses, irmandades, sociedades civis, União, Estado ou Município, etc.), os nomes ou designações dessas pessoas jurídicas deverão constar na íntegra da relação, acompanhados dos nomes dos respectivos representantes legais (bispo, presidente da Mesa Administrativa, provedor, diretor presidente da sociedade, etc.).

Preciso dessa relação com a maior pressa possível a fim de expedir as notificações para tombamento, que deverão produzir o efeito de sujeitar os bens tombados à intervenção e à fiscalização permanente deste Serviço.

Dona Sara chegou bem e há de escrever a você dando notícias. Calculo que sejam muito boas.

Espero pelas fotografias restantes das Missões. O projeto do Lúcio já está pronto e deve me ser entregue amanhã ou depois<sup>45</sup>. O dinheiro já foi recebido e está à minha disposição para atender às despesas das obras.

Abraços do  
seu Rodrigo

---

<sup>44</sup> Pelo conteúdo da carta a data pode está equivocada.

<sup>45</sup> O relatório produzido por Lúcio Costa foi definido por Rodrigo Melo Franco de Andrade como “um relatório memorável, datado de dezembro de 1937, que foi a primeira contribuição do grande arquiteto para o órgão administrativo do qual ele viria a tornar-se o técnico mais influente e destacado”(Andrade, 1987:160).

P.S.– não deixe de me mandar os recibos com urgência. É muito importante.

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: “seu Rodrigo”. Datada: “Rio, 11 de novembro de 1937”. Pós-escrito autógrafa a tinta preta.*

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1937.

Meu caro Meyer.

Embora supondo que esta carta não o encontre em Porto Alegre, pois você deve ter tido pressa em seguir com o Lúcio para a região missioneira, escrevo-lhe para a sua Biblioteca, a fim de comunicar que só ontem pude lhe remeter a importância correspondente aos seus vencimentos do mês de outubro, pela circunstância de não ter senão anteontem recebido o adiantamento relativo ao último trimestre do ano.

Quero também acusar o recebimento de seus trabalhos destinados à *Lanterna Verde* e que serão entregues ao Schmidt<sup>46</sup> por intermédio do Antônio Bento<sup>47</sup>, beneficiário do respectivo produto.

Achei admiráveis os dois estudos. você parece que apurou nele as qualidades surpreendentes da crítica dos outros capítulos do seu *Machado de Assis*. Eles me encheram as medidas.

Peço a você com muito empenho o favor de não deixar de me pôr ao corrente da marcha dos estudos do Lúcio, nem do que vocês forem deliberando com relação às obras. Peço-lhe também a bondade de me remeter o recibo de seus vencimentos de outubro e outro correspondente aos 500\$000 que lhe expedi para as despesas de viagem, o qual terá de ser assinado pelo Mário Quintana ou alguém que você julgar mais conveniente, nos termos da minuta inclusa.

Um abraço apertado

do

Rodrigo

---

<sup>46</sup> Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), romancista, poeta, editor, empresário. Em 1931, funda a Editora Schmidt, que lança, entre outros, as primeiras obras de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Vinicius de Moraes, Lúcio Cardoso e Gilberto Freire.

<sup>47</sup> Antônio Bento. Critico de arte, jornalista.

---

R\$ 500\$000

Recebi do Sr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a importância de R\$ 500\$000 (quinhentos mil réis), correspondente a despesas para tombamento e documentação de arquitetura na região missioneira do Estado do Rio Grande do Sul.

(Em três vias todas seladas e datadas da 2ª quinzena de novembro corrente)

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: “Rodrigo”. Na parte inferior da carta, recibo datilografado a preto, sem assinatura e sem data.*

## 33

[Rio de Janeiro], 19 de novembro 1937.

Off Dr. Augusto Meyer

Biblioteca Pública do Estado de Porto Alegre – RS.

Ordem pagamento seguiu via aérea dia dez corrente. Saudações. Rodrigo M. F. de Andrade. Diretor do Serviço.

*Telegrama do Departamento de Correios e Telégrafos, 1 fl., 21,0 cm x 19,0 cm. Carimbo em círculo com a inscrição: “Telégrafos. Est.Rio Grande do Sul, datado: 19.XI.37”.*

## 34

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1937.

Meu caro Meyer.

À vista do seu telegrama recebido ontem, chego à conclusão de que você não recebeu nem minha carta aérea do dia 11, nem do aviso da ordem de pagamento contra o Banco do Brasil, que seguira na véspera, também pelo correio aéreo. Telegrafei ontem mesmo a você, esclarecendo este último ponto, mas receio que tenha havido alguma confusão ou engano do banco, por isso mesmo, peço-lhe o favor de me avisar sem demora se afinal o dinheiro terá chegado a suas mãos.

O Lúcio chegou bem, há três dias. Voltou encantado com você e possuído da maior admiração pela paisagem missioneira. Gostou também muito de Porto Alegre e dos gaúchos em geral, que ele achou de uma simpatia extrema.

Está à espera das fotografias tiradas durante a viagem, a fim de elaborar o projeto das obras a serem executadas em São Miguel. Tenho a maior urgência em que elas cheguem para que o Lúcio ultime o trabalho em poucos dias para que você possa providenciar ainda este mês para o início do serviço. De resto, quer me parecer que a parte relativa à capina do terreno e ao levantamento dos vestígios do terreno e ao levantamento dos vestígios das construções já poderia ser atacado antes mesmo de ser entregue o projeto do Lúcio. Assim também há conveniência em que sejam procurados desde logo, em São Miguel, as colunas e pilastras de pedra pertencentes à Redução e que devem ser aproveitadas no edifício destinado a museu.

O problema mais complicado, porém, é o que diz respeito ao mestre de obras a quem se terá de incumbir das obras de consolidação das ruínas e que precisa ser homem experimentado e capaz, para que não haja risco nenhum de ocorrer ali algum desastre irreparável ao ser executado o reajustamento de certos elementos da igreja.<sup>48</sup> O Lúcio não teve impressão favorável do irmão do Dr. Altamiro embora tenha simpatizado com ele:

---

<sup>48</sup> Lucas Mayerhofer foi o arquiteto que entre 1938 e 1940, dirigiu as obras de estabilização na Igreja de São Miguel e também da construção do prédio do museu.

achou-o insensato. Por isso mesmo há necessidade imperiosa em se descobrir o indivíduo em que possamos confiar inteiramente para aquele serviço e que permaneça em São Miguel enquanto durarem as obras, dirigindo-as pessoalmente todo o tempo.

É provável que na próxima semana eu receba o adiantamento dos 250:000\$000 destinados à conservação e restauração das Missões. Estaremos pois habilitados a atacar com a maior intensidade o trabalho, conforme o projeto do Lúcio que eu lhe transmitirei logo que esteja concluído.

Na carta que lhe mandei no dia 11, submeti a você a minuta de um recibo correspondente aos 500\$000 que eu lhe enviara ultimamente para despesas de viagem. Peço-lhe agora o favor de passar o mesmo recibo pela importância de 860\$000, uma vez que aquela quantia remetida foi acrescida de 360\$000 entregues a você pelo Lúcio. O documento deverá, aliás, ser assinado pelo Mário Quintana ou alguém que lhe parecer indicado.

Não se esqueça tão pouco de me mandar os recibos correspondentes aos seus vencimentos de outubro.

Ando muito preocupado com o caso criado pelo novo dispositivo constitucional relativo a acumulações remuneradas. Espera-se por esses poucos dias a sua regulamentação, mas estou com muito medo de que esta seja pouco menos rigorista e que você se encontre na contingência de abrir mão da possibilidade de ser contratado como assistente técnico, assim como, desde logo, dos vencimentos que vem percebendo por conta da verba de pessoal do Serviço. O Mário<sup>49</sup> está igualmente ameaçado, tal como, de resto, quase a totalidade do nosso pessoal técnico.

Muitas recomendações nossas a Dona Sara e aos meninos. Um abraço do seu

Rodrigo

---

<sup>49</sup> Mário de Andrade (1893-1945). Poeta, romancista, crítico de arte, folclorista musicólogo e ensaísta. Fundador e primeiro diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo. Assistente técnico da 6ª Região Administrativa do SPHAN no período de 1937 a 1938.

P.S. – O Lúcio me recomenda que pondere a você a conveniência de não abrir mão desde logo do Dr. Altamiro. Acha que vale a pena conservá-lo em vista para o Serviço, enquanto não aparece outro.

Ele pede também que, quando o Pacheco fotografar aí em Porto Alegre as casas de residência [combinadas?], não se esqueça de mandar fechar as portas do pavimento térreo, porque elas têm muito interesse.

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: “seu Rodrigo”. Datada: “Rio, 20 de novembro de 1937”. Pós-escrito autógrafo a tinta preta na lateral esquerda.*



[Rio de Janeiro], 24 de novembro de 1937.

Para Dr. Augusto Meyer

Biblioteca Pública do Estado, Porto Alegre – RS.

Banco Brasil reiterou hoje informação que ordem pagamento foi expedida carta aérea dia dez corrente. Peço avisar recebimento ou não da importância a fim ser tomada providência telegráfica. Rogo também comunicar quando será expedida documentação fotográfica relativa missões da qual temos grande urgência para ultimização projeto Lúcio Costa. Abraços.

Rodrigo M. F. de Andrade

Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

*Telegrama do Departamento de Correios e Telégrafos, 1 fl., 21,0 cm x 20,0 cm. Carimbo em círculo com a inscrição: “Telégrafos . Est.Rio Grande do Sul, datado: 24.XI.37”.*

## 36

Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1937.

Meu caro Meyer.

Recebi sua carta do dia 23 e fiquei aliviado com a notícia de que você recebeu enfim o dinheiro.

Não posso agora senão lhe escrever este pequeno recado para comunicar que o projeto de proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional será convertido em decreto-lei dentro de poucos dias. Por conseguinte o caso da igreja de São Pedro ficará resolvido sumariamente por meio da simples notificação de tombamento à autoridade eclesiástica responsável. A simples disposição do artigo 134 da Constituição nova não bastaria para preservar o monumento, cuja integridade só poderia ficar a salvo dos atentados mediante um decreto especial com esse objetivo.

Não consegui falar hoje ao Lúcio, não podendo por isso informar se ele pagou ou remeteu ao zelador de São Miguel os 400#000 pela roçada e capina do terreno. Mas penso que não mandou, não. De qualquer maneira providenciarei não só para esse pagamento, mas também para atender às outras coisas logo que receber o adiantamento dos 250:000#000 cujo registro talvez tenha sido feito hoje pelo Tribunal de Contas.

Não se esqueça dos recibos que lhe pedi.

Os trabalhos destinados à *Lanterna Verde* já foram entregues e o Antônio Bento talvez já tenha recebido o respectivo produto.

Diga a Dona Sara que escreverei pelo próximo correio aéreo. Não escrevo hoje porque ando preocupadíssimo com a preparação da lista dos bens a serem tombados imediatamente, assim como coma a redação final do decreto-lei. Mas tudo que estiver a meu alcance, ela pode estar certa de que farei com o maior e o mais afetuoso empenho no sentido desejado.

Com muitas recomendações a ela e lembranças aos pequenos, envio a você um abraço apertado.

Seu Rodrigo

P.S. – Você não recebeu minha carta do dia 20?

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 19,0 cm x 26,0 cm;, escrita frente. Assinada a tinta preta: “seu Rodrigo”. Datada: “25 de novembro de 1937”. Pós-escrito autógrafo a tinta preta.*

Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1937.

Meu caro Meyer.

Telegrafei hoje a você, agradecendo a documentação fotográfica recebida e transmitindo observações do Lúcio sobre algumas peças que ficaram faltando. Acrescento agora este recado epistolar, em resposta à sua carta do dia 29.

Ando aborrecidíssimo com as conseqüências do dispositivo constitucional sobre acumulações remuneradas, que afeta a todo o pessoal técnico do Serviço, sem nenhuma exceção. Mas a maioria dos outros assistentes poderá acomodar-se com prejuízo medíocre, pois há possibilidade de requisitar alguns sem vencimentos, como o Epaminondas<sup>50</sup> e o Godofredo Filho<sup>51</sup>, enquanto o Carlos Leão<sup>52</sup> e mais alguns não perderão grande coisa abrindo mão dos cargos que tem fora do Serviço. Ao passo que você, o Mário, Dona Heloísa<sup>53</sup> e o Noronha Santos<sup>54</sup> exercem funções de outra natureza, cuja estabilidade e cujos proventos haverão de forçá-los a optar pelos cargos que têm fora daqui. Francamente, não sei o que fazer nesta situação.

O pior é que eu próprio me encontro na iminência de deixar o Patrimônio, uma vez que se continua a descontar sobre as probabilidades do Capanema<sup>55</sup> ser substituído no Ministério. Assim, nem posso assumir a responsabilidade de nenhuma deliberação

---

<sup>50</sup> Epaminondas Macedo. Engenheiro, colaborador do SPHAN em Minas Gerais.

<sup>51</sup> Godofredo Filho (1904–1992), delegado regional do 2º Distrito do SPHAN – Bahia e Sergipe, no período de 1936 a 1974.

<sup>52</sup> Carlos Leão (1906–1983), arquiteto, pintor, aquarelista e desenhista. Amigo e sócio de Lúcio Costa. Integrou a equipe de jovens arquitetos que projetou o Ministério da Educação e Saúde (1937–1945) no Rio de Janeiro.

<sup>53</sup> Heloisa Alberto Torres (1895–1977), conhecida entre pesquisadores e pensadores de meados do século XX como Dona Heloisa. No Museu Nacional, foi diretora por 17 anos, de 1938 a 1955. Foi membro do Conselho Consultivo do SPHAN.

<sup>54</sup> Francisco Agenor de Noronha Santos (1876–1954), historiador, nascido no Rio de Janeiro. Dedicado, principalmente à história da cidade do Rio de Janeiro, trabalhou no Arquivo Municipal. Publicou diversos livros e artigos considerados obras de referência sobre a cidade. Doou seus livros ao SPHAN e hoje estão integrados à biblioteca que leva seu nome.

<sup>55</sup> Gustavo Capanema (1900–1985), designado pelo presidente, Getúlio Vargas, para dirigir o Ministério da Educação e Saúde. Nomeado em julho de 1934, permaneceu no cargo até outubro de 1945. Uma importante iniciativa do ministério foi a criação do SPHAN. Capanema buscou, como ministro, estabelecer um bom relacionamento com intelectuais brasileiros, tendo sido auxiliado nessa tarefa pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, seu chefe de gabinete.

importando produzir efeitos em 1938. De qualquer maneira terei um pesar enorme se as funções de assistente técnico na 7ª Região tiverem de ser exercidas por qualquer pessoa que não seja você, sobre cuja orientação toda a atividade do Serviço se tem desenvolvido aí. Nem posso ter confiança em outra pessoa, nem sequer conheço ninguém no Rio Grande.

O adiantamento relativo aos 250:000#000 já foi registrado pelo Tribunal de Contas e não tardará a ser recebido. Por isso mesmo, logo que eu lhe transmita cópia do projeto do Lúcio, é preciso que você providencie para orçar especificadamente os serviços que temos a executar. Estes deverão ser atacados com a maior intensidade, pois a despesa só foi autorizada para o último trimestre do ano e a prestação de contas deverá dar entrada na contabilidade do Ministério no máximo até o dia 10 de janeiro do próximo ano. Nessas condições, há urgente necessidade de você refletir e me informar sobre o meio mais prático e mais seguro de executarmos os trabalhos da maneira mais rigorosamente econômica e coligirmos simultaneamente os documentos de despesa imprescindíveis para a prestação de contas.

Abraço afetuoso  
do seu Rodrigo

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 19,0 cm x 26,0 cm; escrita frente. Assinada a tinta preta: “do seu Rodrigo”. Datada: “Rio, 2 de dezembro de 1937”.*

## 38

[Rio de Janeiro], 5 de dezembro de 1937.

Dr. Augusto Meyer  
Biblioteca Pública do Estado  
Porto Alegre – RS.

Peço favor comunicar quando poderá vir documentação fotográfica Missões da qual há urgente necessidade. Abraços. Rodrigo M. F. de Andrade. Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

*Telegrama do Departamento de Correios e Telégrafos, 1 fl., 21,0 cm x 20,0 cm. Carimbo em círculo com a inscrição: "Telégrafos Est. Porto Alegre, datado: 5.XII.37". Está rasgado na parte superior a esquerda.*

## 39

[Rio de Janeiro], 6 de dezembro de 1937.

Augusto Meyer

Biblioteca Pública

Porto Alegre – RS.

Recebi fotografias São João faltando duas da sala e cozinha Casa Aníbal Rocha. aguardo documentação São Lourenço e mais duas fotografias de São Luís representando coluna e peanha de madeira no interior da igreja. Peça sala dos fundos de São Miguel veio incluída fotografias São João, mas faltam ainda as outras mencionadas meu telegrama dia dois. Abraços. Rodrigo M. F. de Andrade. Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

*Telegrama do Departamento de Correios e Telégrafos, 2 fls., 21,0 cm x 20,0 cm. Carimbo em círculo com a inscrição: "Telégrafos . Est. Porto Alegre, datado: 6.XII.37"*  
*Uma folha está rasgada na parte superior à esquerda.*

[Rio de Janeiro], s.d.

De Cruz Alta três casas diferentes; de Santo Ângelo pia-batismal da igreja. Escrevo hoje correio aéreo. Muito obrigado. Abraços. Rodrigo M. F. de Andrade. Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

*Telegrama do Departamento de Correios e Telégrafos, 1fl., 21,0 cm x 20,0 cm. Sem carimbo e sem data.*



## 41

[Rio de Janeiro], 21 de dezembro de 1937.

Caro Meyer.

Logo depois de seu último telegrama e das fotografias que faltavam, recebi sua carta do dia 15, com os recibos dos seus vencimentos de outubro e novembro e a primeira parte da relação das entidades a que pertencem os monumentos do Rio Grande do Sul. Muito obrigado.

Ainda não expedi as notificações, porque solicitei a um amigo jurista a minuta adequada para elas. Mas logo que esteja habilitado a mandá-las, expedirei a que se refere a Matriz de São Pedro, do Rio Grande.

Aguardo o resto da relação, assim como o recibo correspondente a 860\$000. Tenho aliás grande urgência deste.

Dona Sara tem estado permanentemente em contato conosco e trabalhando com impressionante energia em seu favor. De parte de todo o mundo há um interesse enorme em trazê-lo para cá, mas parece que o Presidente objeta à sua emigração, alegando que você é um valor de que o Rio Grande não se deve privar. De qualquer maneira, entretanto, calculo que você esteja dentro em muito breve numa situação excelente aqui mesmo.

Mande sempre notícias e receba um abraço afetuoso

de seu

Rodrigo

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: “Rodrigo”. Datada: “21 de dezembro de 1937”.*

Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1937.

Meu caro Meyer.

Por intermédio de Dona Sara que seguiu ontem de avião, já lhe enviei um abraço afetuoso, com as melhores felicitações pelos ótimos resultados da viagem dela. Estou certo de que, como diretor do Instituto do Livro<sup>56</sup>, você poderá realizar uma obra interessantíssima e, embora lamentando profundamente a perda de sua colaboração, não posso deixar de me regozijar com a aquisição permanente de sua companhia no Rio.

À vista de sua próxima ausência daí, incumbi o Dr. David Carneiro, que é engenheiro experiente, de tomar a si a direção efetiva das obras nas Missões. Qualquer dia destes ele chegará aí, levando o texto do relatório, do projeto e dos desenhos do Lúcio, dos quais você tomará conhecimento por certo ainda com grande interesse. Peço-lhe prestar a ele toda a assistência possível e bem assim fornecer-lhe cópia das fotografias principais relativas às Reduções, inclusive aquela mostrando o alpendrado do Colégio São Luís.

Entreguei a Dona Sara a importância correspondente aos seus vencimentos de dezembro e rogo-lhe o favor de enviar-me com urgência o respectivo recibo, juntamente com o da quantia de 860\$000 destinada as despesas do Serviço aí.

De seu

Rodrigo

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x,22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: "Rodrigo". Datada: "24 de dezembro de 1937".*

---

<sup>56</sup> O Instituto Nacional do Livro – INL foi criado pelo Decreto-Lei n.º 93 de 21/12/1937, por iniciativa do ministro Gustavo Capanema, com as seguintes atribuições de acordo com o “Art. 2º: a) organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, revendo-lhes as sucessivas edições; b) editar toda sorte de obras raras ou preciosas, que sejam de grande interesse para a cultura nacional; c) promover as medidas necessárias para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país bem como para facilitar a importação de livros estrangeiros e d) incentivar a organização e auxiliar a manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional”. Augusto Meyer foi o primeiro diretor e esteve a frente do INL entre os anos 1938 -1956 e 1961-1967.

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1937.

Meu caro Meyer.

Recebi há pouco sua carta do dia 28, acompanhada do recibo da importância cuja aplicação ainda precisávamos comprovar. Não eram 850\$000 como consta do recibo e sim 860\$000. Mas assim mesmo serve. Muito obrigado.

Quanto ao pagamento dos serviços do fotógrafo Pacheco, eu não tinha compreendido bem a situação. Supunha que ele tivesse sido pago com o saldo da quantia de 3:000\$000 que você levou daqui para as despesas com o inventário e documentação de arquitetura no Rio Grande, reforçado pelos remanescentes dos 860\$000 remetidos para despesas com a viagem para as Missões, cujo custeio em grande parte ocorreu por conta do Lúcio. Mas uma vez que o dinheiro não deu para isso, peço a você o favor de me telegrafar ou comunicar com urgência a importância ainda devida ao fotógrafo, a fim de que eu providencie imediatamente para saldar esse débito. Só não tinha até agora enviado a quantia necessária para isso, por não ter entendido o que se passava.

Transmiti ao Carlos Drummond com o maior empenho o pedido que Dona Sara me fez por telegrama para conseguir que o decreto de sua nomeação seja assinado antes do Presidente partir para o Sul. Espero que o Ministro não deixe de levar o expediente para o despacho de segunda-feira próxima. Diga a ela isso e comunique-lhe os nossos melhores votos de felicidades para o ano novo.

Quando é que você conta vir?

Abraço do

seu

Rodrigo

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: "seu Rodrigo".*

Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1938.

Meu caro Meyer.

Infelizmente volta-se a esperar a qualquer momento a saída do Capanema. Por isso mesmo, embora eu ontem tivesse mandado pedir insistentemente a ele que levasse ao despacho presidencial o seu decreto de nomeação, o papel não foi. E, mais tarde, quando o procurei no Ministério para saber o que se passava, ele me declarou francamente que, estando na iminência de ser substituído, não tomaria mais iniciativa nenhuma sobre provimento de cargos de confiança. Limitar-se-ia, enquanto não fosse exonerado, a despachar o expediente burocrático comum.

Para agravar a situação, o nosso caro Drummond sofreu anteontem um desastre de automóvel, de que resultou ficar seriamente ferido no crânio. Está recolhido a uma casa de saúde, em repouso absoluto e com capacete de gelo na cabeça. Decorre daí muita dificuldade nas minhas comunicações com o gabinete, que se faziam exclusivamente por intermédio dele. E, assim, parece certo que o Presidente partirá depois de amanhã para o Sul sem ter sido assinado o seu decreto de nomeação.

Por conseguinte, você deverá providenciar para falar com ele pessoalmente e aí mesmo conseguir o cumprimento efetivo da promessa feita a Dona Sara. Tal foi a boa vontade manifestada por ele a seu respeito, que presumo não haverá nenhum embaraço a essa solução.

Apesar da probabilidade de deixar o Serviço, em consequência da saída do Capanema, continuo a providenciar para que sejam atacados sem demora os trabalhos de proteção aos vestígios das Missões, dos quais incumbi o Dr. David Carneiro, assim como já comuniquei a você. Ele não deve tardar muito a procurá-lo aí em Porto Alegre para tratar do assunto e eu peço a você que lhe preste toda a assistência possível, inclusive agindo no sentido de fornecer-lhe cópias de toda a documentação fotográfica que interesse aos trabalhos.

O relatório, o projeto e os desenhos de Lúcio, você os verá em mãos do Dr. David Carneiro e estou certo de que lhe parecerão esplendidos.

Estou à espera da nota especificando a quantia ainda devida ao Edino Pacheco, a fim de providenciar com urgência para a remessa do dinheiro. Aguardo também ansiosamente o recibo de seus vencimento de dezembro, que deve ser datado de dezembro mesmo. Preciso dele dentro do menor prazo possível, para a minha prestação de contas.

Muitas recomendações nossas a Dona Sara e a você um abraço apertado.

Seu Rodrigo

P.S. – Recebi sua carta do dia 27 com o prosseguimento da relação dos bens a tomar no Rio Grande. Muito obrigado. Fico à espera do resto.

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: “seu Rodrigo”.*

Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1938.

Meu caro Meyer.

Fiquei muito satisfeito com as boas notícias de sua carta do dia 7. Espero que a nova intervenção de Dona Sara diretamente junto ao Presidente tenha produzido o efeito desejado. E conto com sua vinda para o Rio dentro do menor prazo possível depois da assinatura do decreto.

Quanto a mim, peço-lhe encarecidamente que se abstenha de qualquer solicitação no sentido de minha permanência. Bem sei que você a faria de todo o coração, mas não desejo de modo algum permanecer num posto de confiança, na hipótese do novo Ministro não ter motivos para me dispensar.

O seu caso é muito diferente, dadas as relações pessoais que tem com o Chefe da Nação que constituem razão bastante para habilitá-lo a ocupar à vontade qualquer função administrativa durante o governo atual.

Recebi com o maior interesse sua recomendação no sentido do aproveitamento do Dr. Manoelito de Ornelas<sup>57</sup> para o cargo de assistente técnico deste Serviço na 7ª Região. Sucede, porém, que sofremos aqui um corte tremendo na verba de pessoal, que não nos permitirá sequer conservar sequer os assistentes atualmente contratados. Além disso, eu me sinto obrigado moralmente a agir com o objetivo de, à sua falta, ser confiada a chefia do Serviço no Sul ao Dr. David Carneiro que, como você bem sabe, nos vem prestando há cerca de um ano gratuitamente a melhor colaboração. De resto, o caso só poderá ser resolvido depois de esclarecida a situação relativamente a minha permanência ou não no lugar que exerço.

---

<sup>57</sup> Manoelito de Ornelas (1903-1969), jornalista e escritor. Redator do *Jornal da Manhã* e, após, redator-chefe de *A Federação*. Em 1938 foi nomeado diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul e eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI) em substituição ao escritor Érico Veríssimo. Publicou seu primeiro livro de ensaios, *Vozes de Ariel*, pela Editora do Globo. É autor de diversas obras de cunho sociológico, entre elas a obra fundamental da cultura gaúcha e da cultura brasileira, *Gaúchos e Beduínos*, considerado um dos dez principais livros da sociologia brasileira.

O Drummond está felizmente muito melhor. Terá ainda de ficar por algum tempo em repouso absoluto, mas talvez amanhã mesmo seja transferido do hospital para casa. Vou transmitir a ele sua visita.

Continuo muito incomodado com as proporções assustadoras da conta do Edino Pacheco. Nunca pensei que o serviço dele pudesse ficar por tamanho preço. Espero, pois, ansiosamente sua resposta à minha carta do dia 6.

Um grande abraço do  
seu  
Rodrigo

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x,22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: "seu Rodrigo".*

Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1938.

Caro Meyer.

Antes de você partir daí, estou empenhado em lhe pedir que organize completamente a comprovação das despesas efetuadas pelo Serviço no Rio Grande durante o ano passado. Tenho absoluta necessidade da especificação minuciosa da aplicação do dinheiro, para que fique consignada no arquivo da repartição, tal com acontece em relação a todas as importâncias despendidas pelo Serviço até agora no país inteiro. Por isso mesmo, peço a você a bondade de providenciar para me trazer ou mandar uma espécie de balanço das quantias recebidas e despendias por seu intermédio, a partir de 19 de maio de 1937. Para esse efeito, porém, você não precisará juntar outros comprovantes que não sejam as suas próprias notas especificadas. Basta que, com a sua responsabilidade e sob sua assinatura, seja esclarecida a aplicação de cada importância.

Muito obrigado por sua carta do dia 9, que afinal você só veio a expedir depois de recebido o meu telegrama de 17, comunicando a remessa do dinheiro solicitado pelo Pacheco. Os esclarecimentos que você mandou foram os mais completos possíveis no tocante à documentação fotográfica, mas escapou-lhe um erro de soma para o qual peço sua atenção: o total das parcelas correspondentes às quantias devidas ao Pacheco atinge apenas a R\$ 5:099\$000, como você verá pela soma feita à máquina que lhe remeto inclusa, e não 5:311\$000 como consta de suas notas.

Outro ponto para o qual peço também sua atenção é o que diz respeito às importâncias que lhe foram enviadas pelo Serviço e que somam 11:637\$000, como você verá igualmente pela adição mecânica cuja nota remeto inclusa como a primeira.

Espero que suas providências para a mudança estejam terminadas e que você não tarde a vir, já com o caso do Instituto do Livro completamente resolvido.

Por aqui continua a mesma incerteza a respeito da substituição do Capanema. Estou naquela perplexidade de que lhe falei em cartas anteriores.

Muitas recomendações a Dona Sara, com um abraço de



seu

Rodrigo

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: “Rodrigo”. Datada: “Rio, 23 de janeiro de 1938”. Na parte inferior esquerda, estão colados dois pedaços de papel de bobina de máquina de calcular. No primeiro se lê: “Quantias devidas/ ao Pacheco, segundo/ suas notas:/69, 000/23, 000/ 100, 000/160, 000/80, 000/180, 000/100, 000/ 276, 000/253, 000/140, 000/ 2, 208, 000/60, 000/ 3, 649, 000S/ 180, 000/ 322, 000/ 120, 000/212, 000/200, 000/150, 000/ 50, 00/ 150,000/ 46, 000/ 20, 000/ 5, 099, 000\*”. No segundo: “Quantias remetidas a você pelo SPHAN a partir de 19 de maio de 1937:5, 000, 000/3, 000, 000/500, 000/360, 000/2, 777, 000/ 11, 637, 000\*”.*

Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1938.

Meu caro Meyer.

Muito obrigado por sua última carta. Essas complicações de prestação de contas são sempre espantosamente cacetes. Mas a gente não tem outro remédio senão sujeitar-se a elas e fiquei satisfeito com a fórmula ajustada para a sua prestação.

Calculo que você continue ainda no ar e incerto sobre a data da partida para cá. Como passei vários dias doente, com febre alta, ignoro o que se tem passado no Ministério, com o qual, além de tudo, perdi quase todo contato em consequência do afastamento do Carlos Drummond. Não sei o que é que terá sido assentado sobre a expedição de seu título de nomeação você terá conseguido combinar aí alguma coisa certa com o Presidente?

A respeito da substituição do Ministro parece que tudo voltou a situação anterior. O que se dizia resolvido sobre a entrada de uma integralista para o Ministério ficou bastante duvidoso, por motivo das diligências policiais realizadas aqui contra os núcleos do Sigma. Não obstante, ainda há pessoas que afirmam que a pasta da Educação está de fato assegurada ao Plínio Salgado<sup>58</sup> ou a algum delegado de confiança dele.

Voltando a assunto de serviço, peço a você o favor de me remeter logo que puder as fotografias que, segundo suas notas, o Edino Pacheco tirou de diversas obras de arquitetura do Rio Grande e que ainda tinham ficado em seu poder (creio que em número de 83). Além disso, rogo-lhe que, quando você julgar oportuno, entregue todo o arquivo da Região ao Dr. David Carneiro: negativos de fotografias, chapas, material de expediente, etc. Isso, porque, por força da falta de verba de pessoal, penso que não poderei ter como delegado do Serviço nos três Estados do Sul senão aquele auxiliar, que já está incumbido das obras nas Missões.

Calculo, de resto, que o Dr. David Carneiro não tarde a visitá-lo, a caminho de São Miguel. Se já não o tiver procurado, a esta hora.

---

<sup>58</sup> Plínio Salgado (1895-1975), jornalista, intelectual e filósofo. Fundador da Ação Integralista Brasileira, tornando-se o chefe deste movimento nacional. Tomou parte no Modernismo, membro da Academia Paulista de Letras. Fundou e dirigiu vários jornais.

Tenho mandado transmitir ao Drummond as suas visitas. Ele está felizmente em vias de restauração completa. Contudo, acho que durante mais uns 10 dias, no mínimo, ele continuará em casa.

Muitas recomendações nossas a Dona Sara e um abraço apertado do

Rodrigo

P.S. – depois de feita esta carta, recebi aviso de uma ordem de pagamento que você me expediu por telegrama da importância de 730\$000 e que deve corresponder ao saldo a que você se refere em suas últimas cartas.

*Carta datilografada a preto, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada a tinta preta: “Rodrigo”. Datada: “Rio, 29 de janeiro de 1938”.*

## 48

Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1938.

Meu caro Meyer.

Escrevo-lhe às pressas, apenas pra não retardar o grande abraço que quero dar a você por sua nomeação<sup>59</sup>, nem os agradecimentos que lhe devo por sua carta do dia 31, com o resto da relação dos monumentos e coleções a tombar no Rio Grande.

Tive uma enorme alegria com sua vinda para o Rio e espero [firmemente?] que você se de bem aqui e que se adapte logo às suas novas funções - feitas à sua medida. Quando é que você pretende vir?

O Ministro me disse ontem que telegrafou ao Governo do Estado, pedindo que o pusessem à disposição do Ministério.

O Dr. David Carneiro veio até cá de avião, [para] conversar, e regressou ontem à Curitiba. Acho, porém, que ele não encontrará mais você aí, quando chegar ao Rio Grande, para tratar das Missões. É uma grande pena.

Fiquei interessadíssimo pelo Simões Lopes de 1913<sup>60</sup>, que você [me anuncia?] assim como pelas outras coisas.

Com muitas recomendações nossas a Dona Sara, um abraço apertado do  
seu

Rodrigo

*Carta autógrafo a tinta preta, 1 fl., 32,0 cm x 22,0 cm, escrita frente. Assinada: "Rodrigo".  
Datada: "Rio. 5 de fevereiro de 1938".*

---

<sup>59</sup> Em 1 de fevereiro de 1938, Augusto Meyer assume o cargo de diretor do Instituto Nacional do Livro, onde permaneceu entre os anos 1938-1956 e 1961-1967.

<sup>60</sup> Simões Lopes Neto (1865-1916), considerado pelos críticos literários o maior escritor regionalista do Rio Grande do Sul. Publicou três livros em vida, todos lançados em Pelotas, pela Livraria Universal: *Cancioneiro guasca* 1910), *Contos gauchescos* (1912), *Lendas do sul* (1913).

## Índice

- Academia Brasileira de Letras – 9n
- Academia Catarinense de Letras – 6n
- Academia Paulista de Letras – 47n
- Academia Rio-Grandense de Letras – 2n
- Ação Integralista Brasileira – 47n
- AMADO, Jorge – 32n
- ANDRADE, Carlos Drummond de – 3n, 4n,12n,21n, 37n,43,44,45,47
- ANDRADE, Mário de – 1n,3n,9n,34n,37
- Artistas coloniais* – 4n
- Associação Brasileira de Imprensa – 24n
- Associação Rio-Grandense de Imprensa – 45n
- ATAÍDE, Tristão de. Ver LIMA, Alceu Amoroso
- BANDEIRA, Manuel – 21n
- BECKER, João, Dom – 15n, 16
- BENTO, Antônio – 32n,36
- BERNARDI, Mansueto – 15n
- Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul- 1, 45n
- Boletim de Ariel* – 8n
- Brasil, monumentos históricos e arqueológicos* – 4n
- CÂMARA, Armando –15n
- Cancioneiro guasca* – 48n
- CAPANEMA, Gustavo – 1n,12n,21n,37n,44,46
- CARDOSO, Altamiro – 30, 34
- CARDOSO, Lúcio – 32n
- CARNEIRO, Davi – 3n, 25,28,42,44,45,47,48
- CASTILHOS, Júlio de – 9n
- Comissão Gaúcha de Folclore – 2n
- Contos gauchescos* – 48n

Le Corbusier – 1n  
 CORREIA, Ernâni – 30  
*Correio do Povo* – 9n  
 COSTA, Lúcio – 1n,3n, 9n,25,27,28n,29,30,31n,32,35,36,37,42,43,44  
 COSTA, Adroaldo Mesquita da – 15n, 16  
 CRULS, Gastão – 8n  
 CUNHA, Flores da – 2n  
 Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo – 34n  
*Diário de Minas* – 21n  
*Diário de Notícias* – 24n  
 DUARTE, Eduardo – 22n  
 Editora José Olímpio – 21n  
 Editora Schmidt – 32n  
*O Estado de S. Paulo* – 24n  
*Estética* – 24n  
*A Federação* – 45n  
 FIGUEIREDO, Jackson de – 15n  
*Folha Carioca* – 24n  
 FONTES, Henrique – 6n  
 FONTOURA, João Neves da – 2n  
 FRANCO, Afonso Arinos de Melo – 3n,26n  
 FREIRE, Gilberto – 9n,32n  
*Gaúchos e beduínos* – 45n  
 GODOFREDO FILHO – 37n  
*O Globo* – 24n  
 GUIDO, Ângelo – 18n  
 GUIMARAENS, João Alphonsus de – 21n  
 GUIMARÃES, Julieta Modesto – 30n  
*Historia del arte hispanoamericano* – 7,8  
*Homenagem a Manuel Bandeira* – 21n  
 Instituto Brasil–Estados Unidos – 10, 13

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB – 24n  
 Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul– IHGRS – 2n, 22n  
 Instituto Nacional do Livro – 42n,46,48n  
*Jornal do Brasil* – 24n  
*Jornal da Manhã* –45n  
*Lanterna Verde* -26n,32,36  
 LEÃO, Carlos – 1n,37n  
 LEME, Sebastião, Dom – 15n, 16,17  
*Lendas do sul*– 48n  
 LIMA, Alceu Amoroso – 15n, 16  
 Livraria do Globo – 2n, 9n, 25n  
 LOBATO, Monteiro – 8n  
 LOPES NETO, Simões – 48n  
 MACEDO, Epaminondas - 37n  
 MACHADO, Aníbal – 21n  
*Machado de Assis* – 8n,25,32  
 MAIA, Alcides Castilho – 9n  
 MAYERHOFER, Lucas – 34n  
 MEDEIROS, Borges de – 9n  
 MEYER, Sara Sousa – 21n,22,23,24,25,26,28,30,31,34,36,41,42,43,44,45,46,47,48  
 MEYER, Augusto Sousa – 23n  
 MEYER, Maria Lívia – 23n  
*As missões orientais e seus antigos domínios* – 8, 10  
*Monumentos artísticos e históricos do Rio Grande do Sul* – 22  
 MORAIS, Vinicius de – 21n, 32n  
 MORAIS NETO, Prudente de – 24n  
 MOREIRA , Jorge Machado – 1n  
 Museu Coronel Davi Carneiro – 3n, 9n  
 Museu Júlio de Castilhos – 9n, 22  
 Museu das Missões – 28n  
 NIEMEYER, Oscar – 1n,3n

NIMUENDAJU, Curt – 9n  
 ORNELAS, Manoelito – 45n  
 PACHECO, Edino – 34, 43,44,45,47  
*Poemas de Bilu* – 25n  
 PORTINARI, Cândido – 21n  
*A Província (PE)* – 24n  
 QUINTANA, Mário - 25n, 32, 34  
 REIDY, Affonso Eduardo– 1n  
*Revista do Brasil* – 8n  
 RAMOS,Graciliano – 32n  
*Rio Branco e Gastão da Cunha* – 4n  
 ROSA, Otelo Rodrigues – 2n  
 SALGADO, Plínio – 47n  
 SANTA ROSA, Tomás – 21n  
 SANTOS, Francisco Agenor de Noronha ver SANTOS, Noronha  
 SANTOS, Noronha – 37n  
 SCHMIDT, Augusto Frederico – 32n  
 Secretaria de Educação e Saúde Pública do Estado – RS – 2  
 Sociedade Felipe d'Oliveira– 25n  
 SOLÁ, Miguel – 7,8  
 SILVEIRA, Hemetério José Veloso da - 8, 13  
*Terra Farroupilha-* 22,23  
 TORRES, Heloísa Alberto – 37n  
*Tribuna da Imprensa* – 24n  
*Um certo Henrique Bertaso* – 25n  
 VARGAS, Getúlio – 1n,2n, 37n,  
 VASCONCELLOS, Ernani – 1n  
*Velórios* – 4n, 7  
 VERGARA, Luís – 21n, 23  
 VERÍSSIMO, Érico – 25n, 45n  
*Vozes de Ariel* – 45n



## Considerações finais

De acordo com Sérgio Miceli: “mesmo críticos renitentes aceitariam que a experiência de preservação do assim chamado ‘patrimônio histórico e artístico nacional’ constitui a política cultural mais bem sucedida na área pública deste país.”(Miceli, 2001 :359).

É justamente a essa experiência que a leitura das cartas de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Augusto Meyer, realizada em nossa pesquisa, nos remete.

Por meio dessa importante fonte documental percebemos que a implantação e consolidação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), não foi um empreendimento fácil, daí a denominação “fase heróica” a que nos referimos no capítulo II .

Sobre essa fase Mariza Velozo M. Santos classificou seus participantes como membros do que ela denominou de “Academia do SPHAN” à qual, segundo a mesma autora, possuía

como uma de suas “armas”, como traço de sua distinção, o caráter pioneiro, heróico, inaugural de sua atuação. O fato de “começar do zero”, de criar uma instituição, um órgão público de âmbito nacional, investia tal grupo de uma sacralidade capaz de impulsionar-lhes uma enorme disposição de trabalho, ânimo para enfrentar todas as barreiras. (Santos, 1992:330).

É importante destacar que embora faça parte de um arquivo privado pessoal, as cartas de Rodrigo a Meyer resgatam a participação deste último numa atividade pública e informam sobre o caráter pessoal de sua indicação para essa atividade num momento em que ainda não existia uma instituição oficial voltada para a proteção do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul.

Por meio dessa correspondência passamos a conhecer os procedimentos e critérios adotados na execução das primeiras medidas relativas ao inventário, tombamento e ao programa de restauração dos bens patrimoniais considerados de valor artístico e histórico, ameaçados de perda.

É ainda nesse contexto de criação e implementação do SPHAN, revelado nas cartas de Rodrigo a Meyer, que podemos perceber como os lugares de memória começam a ser privilegiados. Durante o período em que esteve à frente do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade e equipe realizaram obras de conservação, consolidação e restauração em proveito dos bens tombados; desenvolveram estudos e

pesquisas relacionados à história e à arte do Brasil em diversas áreas; organizaram documentos recolhidos em arquivos públicos, privados de irmandades; iniciaram trabalhos de inventário dos bens tombados; reuniram valioso arquivo fotográfico, criaram uma biblioteca especializada em patrimônio público e um laboratório-ateliê que recuperava obras de pintura antiga, escultura e documentos. Um setor de museus que apoiava o surgimento de novas unidades museológicas nos locais onde monumentos eram tombados, assegurando a preservação das edificações e a proteção de patrimônio imóvel ameaçado.

Finalmente gostaríamos de destacar duas crônicas que relatam com muita clareza e sensibilidade o que foram esses primeiros anos do SPHAN. Estamos falando de Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, dois importantes participantes desse momento histórico.

Drummond assim se manifesta em crônica intitulada “Na balança”, publicada no *Correio da Manhã*, em 22 de abril de 1956:

Rodrigo, ao trocar a advocacia pela administração federal, renunciou por assim dizer à vida particular, e de então para cá não teve outro pensamento que não fosse em benefício da DPHAN. Suas alegrias passaram a ser as resultantes de uma etapa vencida na organização nacional do serviço, uma obra de restauração bem acabada, um achado precioso no campo da história da arte. E suas tristezas eram tristezas igualmente cívicas: a teimosia de um arcebispo ou governador porfiando na destruição de um monumento colonial, a luta no judiciário para impedir o atentado a coisas inscritas no Livro de Tombo, o pouco rendimento de uma iniciativa. Exigindo de suas forças mais do elas poderiam dar humanamente, nunca se considerou em dia com as obrigações assumidas ao aceitar o cargo. É dos raros, dos raríssimos para quem a expressão “servidor público” tem sentido concreto e positivo, e sentem sempre diante de si a presença desse padrão invisível que é o povo. (Andrade, 1956).

Como membro do Conselho Consultivo, Manuel Bandeira, escreveu em crônica intitulada “Que idade risonha e bela”, publicada em 25 de abril de 1956:

Ideada por Capanema, planejada por Mário de Andrade, aprovada por Vargas, que sempre a amparou, salvo no caso em que não resistiu a pressão do Arcebispo D. João Becker, responsável pela demolição da velha Igreja do Rosário, em Porto Alegre, a repartição organizada e dirigida por esse homem, cidadão, administrador, amigo (*j'en passe*) exemplar que é Rodrigo, vem prestando os mais assinalados serviços à cultura nacional.[...] A luta tem sido muitas vezes, árdua. Se Rodrigo encontrou aliados fiéis, como o inesquecível D. Sebastião Leme, pioneiro na campanha de salvação do patrimônio artístico de nossas igrejas, deparou, em numerosas ocasiões, oposição tremenda da parte mesma daqueles que deveriam estar interessados na ação de defesa. (Bandeira, 1956).

As crônicas acima encontram-se nos arquivos dos referidos literatos os quais integram o conjunto de acervos do AMLB. Consideramos sua citação oportuna na medida em que revelam a existência de mais um “lugar” onde se pode encontrar referências sobre a participação de Rodrigo e de Meyer na história da preservação do patrimônio cultural brasileiro. Além disso tais crônicas reforçam o pressuposto dessa dissertação qual seja o de que os arquivos privados pessoais se constituem em importante fonte documental para a pesquisa histórica.

## REFERÊNCIAS ARQUIVÍSTICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Na balança. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1956. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da FCRB.

\_\_\_\_\_. Meyer na Academia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 maio 1960. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da FCRB.

\_\_\_\_\_. Museu: fantasia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1972. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da FCRB.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. [Ofício ao Ministro Gustavo Capanema]. Rio de Janeiro, 23 jul. 1936. Coleção Personalidades. Série: Rodrigo Melo Franco de Andrade. Arquivo Noronha Santos, do IPHAN.

ATO de nomeação de Augusto Meyer para o cargo de Diretor do Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1 fev. 1938. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da FCRB).

BANDEIRA, Manuel. Que idade risonha e bela. Recorte de crônica publicada em 25 abr. 1964. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da FCRB.

MEYER, Augusto. Mãe d'água. [S.l.], 1924. Manuscrito de poesia, com emendas. Arquivo Augusto Meyer, acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da FCRB.

MEYER, Augusto. [Carta a Rodrigo M.F. de Andrade]. [Porto Alegre], 29 maio 1937. Série: Arquivo técnico e administrativo do IPHAN. Arquivo Noronha Santos, do IPHAN).

LYRA, Irapoan Cavalcanti de. [Ofício ao diretor do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura]. Rio de Janeiro, 16 nov. 1972. – processo 23/1972 – instalação do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa.

QUEIRÓS, Raquel de. Museu de literatura. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 26 out. 1975. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da FCRB.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. [Discurso]. Rio de Janeiro, 28 dez. 1972. – processo 23/1972 – instalação do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Org.) *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade (1936-1945)*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981. (Publicações SPHAN, 33).

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Rodrigo e o SPHAN: coletânea de textos sobre patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1987. (Publicações SPHAN, 38).

BARBOSA, Francisco de Assis. *Discursos na Academia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

BAUER, Leticia. O arquiteto e o zelador: patrimônio cultural, história e memória, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2007. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index3807.html>>. Acesso em: 16 maio 2008.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes tratamento documental*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

\_\_\_\_\_. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 21, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/246.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2008.

BOMENY, Helena. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce. (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 137-166.

BRASIL. Decreto nº 22.928, de 12 de julho de 1933. Erige a cidade de Ouro Preto em monumento nacional. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao>>. Acesso em: 30 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 24.735, de 14 de julho de 1934. Aprova regulamento para o Museu Histórico Nacional. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=31712>>. Acesso em: 16 maio 2008.

\_\_\_\_\_. Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, p. 1210, 15 jan. 1937. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao>>. Acesso em: 30 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 6 de dez. 1937. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao>>. Acesso em: 30 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937. Cria o Instituto Nacional do Livro. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1937. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao>>. Acesso em: 30 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. Lei nº 6.538, de 22 de junho de 1978. Dispõe sobre os serviços postais. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 jun. 1978. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L6538.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6538.htm)>. Acesso em: 16 maio 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Cultura. *Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória*. Brasília, 1980.

CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a cultura. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v.2, n.4, p.27-36, abr. 1984.

CARVALHAL, Tânia Franco. *O crítico à sombra da estante*. Porto Alegre: Globo, 1976.

CHUVA, Márcia. Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. *Topoi*, v.4, n.7, p.313-333, jul./dez. 2003.

COSTA, Célia Maria Leite. As novas tecnologias e os arquivos pessoais: a experiência do CPDOC. In: ANTUNES, Benedito. (Org.). *Memória, literatura e tecnologia*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005. p.73-84.

\_\_\_\_\_. *Panorama dos arquivos pessoais no Brasil*. Trabalho apresentado no 6º Congresso de Arquivologia do Mercosul. Campos de Jordão, SP, 17-20 de outubro de 2005.

COSTA, Ligia Martins. O pensamento de Rodrigo na criação dos museus do PHAN (1991). In: \_\_\_\_\_. *De museologia, arte e políticas de patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2002. p.73-88. (Edições do Patrimônio).

COSTA, Maria Elisa. *Com a palavra, Lucio Costa*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.21, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/241.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2008.

FERNANDES, Ligia. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

FONSECA, Maria Odila. *Arquivologia e ciência da informação*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FRAIZ, Priscila Moraes Varella. *A construção de um eu autobiográfico: o arquivo privado de Gustavo Capanema*. Rio de Janeiro, 1990. 199 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.59-87, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/237.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2008.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Arquivo Museu de Literatura Brasileira. *Inventário do arquivo Augusto Meyer*. Organização Beatriz Folly e Silva e Nailda Marinho da Costa. Rio de Janeiro, 1988. (Série CLB, 2).

\_\_\_\_\_. Arquivo Museu de Literatura Brasileira. *Inventário do arquivo Manuel Bandeira*. Organização Beatriz Folly e Silva e Maria Eduarda de Almeida Viana Lessa. Rio de Janeiro, 1989. (Série CLB, 3).

\_\_\_\_\_. Arquivo Museu de Literatura Brasileira. *Inventário do arquivo Carlos Drummond de Andrade*. Organização Maria Eduarda de Almeida Viana Lessa, introdução Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1998. (Série AMLB, 6).

\_\_\_\_\_. Arquivo Museu de Literatura Brasileira. *Inventário do Arquivo Vinícius de Moraes*. Organização e apresentação Eliane Vasconcelos. Rio de Janeiro, 1999. (Série AMLB, 7).

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.121-127, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2008.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire*. Campinas: Mercado de Letras, 2005. (Coleção Letras em Série).

\_\_\_\_\_. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUIMARÃES, Júlio Castañón. Pesquisa em acervos literários. Separata de: *Mosaico*: revista da Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, ano 1, n.0, p.22-31, fev. 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Cartas de Murilo Mendes a Roberto Assumpção*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007.

HEYMANN, Luciana Quillet. *Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.19, 1997. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/209.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2008.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1972.

LIMA, Alceu Amoroso. Saudação a Augusto Meyer, na sua recepção na Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 19 abr. 1961. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 30 jan. 2008.

MARINHO, Teresinha. Notícia biográfica. In: ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Rodrigo e seus tempos*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

MASINA, Lea; APPEL, Mirna Bier. (Org.) *A geração de 30 no Rio Grande do Sul: literatura e artes plásticas*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

MEMORIAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Caderno de História – n. 25: ensaístas gaúchos*. Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/>>. Acesso em: 30 jan. 2008.

MEYER, Augusto. O grupo da Livraria do Globo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 maio 1966. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da FCRB.

MEYER, Augusto. *Segredos da infância: no tempo da flor*. Porto Alegre: IEL/Universidade/UFRGS, 1996.

\_\_\_\_\_. *Os pêssegos verdes*. Organização e introdução de Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: ABL, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ensaaios escolhidos*. Seleção e prefácio de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

MICELI, Sergio. Intelectuais brasileiros. In: \_\_\_\_\_. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.229-237.

\_\_\_\_\_. SPHAN: refrigerio da cultura oficial. In: \_\_\_\_\_. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.358-367.

MORAES, Marco Antonio de. (Org.). *Correspondência Mario de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000. (Coleção Correspondência de Mário de Andrade, 1).

NEDEL, Leticia Borges. Breviário de um museu mutante. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n.23, p.87-112, jan./jun.2005.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília e Almeida Neves. (Org.). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.323-349. (O Brasil Republicano, v.2).

PEREZ, Renard. Augusto Meyer. In: *Escritores brasileiros contemporâneos: 27 biografias, seguidas de antologia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. p.57-61.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.3, 1989. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2008.

RIBEIRO, Maria Aparecida; VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Drummond(D)tezuma: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Joaquim Montezuma de Carvalho*. Coimbra: Editora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: *Ora (direis) puxar conversa!:* ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.59-95.

SANTOS, Mariza Veloso Motta. *O tecido do tempo: a idéia de patrimônio cultural no Brasil – 1920-1970*. Brasília, 1992. 498 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

SANTOS, Mônica de Menezes. O homem arquivado. Disponível em: <[http://www.verbo21.com.br/2007/072007/ensaio072007\\_02.html](http://www.verbo21.com.br/2007/072007/ensaio072007_02.html)>. Acesso em: 16 maio 2008.

SANTOS, Zeny Duarte de Miranda Magalhães dos. *Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho*: estudo arquivístico e catálogo informatizado. Salvador, 2000. 391 f.



Tese (Doutorado em Letras e Lingüística) – Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000827/01/T178.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2008.

SÜSSEKIND, Flora. (Org.). *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa Rui Barbosa, 2001.

THOMASSEN, Theo. Uma primeira introdução à arquivologia. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.5-16, jan./jun. 2006.

VASCONCELLOS, Eliane. *O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira: um sonho drummondiano*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

\_\_\_\_\_. Carta missiva. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.7-13, jan./jul.1998.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília Almeida Neves. (Org). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.145-179. (O Brasil Republicano, v.2).

VERÍSSIMO, Érico. *Um certo Henrique Bertaso*: pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Globo, 1973. Edição comemorativa aos 50 anos de trabalho do editor Henrique Bertaso (1922-1972).

### Sítios da internet

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: jan. 2008.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. Legislação. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/sicon/ExecutaPesquisaLegislacao.action>. Acesso em: jan. 2008.

CASA DE LUCIO COSTA. Disponível em: <<http://www.casadeluciocosta.org/>>. Acesso em: jan. 2008.

CASA DE PORTINARI. Disponível em: <<http://www.casadeportinari.com.br/>>. Acesso em: jan. 2008.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Disponível em: <[http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/biografias/ev\\_bio\\_gustavocapanema.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_gustavocapanema.htm)>. Acesso em: jan. 2008.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Disponível em: <[http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/biografias/ev\\_bio\\_pliniosalgado.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_pliniosalgado.htm)>. Acesso em: jan. 2008.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Disponível em: <<http://fcrb2.rionet.com.br/casaruibarbosa/apec/>>. Acesso em: jan. 2008.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Disponível em:  
<<http://www.sol.sc.gov.br/fcc/espacos/cic.htm>>. Acesso em: jan. 2008.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Disponível em:  
<<http://www.ihgb.org.br/acervo31.php>>. Acesso em: jan. 2008.

MUSEU JULIO DE CASTILHOS. Disponível em:  
<<http://www.museujuliodecastilhos.rs.gov.br/>>. Acesso em: jan. 2008.

**CADERNO DE IMAGENS**

1. Museu Casa de Rui Barbosa.



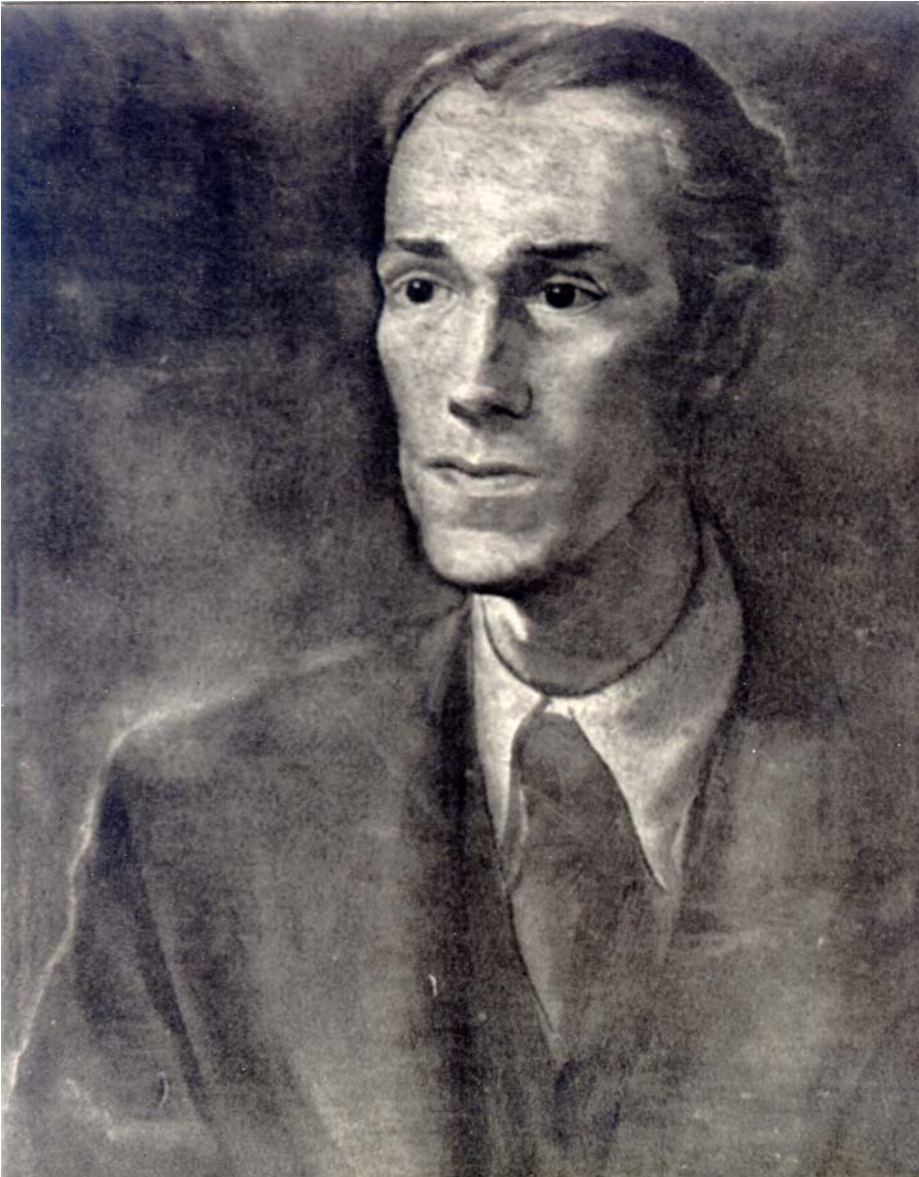
2. Fundação Casa de Rui Barbosa – Prédio anexo



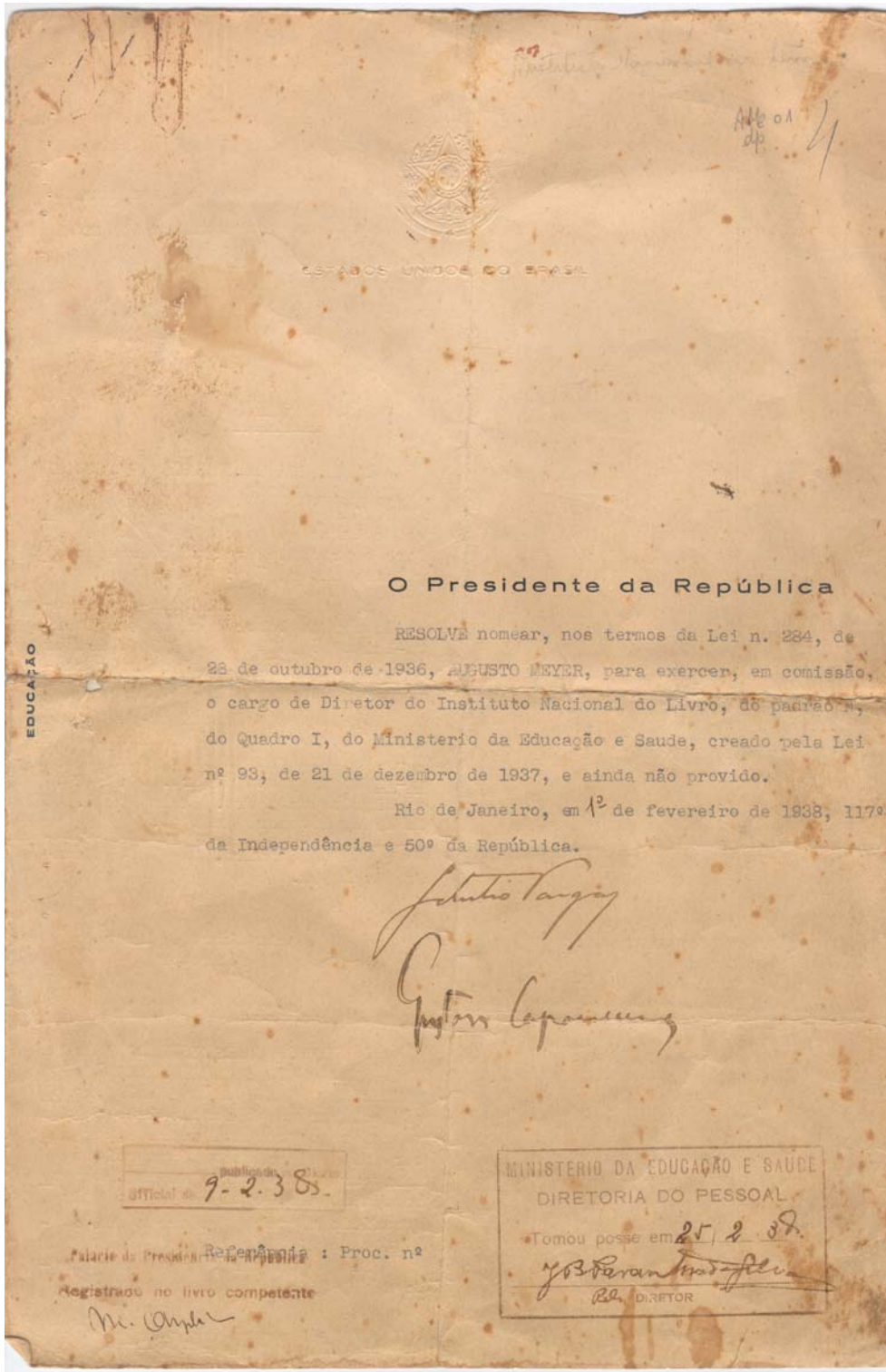
3. Fundação Casa de Rui Barbosa - Sala do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira



4. Augusto Meyer

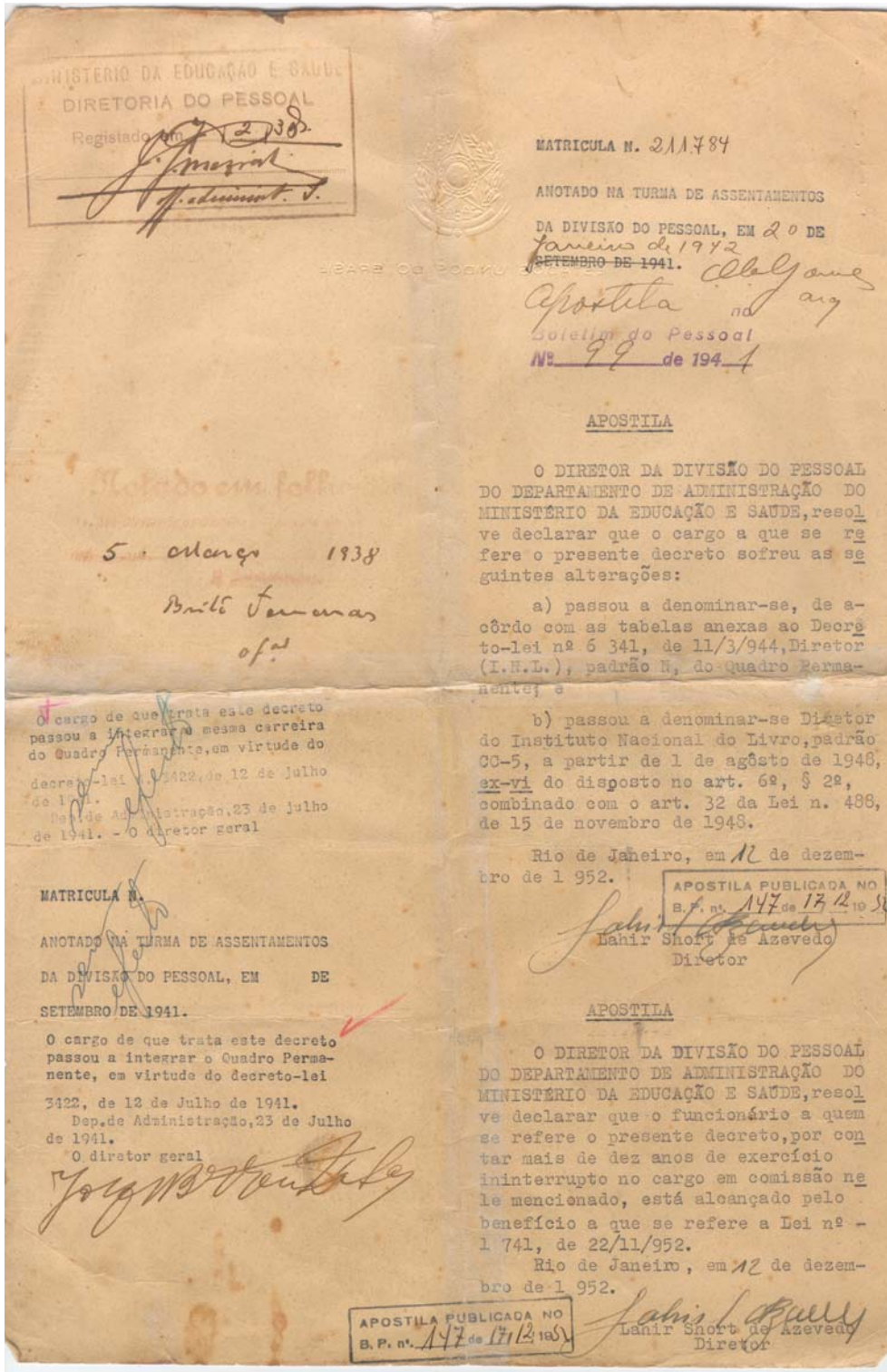


5. Augusto Meyer - Reprodução de pintura à óleo de Portinari

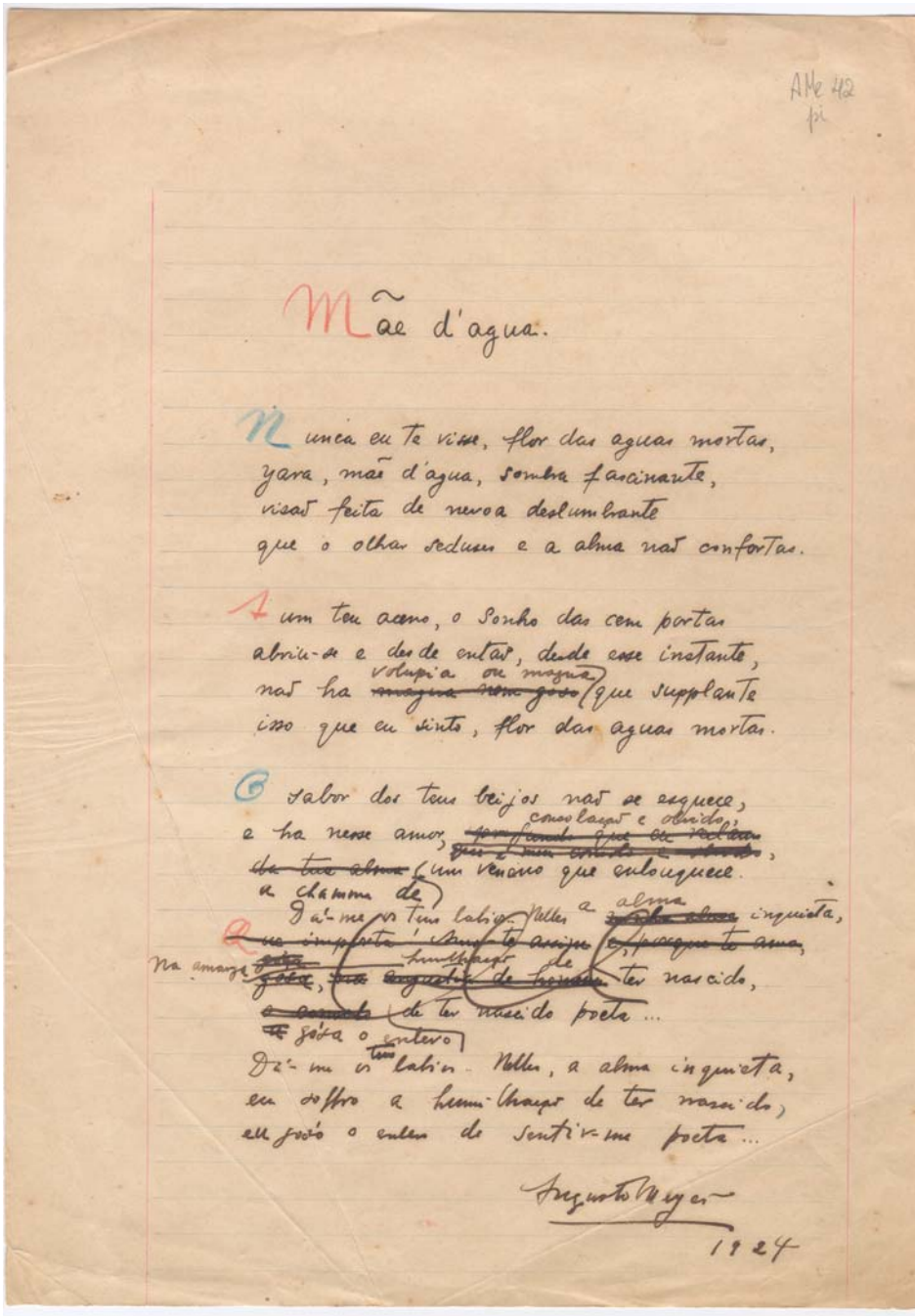


6. Ato de nomeação de Augusto Meyer para o cargo de Diretor do Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1938. (frente)





6. Ato de nomeação de Augusto Meyer para o cargo de Diretor do Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1938. (verso)



7. Poesia de Augusto Meyer intitulada "Mãe d'água" datada de 1924, com emendas.



8. Rodrigo M.F.Andrade



9. Conferência proferida por Rodrigo M.F. de Andrade, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1939. Na mesa e embaixo, ao lado Afrânio de Melo Franco. Entre os demais presentes: Manuel Bandeira, Cornélio Pena (sentados), Luís Jardim, Gilberto Freyre, Prudente de Moraes Neto e Gastão Cruis.

11

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA  
SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E  
ARTÍSTICO NACIONAL

Avenida Nilo Peçanha, 155, 7º andar  
(Salas 710 e 711)  
Edifício Nilomex - Esplanada do  
Castello

Rio de Janeiro, 9 de Março de 1937

Exmo. Snr. Dr. Augusto Meyer.

Peço permissão para dirigir-me ao senhor, afim de sollicitar sua valiosa collaboração na tarefa que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tem a realizar no Rio Grande do Sul.

Iniciado em maio do anno passado, mas só em janeiro deste anno criado effectivamente por lei federal, este Serviço se tem limitado aos trabalhos relacionados com sua organização administrativa e com a elaboração de projectos submettidos ao Poder Legislativo no sentido da protecção das obras de valor artistico e historico existentes no país. Além disso, os poucos recursos de que dispõe até agora não lhe permittiram senão principiar o tombamento dos monumentos de architectura typica situados em Minas Geraes, na Bahia, no Districto Federal e no Estado do Rio. Dentro em breve, porém, desde que estejam á sua disposição as quantias que lhe foram attribuidas no orçamento vigente e na lei n.º 378 de 13 de janeiro do anno corrente, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional se empenhará por dilatar a sua acção até o Rio Grande do Sul, no proposito de inventariar os bens de valor historico e artistico excepcional existentes no Estado e bem assim proceder aos estudos necessarios para o fim de dar inicio ás obras de conservação ou de restauração que reclamarem alguns dos monumentos ahí situados, entre os quaes se destacam os vestigios das construcções das missões jesuiticas, em São Miguel.

No entanto, não desejo tomar nenhuma providencia com esse objectivo, sem ter obtido previamente quer o seu valioso parecer sobre a orientação a adoptar nos trabalhos que este Serviço tem em vista no Rio Grande, quer sua autorizada resposta ás seguintes consultas que tomo a liberdade de lhe submeter:

1º) haverá possibilidade do senhor indicar alguma bibliographia satisfactoria relativa ás obras de interesse historico e artistico nesse Estado?

2º) haverá possibilidade de colligir com certa presteza documentação photographica sobre as obras de architectura civil e religiosa situadas no Rio Grande e que interessem á finalidade deste Serviço?

Queira relevar-me a presente iniciativa e acceitar, com a anticipação de meus sinceros agradecimentos, os protestos da minha elevada estima e antiga admiração.

*Rodrigo M. F. de Andrade*

1 - 32

10. Carta de Rodrigo M.F. de Andrade a Augusto Meyer. Rio de Janeiro, 9 de março de 1937

Edifício Nilomex- Avenida Nilo Peçanha  
155 - 7º andar- sala 710 - Esplanada  
do Castello - Rio -

AME II  
cp

Rio de Janeiro-22 - 4 - 1937 -

Caro Dr. Augusto Meyer.

Tive uma grande satisfação com sua carta, aceitando a designação para assistente tecnico do Serviço do Patrimônio Historico e Artístico Nacional na 7ª Região. Desde que pensei na organização administrativa deste departamento e nos seus colaboradores principais, sua escolha se impoz desde logo e eu não poderia me conformar com outro assistente tecnico para essa Região.

Em relação ao receio que o senhor manifesta de não poder conciliar inteiramente o exercicio de seu cargo de Director da Bibliotheca com as funções de que será investido, penso que elle é infundado, pois não haverá necessidade de se afastar frequentemente da séde da Região, que é mesmo Porto Alegre. Bastará que, uma vez ou outra, o senhor realize algumas inspecções, mas poderá confiar a execução de serviços fóra dahi a pessoas de sua escolha, correndo as despesas por conta da verba de material da repartição. De resto, o architecto chefe da Comissão Central do Tombamento deverá percorrer essa Região dentro de algum tempo e eu, se puder, irei na companhia d'elle.

Além disso, no Paraná, já estou em contacto com o Dr. David Carneiro, a quem solicitei emprender o inventario dos bens de excepcional valor historico e artistico situados no territorio daquelle Estado, a principiar pela parte de architectura, prevenindo-o, porém, de que terá de ficar subordinado á autoridade do assistente tecnico da 7ª Região. Si o senhor concordar, penso que se poderá proceder da mesma forma no tocante a Sta. Catharina, ficando a seu alvitre a designação do encarregado do serviço etc.

O que lhe peço com grande empenho é o favor de providenciar no sentido de remetter-me urgentemente os documentos necessários ao expediente de seu contracto e que são os seguintes: carteira eleitoral, carteira de reservista ou certidão de quitação com serviço militar e attestado de saude (este emanado da repartição competente para fornece-lo).

Espero sua resposta a esta carta, afim de lhe escrever novamente, prestando outros esclarecimentos de que o senhor porventura carecer.

Muito grato pela sua honrosa acquiescencia ao meu convite, abraça-o cordialmente o

sincero ador. e amo.

I. 34  
Rodrigo M. F. de Andrade

Rio de Janeiro, 4 de junho de 1937

Alc M  
Ep

Caro Dr. Augusto Meyer.

Fiquei muito animado com as noticias que sua ultima carta me trouxe sobre o andamento do serviço no Rio Grande. Estou certo de que o senhor conseguirá até o fim deste mês colligir os dados essenciaes sobre todos os monumentos de architectura de interesse artistico ou historico existentes nessa Estado, assim como a documentação photographica mais completa possivel relativa a cada um delles. Achei excellente o criterio que o senhor adoptou para esse effeito, limitando o inventario ás obras edificadas no periodo comprehendido entre as missões jesuiticas e a revolução dos Farrapos.

A demolição do antigo Collegio de São Luiz, precisamente no instante em que davamos inicio á nossa actividade nessa Região, constituiu um attentado inqualificavel que nos deveria desalentar para a execução da tarefa a que nos propomos, si não fôra a cêrteza que podemos ter da impossibilidade da reproducção de semelhante vandalismo desde que seja promulgada a lei já approvada pela Camara, organizando effectivamente a protecção do patrimonio historico e artistico nacional e outorgando poderes a esta repartição para intervir nesse sentido quer junto aos particulares, quer junto ás autoridades federaes, estadoaes e municipaes.

Á vista, porém, do que occorreu em São Luiz, consulto-o si não será possivel reunir dados minuciosos e documentação photographica sobre a edificação demolida, assim como salvar e preservar ainda os seus elementos que tenham subsistido.

Quanto aos vestigios das outras obras das missões jesuiticas no Rio Grande, o livrinho de Solá sobre a "Arte hispano-americana" não tem nenhuma reproducção photographica a seu respeito. Em compensação ha nelle dados muito precisos sobre S. Miguel e, em relação a St Nicolau, o seguinte:

"Muy pocos restos quedan de las construcciones jesuiticas de las demas misiones del territorio del Brasil. Por su completo carácter indigena hemos mencionado ya el edificio circular que existe en el cementerio de San Nicolás; está hecho con aparejos poligonales de tres metros de largo por dos de ancho. Lleva en su parte superior una cruz de piedra flanqueada por dos figuras de talla primitiva. Las jambas y el dintel de la puerta son monoliticos y reticulados e impresionan en sentido incaico. En el mismo pueblo de San Nicolas quedan dos grandes torres de piedra de silleria, que las gentes de la localidad llaman Casas del Cabildo."

Aguardo com muito interesse "As Missões Orientaes" de Hemeterio Velloso. O senhor ponha o respectivo preço na

I. 39

12. Carta de Rodrigo M.F. de Andrade a Augusto Meyer. Rio de Janeiro, 4 de junho de 1937 (fl.1)

- 2 -

conta do Serviço. Submitterei aos architectos deste Serviço a reconstituição a que o senhor se refere e não deixarei de lhe mandar parecer daquelles technicos.

O "Relatorio da visita feita ás ruinas de São Miguel no Municipio de Santo Angelo" deve ser do maior interesse. Ficar-lhe-ei agradecido si o senhor me remetter desde já a bibliotheca de que dispõe, tal como teve a bondade de offerecer.

Em materia de architectura popular, não haverá ahí algum monumento interessante?

Em data de hontem remetti-lhe por intermedio do Banco do Brasil (ordem de pagamento telegraphica) a importancia correspondente aos seus vencimentos do mês de maio, com o desconto do imposto a que se refere a lei n° 183, assim como da commissão do Banco, telegramma e sellos. Rogo-lhe o favor de enviar-me o respectivo recibo nos termos da minuta inclusa.

Contando sempre com suas noticias, abraça-o affectuosamente

o ador. e amo. obro.

Rodrig. M. F. de Andrade

12. Carta de Rodrigo M.F. de Andrade a Augusto Meyer. Rio de Janeiro, 4 de junho de 1937 (fl.2)



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)